



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica

Dionísio Miguel Da Cunha Ribeiro Gomes

**O DIÁLOGO COMO MÉTODO: A COMUNICAÇÃO
INCLUSIVA E ABERTA COMO PROPOSTA
PEDAGÓGICA CONSTRUTIVA**

Apresentação e análise da Unidade Letiva 3 «Riqueza e sentido dos afetos» ao 7ºAno do Ensino Básico de EMRC

**Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada
sob orientação de:
Prof.a Doutora Maria Isabel Pereira Varanda**

**Braga
2023**

Ama e faz o que quiseres

Se calares, calarás com amor; se gritares, gritarás com amor; se corrigires, corrigirás com amor; se perdoares, perdoarás com amor.

Se tiveres o amor enraizado em ti, nenhuma coisa senão o amor serão os teus frutos.

Santo Agostinho (354-430)

AGRADECIMENTOS

“Abraão ergueu os olhos e viu três homens de pé em frente dele.¹” Não viu os seus rostos, não fez perguntas, só reconheceu a alteridade e a singularidade do outro à sua frente e numa posição assimétrica sentiu-se responsável e respondeu prontamente.

Da mesma forma, reconhecendo o valor das respostas prontas e incondicionais, quero humildemente agradecer:

à **Professora Doutora Isabel Varanda** pela competência com que orientou este meu relatório e o tempo que generosamente me dedicou transmitindo-me os melhores e mais úteis ensinamentos;

à **Professora Eugénia Monteiro** pela bondosa disponibilidade, pelo ininterrupto apoio e orientação. Assertiva e amiga;

aos meus **colegas e amigos** de curso pela partilha;

à **Susana**, minha esposa e meu pilar dedico especialmente este relatório. Agradeço a sua paciência e apoio incondicional;

à minha **família**, pelo porto de abrigo.

¹ Bíblia Sagrada, (Lisboa: Difusora Bíblica, 1976), 36.

RESUMO

Este relatório da Prática de Ensino Supervisionada tem como objetivo mostrar a importância do diálogo como ferramenta educacional e pedagógica num mundo cada vez mais globalizado e especialmente desafiador no que às relações interpessoais diz respeito, sobretudo entre os adolescentes.

Para mitigar os constrangimentos que a evolução tecnológica tem trazido ao diálogo cara a cara junto dos mais novos, elencamos neste relatório o trabalho de três grandes protagonistas: a escola, que tem trabalhado arduamente para acompanhar estas mudanças, tentando reforçar as relações humanas através da partilha de valores e conhecimentos, tendo em vista uma sociedade mais humana; os professores, fundamentais no crescimento intelectual, científico e humano, mas fundamentalmente no estímulo ao pensamento crítico; e a disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica, que tem ajudado os alunos a desenvolver a sua consciência de responsabilidade social, promovendo o respeito e a tolerância.

Com base nestes pressupostos, exploramos as teorias dialógicas de Martin Buber e de Paulo Freire que apresentam o conceito de diálogo como veículo para uma nova civilização; a elevação do conhecimento através do diálogo segundo a perspectiva de Edgar Morin; e a importância do diálogo inter-religioso e da escola como instigadora, aos olhos de Francisco, o Santo Padre.

É ainda abordado o imperativo ético de progresso que traz a comunicação inclusiva e aberta quando exploradas todas as suas potencialidades.

A Unidade letiva 3 do manual do 7.º ano do Programa de Educação Moral e Religiosa Católica, "Riqueza e Sentido dos Afetos", foi escolhida como referência para ilustrar essas abordagens junto dos alunos. Neste trabalho mostramos as opções pedagógicas e didáticas tomadas por nós para o ensino da Unidade letiva, tendo como foco central os afetos e a adolescência.

Palavras-chave: diálogo; comunicação; jovens; religião; educação

ABSTRACT

This Supervised Teaching Practice report aims to show the importance of dialogue as an educational and pedagogical tool in an increasingly globalized and especially challenging world with regard to interpersonal relationships, especially among adolescents.

In order to mitigate the constraints that technological evolution has brought to face-to-face dialogue with younger people, we list in this report the work of three major protagonists: school, which has worked hard to keep up with these changes, trying to strengthen human relationships through sharing of values and knowledge, aiming a more humane society; teachers, fundamental in intellectual, scientific and human growth, but fundamentally in stimulating critical thinking; and the discipline of Catholic Moral and Religious Education, which has helped students to develop their awareness of social responsibility, promoting respect and tolerance.

Based on these assumptions, we explore Martin Buber's and Paulo Freire's dialogical theories that present the concept of dialogue as a vehicle for a new civilization; the elevation of knowledge through dialogue according to the perspective of Edgar Morin; and the importance of inter-religious dialogue and of school as an instigator, in the eyes of Francis, the Holy Father.

It also addresses the ethical imperative of progress that brings inclusive and open communication when all its potential is explored.

Teaching unit 3 of the 7th grade manual of the Catholic Moral and Religious Education Program, "Wealth and Sense of Affections", was chosen as a reference to illustrate these approaches near the students. In this work we show the pedagogical and didactic options taken by us for the training of the Teaching Unit, having as a central focus the affections and adolescence.

Keywords: dialogue; communication; young people; religion; education

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO I - DIÁLOGO: PARADIGMAS NO LIMIAR DO TERCEIRO MILÊNIO	12
1. A teoria dialógica em Martin Buber e em Paulo Freire	15
2. A elevação do conhecimento através do diálogo segundo Edgar Morin	19
3. O diálogo no processo ensino/aprendizagem	25
CAPÍTULO II - O MÉTODO DO DIÁLOGO SEGUNDO O PAPA FRANCISCO.....	30
1. O diálogo como veículo para uma nova civilização	32
1.1 A importância do diálogo inter-religioso	36
1.2 A escola católica como instigadora	39
2. Desafios à escala global	43
3. Comunicação inclusiva e aberta – imperativo ético de progresso	46
3.1 Da ambição à prática: um caminho complexo	49
3.2 As potencialidades da inclusão e da abertura na comunicação	51
CAPÍTULO III - RIQUEZA E SENTIDO DOS AFETOS: OPÇÕES PEDAGÓGICAS E DIDÁTICAS PARA O ENSINO DA UNIDADE LETIVA	54
1. Os afetos como percepção da realidade	57
2. Adolescência: construção da personalidade	58
3. O papel do professor na mediação pedagógica	62
4. O lugar de EMRC na problematização da Unidade	66
4.1 Caracterização da escola e da turma.....	70
4.2 Proposta de planificação da Unidade Letiva 3.....	72
5. Reflexão crítica sobre as aulas lecionadas e à Unidade Letiva 3	94
CONCLUSÃO	96
BIBLIOGRAFIA	101

ANEXOS 107

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1: Domínios e Metas curriculares	70
Figura 2: Formas privilegiadas de aprender	74
Figura 3: És adolescente? Porquê?	95
Figura 4: Máscara: durante o meu dia represento várias personagens	99
Figura 5: Cartão para escrever com a caneta de tinta invisível	103
Figura 6: Caixas de lápis de cor alusivas a Santo Agostinho: “Ama e faz o que quiseres” ..	107

INTRODUÇÃO

No âmbito do Mestrado em Ciências Religiosas e para conclusão da Prática de Ensino Supervisionada (PES) com estágio na Escola Básica de Nogueira, em Braga, no ano letivo de 2021-2022, apresentamos este Relatório Final que se debruça sobre a importância do diálogo como forte instrumento educacional e pedagógico num mundo cada vez mais globalizado, que tem estado a tirar terreno às relações interpessoais.

O tema é pertinente, senão vejamos estes dados recentes: foi apresentado em 2022, durante a Pandemia, um estudo, feito em colaboração com a Organização Mundial de Saúde em 51 países, e que reúne dados relativos a 2022, comparando-os com 2018, que põe em evidência a excessiva exposição dos jovens às tecnologias digitais. Esta exposição sobrepõe-se ao contacto social a um ritmo vertiginoso, condicionando os mais novos de dialogarem cara a cara, de contactarem com outras experiências ao ar livre e com outro tipo de objetos que não apenas de interatividade digital.²

Esta análise olhou para o que mudou nas crianças e adolescentes nos últimos quatro anos, correlacionando-os com a pandemia provocado pela Covid-19. Um tempo marcado por uma bem maior permanência em casa e mais convívio em família. Oportunidade ideal para reforçar laços através do diálogo.

De acordo com o relatório feito a partir de inquéritos online a 5809 jovens portugueses, do 6º (29,6%), do 8º (33,5%) e do 10º (37%) ano de escolaridade, dos quais 50,9% do género feminino, com uma média de idade de 14,09 anos, as discussões em família versam mais o “uso de tecnologias de informação e comunicação ou à inatividade/sono [...] do que as discussões associadas a fumarem (11,7%) ou a beberem (18,1%)”, dados que mostram uma mudança de paradigma.

Os problemas que advêm do uso excessivo das tecnologias atingem não só a gestão de emoções, mas também a sua demonstração perante os outros, lembrou a psicóloga Sofia Ramalho numa grande reportagem de 2020 feita pelo Jornal Público. “É muito mais fácil aos jovens dizerem como se sentem quando ninguém está a ver. A utilização da tecnologia como meio faz com que percamos a nossa capacidade de expressar emoções”, alertava na altura.

“A falta de treino destas competências vai gerar problemas de comunicação no futuro. Desde um maior número de conflitos, menos assertividade, menor capacidade na resolução de problemas”, esclarecia.

² HBSC/OMS, «A Saúde dos Adolescentes Portugueses em Contexto de Pandemia 2022», acedido a 22 de fevereiro de 2023, <https://shre.ink/ccHT>.

Já a curto prazo, são cada vez mais comuns as situações de isolamento “quando os jovens se resguardam nas tecnologias para não enfrentar a relação com o outro”, dizia Ramalho.³

A ausência de afeto, por exemplo, tão importante no período da adolescência, pode trazer consequências muito preocupantes na formação e na aquisição de valores por parte dos jovens.

Combater esta problemática é uma missão complexa. Combater a falta de diálogo entre os adolescentes deve passar por ser uma prioridade para pais, professores e pela escola.

A escola, encontra, por exemplo, na disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica, uma série de benefícios na partilha de conhecimento sobre questões de diversa ordem que interessam aos jovens, mas também tem nos professores bons aliados na transmissão da mensagem, porque estes educadores reúnem competências para ajudar os jovens na busca e no encontro do seu próprio caminho, oferecendo-lhes instrumentos que os ajudem a pensar.

Nesta perspetiva, a ciência e a religião podem e devem andar de mãos dadas na medida em que uma procura e fundamenta o conhecimento com factualidade e a outra o partilha baseada em valores humanos.

Com base nesta mudança de paradigma este trabalho problematiza a questão do diálogo e da comunicação como elementos fundamentais nas relações pedagógicas e humanas. O diálogo como veículo para uma nova civilização e a comunicação como instrumento poderoso que influencia a nossas atitudes, perceções e comportamentos.

Nesse seguimento, escolhemos como referência a Unidade letiva 3 do manual do 7.º ano, do Programa de Educação Moral e Religiosa Católica, “Riqueza e Sentido dos Afetos”, para materializar algumas destas abordagens juntos dos jovens alunos. A temática aborda a adolescência e o desenvolvimento da Pessoa, a construção da personalidade ou as preocupações e desafios dos jovens, enquanto passa uma mensagem cristã muito forte sobre a felicidade.

Dividimos a estrutura deste trabalho em três capítulos. Procuramos no capítulo 1 ir ao encontro das teorias dialógicas de Martin Buber e Paulo Freire, trazendo para a discussão o estado da arte relativo aos principais contributos científicos destes dois investigadores neste domínio.

Ambos acreditam que o diálogo é uma ferramenta poderosa para a educação e o crescimento pessoal. A teoria dialógica de Martin Buber é baseada na ideia de que as pessoas são essencialmente seres sociais e que o diálogo é a forma mais eficaz de interação social. Buber

³ Sofia Ramalho, «Os mais novos estão cada vez mais ligados aos dispositivos: quais os riscos e como gerir?», acedido a 21 de fevereiro de 2023, <https://shre.ink/ccxy>.

acredita que o diálogo pode ajudar as pessoas a conectarem-se a um nível mais profundo, uma vez que permite que elas explorem as suas diferenças e encontrem pontos de contacto.

Também pomos Edgar Morin em evidência mostrando o que pensa o sociólogo francês sobre a importância do diálogo quando o relacionamos com o pensamento. Morin, na sua argumentação metodológica transdisciplinar, estabelece que a complexidade trata o diálogo como recurso para a reflexão.

Abordamos, ainda, o que diz a ciência relativamente ao diálogo no processo ensino/aprendizagem, para fazermos o salto para o capítulo 2, ao abordarmos a escola católica.

No capítulo 2 vamos ao encontro da teoria relacionada com o método do diálogo segundo Papa Francisco, que vê no diálogo inter-religioso um instrumento para tornar o mundo melhor e na escola católica um poderoso veículo de transmissão da mensagem, para depois falarmos do imperativo ético de progresso que traz a incorporação da comunicação inclusiva e aberta no nosso dia-a-dia.

A comunicação pode tornar-se discriminatória se não tivermos em conta os pressupostos que influenciam a linguagem e os conteúdos visuais que escolhemos. Sem uma comunicação aberta e acessível o ser humano terá cada vez mais dificuldade em aceitar o outro, em abrir-se às suas ideias, às suas culturas e à diferença. Foi precisamente uma comunicação inclusiva e aberta que usamos na escola onde fizemos a nossa Prática de Ensino Supervisionada e é isso mesmo que mostramos no capítulo seguinte.

No capítulo 3 trabalhamos a parte empírica, mostrando quais foram as nossas opções pedagógicas e didáticas para o ensino da Unidade Letiva 3. Além da caracterização da turma, apresentamos uma proposta de planificação da Unidade, assim como as diversas atividades que escolhemos usar para passar a mensagem, que se focou na noção de afeto como perceção da realidade, na importância da construção da personalidade na adolescência e do papel do professor na mediação pedagógica.

No final, fazemos a reflexão crítica às aulas lecionadas e à Unidade Letiva 3 que, em síntese, mostrou que uma planificação cuidada das aulas evitou uma prática de ensino entregue ao acaso, que é sempre improdutiva, e garantiu que se definiram os meios necessários para a avaliação pedagógica.

CAPÍTULO I – DIÁLOGO: PARADIGMAS NO LIMAR DO TERCEIRO MILÉNIO

A diversidade cultural é um fenómeno complexo que envolve tanto a vida pública como a vida privada. A diversidade é visível nas relações interpessoais, nas organizações, nas instituições, nas formas de expressão artística e cultural, nas religiões, nas línguas, nos modos de vida e nas formas de organização social. A diversidade é também um fenómeno dinâmico, que está em constante evolução.

Neste contexto, a tolerância é um valor e uma virtude essenciais à defesa do pluralismo. Tolerância, entendida como o reconhecimento e o respeito do outro, da sua diferença, é indispensável à construção de uma sociedade pluralista, aberta e inclusiva. A tolerância é também um valor europeu e, segundo a Carta dos Direitos Fundamentais da União Europeia, deve ser promovida pelos Estados-Membros.⁴

O diálogo deve ser compreendido não só como um instrumento de promoção da diversidade, mas também como um instrumento de convivência. Com efeito, o diálogo é indispensável para que as pessoas de diferentes origens e culturas possam conviver em paz e compreender-se reciprocamente. Assim, o diálogo intercultural deve ser fomentado e desenvolvido de forma a enriquecer a vida social e cultural das pessoas, bem como a sua relação com o mundo que as rodeia.

A contribuição para o desenvolvimento de uma imagem estereotipada do outro, para o estabelecimento de um clima de desconfiança mútua, de tensão e de ansiedade, para a utilização das minorias como bodes expiatórios e, no geral, para o favorecimento da intolerância e da discriminação, é exponenciada pela inexistência de diálogo.

A ausência de diálogo priva os indivíduos de beneficiarem de novas aberturas culturais necessárias ao desenvolvimento pessoal e social, no contexto da globalização. Comunidades isoladas e fechadas criam um clima frequentemente hostil à autonomia individual e ao livre exercício dos direitos humanos e das liberdades fundamentais.⁵

O diálogo é uma das formas que nos permite compreender e respeitar as diferenças culturais. É através do diálogo que poderemos chegar a um consenso sobre os valores que são importantes para nós, e é através do diálogo que poderemos aprender uns com os outros. A Europa deve ser um exemplo para o mundo no que diz respeito ao diálogo e à cooperação.

⁴ «Carta dos Direitos Fundamentais da União Europeia», acedido a 14 de agosto de 2022, <https://shre.ink/cclt>;

⁵ «Livro Branco sobre o Diálogo Intercultural: Viver juntos em igual Dignidade», acedido a 15 de agosto de 2022, <https://bitly.com/yjweeYju>.

A educação para o diálogo intercultural é uma das principais ferramentas que podemos usar para promover a inclusão social e combater a discriminação. Ela tem o potencial de transformar as atitudes negativas e os preconceitos em relação às diferenças, bem como de estimular o entendimento mútuo e o respeito. A educação é um instrumento poderoso para a promoção da convivência harmoniosa das diferentes sociedades. A educação para o diálogo intercultural deve ser abordada de forma transversal, de modo a envolver todos os alunos, independentemente da sua origem étnica ou cultural.

A democracia exige que as pessoas sejam capazes de dialogar umas com as outras, mesmo quando pertencem a culturas diferentes. A diversidade cultural é uma fonte de riqueza e de enriquecimento mútuo. A liberdade de escolha cultural é um elemento da democracia e dos direitos humanos e, por isso, deve ser respeitada pelos Estados e pelas sociedades.

Todos os seres humanos têm o direito de participar livremente na vida cultural da comunidade, de beneficiar das artes e de participar no processo científico e dos seus benefícios. Todos os seres humanos têm direito à proteção dos interesses morais e materiais decorrentes de qualquer produção científica, literária ou artística da qual seja autor.⁶

A liberdade de escolha é também um princípio fundamental dos sistemas educativos, que devem ser abertos a todos, sem distinção de raça, de cor, de sexo, de língua, de religião, de opinião, de origem nacional ou social.

Não se ignorem, porém, as barreiras ao diálogo. A falta de vontade de dialogar é causada pelo medo dos outros, pelo preconceito, pela ignorância, pela incapacidade de aceitar as diferenças.

Nos últimos anos, temos assistido a um aumento significativo do número de discriminações e atos de violência baseados no ódio. A violência e o ódio estão a ganhar terreno na Europa e estão a minar os valores fundamentais da nossa sociedade. A tolerância, o respeito e a compreensão mútua são valores fundamentais que devem ser promovidos e defendidos. A diversidade deve ser celebrada e não temerária. Urge reforçar a luta contra todas as formas de ódio e de discriminação e garantir que todas as pessoas sejam tratadas com dignidade e respeito. O racismo, a xenofobia, a intolerância e todas as outras formas de discriminação recusam a ideia de diálogo e representam uma afronta permanente à troca de ideias.

No seio das sociedades europeias, coabitam grupos religiosos e laicos. A convivência entre múltiplas religiões é, hoje, uma realidade factual, que se traduz no pleno exercício do direito à liberdade religiosa, garantido por tratados internacionais, como o Pacto Internacional

⁶ «Carta Internacional dos Direitos Humanos», artigo 27, acedido a 12 de outubro de 2022, <https://shre.ink/cclF>.

sobre os Direitos Cívicos e Políticos, ou a Carta Social Europeia de 1961. A Declaração Universal dos Direitos Humanos, proclamada pela Assembleia Geral das Nações Unidas em 1948, assegura o direito à liberdade de pensamento, consciência e religião, bem como o direito à liberdade de expressão e de associação.

A diversidade religiosa e de opiniões é uma das maiores riquezas da Europa. A liberdade de pensamento, de consciência e de religião é um dos fundamentos de todas as sociedades democráticas.

Qualquer pessoa tem direito à liberdade de pensamento, de consciência e de religião; este direito implica a liberdade de mudar de religião ou de crença, assim como a liberdade de manifestar a sua religião ou a sua crença, individual ou coletivamente, em público e em privado, por meio do culto, do ensino, de práticas e da celebração de ritos.⁷

Esta liberdade é um dos elementos mais essenciais relativamente à identidade dos crentes e à sua conceção da vida, mas também à dos ateus, agnósticos, cétricos e indiferentes. O Papa Francisco, no seu discurso "Caligrafia para o diálogo: promover a cultura da paz através da cultura e da arte" em memória do Cardeal Jean-Louis Tauran, disse:

Não só os crentes, mas todos aqueles que são motivados pelo bem sabem como é necessário o diálogo em todas as suas formas. Dialogar não serve apenas para prevenir e resolver conflitos, mas para fazer emergir os valores e as virtudes que Deus inscreveu no coração de cada homem e evidenciou na ordem da criação. Procurar e explorar todas as oportunidades de diálogo não é apenas uma forma de viver ou coexistir, mas sim um critério educativo. O diálogo é um critério educativo.⁸

A educação para o diálogo é educação para a cidadania, porque é educação para o respeito, para a justiça, para a liberdade, para a compreensão e para a paz. A educação para o diálogo é educação para a solidariedade, porque é educação para o amor, que é a virtude que une as pessoas e as sociedades, e é também a virtude que nos leva a servir o bem comum. A educação para o diálogo é, portanto, educação para a paz, que é a condição indispensável para o desenvolvimento humano integral.

⁷«Convenção Europeia dos Direitos do Homem», artigo 9º, acedido a 5 de outubro de 2022, <https://shre.ink/ccLb>;

⁸ Francisco, «Caligrafia para o Diálogo: promover a cultura da paz através da cultura e da arte», acedido a 7 de julho de 2022, <https://bityli.com/pCEXOAi>.

1.1 - A teoria dialógica em Martin Buber e em Paulo Freire

Entre os dois autores há uma distância temporal considerável, tendo em conta a publicação das suas obras. A obra de Paulo Freire tem início em 1959 e vai até à sua última publicação, em 1997, portanto, trinta e oito anos de produção bibliográfica. Já Martin Buber tem um histórico de publicações iniciado no ano de 1907 e lançou o seu último livro em 1966, um período que durou cinquenta e nove anos. As primeiras publicações de Freire e de Buber são separadas por aproximadamente cinco décadas. O final da década de 50 foi a época em que mais coincidem as suas produções. Os temas de Paulo Freire e Martin Buber são bastante semelhantes, tendo como foco a educação, a liberdade e a relação entre o homem e o mundo. Paulo Freire é reconhecido como um dos maiores educadores brasileiros e um dos mais influentes educadores do século XX. A sua principal contribuição foi a criação da pedagogia da libertação, que teve como objetivo promover a libertação do Homem através da educação. Já Martin Buber é conhecido pela sua obra "Eu e Tu", que trata da relação entre o Homem e o mundo, e é considerado um dos maiores filósofos existencialistas. As obras dos dois autores tratam de temas semelhantes, como a relação entre o ser humano e o mundo, a educação, a liberdade e a responsabilidade. No entanto, as abordagens são diferentes. Enquanto Paulo Freire defende uma educação libertadora, Martin Buber defende uma relação de diálogo entre o ser humano e o mundo.

A teoria de Paulo Freire é baseada na ideia de que a educação deve ser uma experiência transformadora e libertadora. Freire acreditava que as pessoas aprendem melhor quando são incentivadas a questionar o *status quo* e a pensar criticamente sobre a sua realidade. A teoria dialógica de Martin Buber é baseada na ideia de que as pessoas são essencialmente seres sociais e que o diálogo é a forma mais eficaz de interação social. Buber acreditava que o diálogo pode ajudar as pessoas a conectarem-se a um nível mais profundo, uma vez que permite que elas explorem as suas diferenças e encontrem pontos de contato. Ambos acreditavam que o diálogo é uma ferramenta poderosa para a educação e o crescimento pessoal.

A dialogicidade é, para Paulo Freire, a capacidade do Homem se relacionar com o outro de maneira dialógica, ou seja, de maneira que seja possível o diálogo entre os sujeitos. O diálogo, por sua vez, é a relação entre os sujeitos, que se dá através da linguagem. A linguagem é o elemento fundamental da dialogicidade. A dialogicidade, enquanto relação entre os seres humanos, é um processo de comunicação e troca de significados. É através do diálogo que os seres humanos se compreendem e se comunicam. O diálogo é, portanto, a principal ferramenta da dialogicidade.

Para Freire, o Homem não é apenas um ser biológico, mas um ser dotado de consciência, capaz de refletir sobre o mundo e de se relacionar com ele de forma crítica. A consciência é o que distingue o Homem dos outros seres vivos e é através dela que o Homem se realiza plenamente.

A abordagem freireana parte do princípio de que, em dadas condições favoráveis de aceitação e respeito ao pensamento e à bagagem vivencial das pessoas, é possível o surgimento, ou melhor, o fortalecimento de uma consciência curiosa que, de início ingênua, torna-se cada vez mais amadurecida, crítica e reflexiva, forjada na relação dialógica entre educandos e professor a partir da observação da realidade em que todos se inserem.⁹

Aprender, nesta perspectiva, significa tornar-se crítico da realidade, transformando-a, aqui e agora, com base nas experiências vividas. O educando, assim, torna-se sujeito ativo, capaz de identificar a sua realidade social, refletir sobre ela e agir de forma consciente e transformadora. Uma pedagogia da liberdade, como a que Paulo Freire nos propõe, tem exigências e a primeira delas é exatamente o reconhecimento dos privilégios da prática. A liberdade é, assim, a condição de possibilidade de um processo educativo, como também o seu objetivo último.

A visão da liberdade tem nesta pedagogia uma posição de relevo. É a matriz que atribui sentido a uma prática educativa que só pode alcançar efetividade e eficácia na medida da participação livre e crítica dos educandos.¹⁰

A educação, para Freire, deve ser libertadora, isto é, deve permitir que as pessoas sejam capazes de pensar por si mesmas e de agir de forma independente. A educação deve ser uma ferramenta para a transformação social, para a luta contra as injustiças.

Para o educador-educando, dialógico, problematizador, o conteúdo programático da educação não é uma doação ou uma imposição – um conjunto de informes a ser depositado nos educandos, mas a revolução organizada, sistematizada e acrescentada ao povo, daqueles elementos que este lhe entregou de forma desestruturada. A educação autêntica, repitamos, não se faz de “A” para “B” ou de “A” sobre “B”, mas de “A” com “B”, mediatizados pelo mundo.¹¹

A educação, assim entendida, torna-se o permanente confronto de visões, a superação de antagonismos, a síntese de contradições – uma relação dialética que visa à totalidade. Neste

⁹ Carlos Guimarães, *Paulo Freire e Edgar Morin, Sobre Saberes, Paradigmas e Educação: Um Diálogo Epistemológico* (Curitiba: Appris Editora, 2020), 30;

¹⁰ Paulo Freire, *Educação Como Prática da Liberdade* (Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1967), 4;

¹¹ Paulo Freire, *Pedagogia do Oprimido*, (Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1994), 54.

contexto, a educação, deixa de ser um processo de transferência de conteúdos, de reprodução de estruturas, para ser uma atividade humana que, tendo como pressuposto a transformação do mundo, tem como função principal estimular a consciência crítica dos sujeitos, a fim de que estes sejam capazes de, de forma criadora, intervir ativamente na realidade social, contribuindo para a sua transformação. É uma educação de fronteiras, de trocas de saberes, que permite ao educando chegar a ser educador de si mesmo, pois, como afirmou Paulo Freire, educando e educador não estão separados, mas relacionados, constituindo-se mutuamente. Como educando e educador, somos atores sociais que atuamos dentro de um processo de educação que nos é histórico, social e culturalmente determinado.

Quanto mais analisamos as relações educador-educandos, na escola, em qualquer de seus níveis, (ou fora dela), parece que mais nos podemos convencer de que estas relações apresentam um caráter especial e marcante – o de serem relações fundamentalmente narradoras, dissertadoras. Narração de conteúdos que, por isto mesmo, tendem a petrificar-se ou a fazer-se algo quase morto, sejam valores ou dimensões concretas da realidade. Narração ou dissertação que implica num sujeito – o narrador – e em objetos pacientes, ouvintes – os educandos.¹²

Os educandos aparecem como objetos de ação do educador, como “recipientes” em que este depositará a verdade que ele tem o dever de revelar. O termo utilizado por Freire é “educação bancária” – alunos passivos, vistos como depósito de informação.

Paulo Freire mostra outro modelo. O modelo dialógico da educação que tem na intercomunicação a sua essência e instrumento. Para isso cria os círculos de cultura que se transformam em círculos de partilha e diálogo de experiências, conhecimentos e anseios, na certeza de que a palavra aí dita e pronunciada há-de envolver a todos e a todos há-de conscientizar, por um lado, da sua situação de opressão e, por outro, do método libertador.

Os programas educativos não podem ser uma forma de fazer o povo aprender a nossa visão do mundo, e como agir conforme ela, mas antes um modo de dialogar com ele, de chegar a uma outra visão do mundo, a partir da sua. Não é uma forma de impor uma visão do mundo, nem de manipular as pessoas, nem de fazer delas marionetes.

Por isto mesmo é que, muitas vezes, educadores e políticos falam e não são entendidos. A sua linguagem não sintoniza com a situação concreta dos homens a quem falam. E a sua fala é um discurso a mais, alienado e alienante.¹³

¹² Freire, *Pedagogia do Oprimido*, 37;

¹³ Freire, *Pedagogia do Oprimido*, 55.

Para Paulo Freire este é o grande problema da ciência e da educação. É preciso educar, mas sem impor. É preciso ensinar, não “depositar”. A educação que se propõe como um processo de libertação, deve ser entendida como um processo de transformação social, que não seja vista apenas como um serviço prestado pelo Estado ou por uma instituição, mas como um projeto de sociedade, que é o processo de formação de um ser humano.

Daí também que o conteúdo programático para a ação, que é de ambos, não possa ser de exclusiva eleição daqueles, mas deles e do povo. É na realidade mediatizadora, na consciência que dela tenhamos educadores e povo, que iremos buscar o conteúdo programático da educação. O momento deste buscar é o que inaugura o diálogo da educação como prática da liberdade.¹⁴

Para Martin Buber, o facto primordial é a relação, o diálogo na atitude existencial do *face-a-face*. O diálogo foi, para Buber, uma forma de relacionamento que deveria ser aplicada a todas as esferas da vida. Para ele, o diálogo é a forma mais genuína de relacionamento, pois é através do diálogo que as pessoas podem compreender-se e relacionar-se de forma mais autêntica. É notável em Buber o sentido profundo de diálogo que se estabelece entre a sua própria vida e a sua reflexão. Ambas firmam “um pacto de profundo e mútuo compromisso. São auto determinantes”. Para Buber, porém, o conteúdo vivido da experiência humana, em todas as suas manifestações, “vale mais que qualquer sistematização conceptual”¹⁵.

Destacamos a importância de *Eu e Tu*, texto de Buber, que mostra a importância do diálogo e do encontro, do amor e da liberdade. A principal categoria da dialogicidade da palavra é o “entre”. A palavra é o “entre” porque é o lugar em que o eu e o tu se encontram. A palavra é o “entre” porque, por ela, o eu e o tu tornam-se um diálogo. É através dela que o Homem se introduz na existência. O diálogo, através da palavra, é o ato do Homem através do qual ele se faz Homem e se situa no mundo com os outros. A relação é uma categoria ontológica, isto é, é um modo de ser da existência humana. A relação é o que define a existência humana, é o que a constitui e a torna possível. O eu só é possível a partir da relação, da relação com o outro e com o mundo.

Segundo Buber, o mundo é dividido em dois planos: o plano das coisas e o plano das relações. As coisas estão no mundo objetivo, são independentes de nós, enquanto as relações estão no mundo subjetivo e dependem de nós. As relações são o que importa para Buber, pois são elas que dão sentido às coisas. A existência humana é, portanto, uma existência relacional.

¹⁴ Freire, *Pedagogia do Oprimido*, 56;

¹⁵ Martin Buber, *Eu e Tu*, trad. Newton Aquiles Von Zuben (São Paulo: Centauro Editora, 2009), 13.

No que toca à educação, o autor defende que o educador deve estabelecer um diálogo com o educando, considerando-o como um sujeito com autonomia e potencialidades. Buber afirma que o educador deve ter um papel ativo na educação, sendo um guia que acompanha o educando no seu processo de aprendizagem e desenvolvimento. Para Buber, a educação é uma forma de relacionamento, e não um processo de transmissão de conteúdos. Neste sentido, para estabelecer uma relação dialógica de verdade, é preciso que haja o reconhecimento da alteridade do outro e uma profunda aceitação da sua diferença. A partir do momento em que os sujeitos envolvidos na relação são capazes de perceber o outro na sua totalidade, é possível criar uma relação de verdadeiro diálogo, na qual ambos os lados são respeitados e valorizados. O encontro entre duas pessoas que percebem o outro enquanto totalidade, enquanto uma pessoa, um Tu único. Este encontro é sempre marcado pela reciprocidade. Para ele não há como vivenciar as relações dialógicas fora do aspeto da alteridade. O outro (Tu) é tão importante quanto o 'Eu'. Buber distingue três esferas onde acontece a relação: “a relação com os seres da natureza, a esfera dos homens e a esfera das essências espirituais”. O critério de maior valor repousa sobre a reciprocidade. Assim a “relação de maior valor existencial é o encontro dialógico, a relação inter-humana onde a invocação encontra sua verdadeira e plena resposta”¹⁶.

A relação com o mundo, com os seres da natureza, não é a relação do eu e do tu, pois o mundo não é capaz de responder ao eu. A relação com o mundo é a relação do eu com o outro, porém o outro é o outro na sua essência, é o outro tão outro que é a essência de outro. O mundo é o outro onde o eu se revela e se compromete. A verdadeira relação é aquele encontro de dois seres que se reconhecem como iguais, que se abrem ao outro e se revelam.

1.2 - A elevação do conhecimento através do diálogo segundo Edgar Morin

Entender as ciências é conhecer a sua prática, o seu funcionamento e os seus mecanismos. É compreender o comportamento do cientista, que atitudes e decisões toma. Foi a partir da compreensão da prática do cientista que Thomas Kuhn chegou à conclusão que as ciências evoluem através de paradigmas. É por meio dos paradigmas que os cientistas procuram respostas para os problemas colocados pelas ciências.

Segundo Kuhn, os “paradigmas são as realizações científicas universalmente reconhecidas que, durante algum tempo, fornecem problemas e soluções modelares para uma comunidade de praticantes de uma ciência”¹⁷. O motor das ciências é a luta entre modelos explicativos, entre teorias e concepções do mundo. Thomas Kuhn acredita que o

¹⁶ Buber, *Eu e Tu*, 30;

¹⁷ Thomas Kuhn, *A estrutura das revoluções científicas* (São Paulo: Perspetiva, 1991), 13.

desenvolvimento da maioria das ciências tem-se caracterizado pela contínua competição entre diversas concepções de natureza distintas. É o que o cientista denomina de ciência normal. A ciência normal não se desenvolve por acumulação de descobertas e invenções individuais, mas por revoluções de paradigmas. Para Thomas Kuhn, “paradigmas são as realizações científicas universalmente reconhecidas que, durante algum tempo, fornecem problemas e soluções modelares para uma comunidade de praticantes de uma ciência”. Essas transformações de paradigmas são “revoluções científicas” e a “transição sucessiva de um paradigma a outro, por meio de uma revolução, é o padrão usual de desenvolvimento da ciência amadurecida”¹⁸.

É em resposta à parcialidade do método de Descartes que Morin, pouco a pouco, irá elaborar, a partir do legado de Bertalanffy, e dialogando com Prigogine, Einstein, Kuhn, Lukacs, Jung e outros, um novo Método dialógico, complexo no sentido de integrar partes em um todo coerente.

Para Edgar Morin, o método é o conjunto de operações lógicas e empíricas que se seguem para atingir um determinado objetivo. Segundo o autor, o método é indispensável para o conhecimento, pois é através dele que os seres humanos são capazes de organizar e compreender o mundo à sua volta. O método científico é o mais eficaz para o conhecimento, pois é através dele que os cientistas são capazes de chegar às verdades universais. No entanto, o autor ressalta que o método científico não é o único método válido para o conhecimento, e que outros métodos, como o método filosófico, também podem ser úteis. No período compreendido entre 1975 e 2000, Morin dedica-se a construir uma proposta de reforma de percepção da realidade que seja coerente, bem fundamentada e que supere a fragmentação disciplinar pela interface dialogal entre saberes, ultrapassando o isolacionismo e alienação do conhecimento especializado. O objetivo é o de “fortalecer uma visão mais abrangente que, baseada na dialogicidade, seja basicamente transdisciplinar no seu alcance. Isso exige uma mudança de mentalidades e, esta, uma reforma na educação”¹⁹.

A educação atual é, de acordo com Morin, insuficiente para lidar com a complexidade e a diversidade da realidade. O autor propõe, então, a criação de uma “Educação para a Complexidade”. O objetivo principal é o de “contribuir para a formação de cidadãos que sejam capazes de lidar com a complexidade do mundo, através da promoção de uma educação que favoreça o pensamento complexo”. Morin defende que “a sociedade é uma rede complexa de

¹⁸ Kuhn, *A estrutura das revoluções científicas*, 13-32;

¹⁹ Carlos Guimarães, *Paulo Freire e Edgar Morin sobre Saberes, Paradigmas e Educação* (Curitiba: Editora Appris, 2020), 108.

relações, envolvendo fatores interdependentes”²⁰. Essa visão é oposta à visão mecanicista, que fragmenta a sociedade em partes e estuda cada uma dessas partes de forma isolada.

O processo educativo tradicional é centrado no currículo preestabelecido e nunca no educando, sem levar em conta as condições reais de aprendizagem do aluno, a sua pessoa desejante e sonhadora, tampouco o seu contexto social, mas, sim, as imposições do Mercado – aliás, a educação é tratada como mais uma modalidade de mercadoria, com valor e sentido económico e não, de facto, como direito inalienável do Homem.²¹

É preciso que sejamos claros: a educação deve ter como foco o ser humano, pois é através dela que esse ser aprende e se desenvolve para se tornar um cidadão crítico, consciente e atuante na sociedade. Sendo assim, o processo educativo deve ser centrado no educando e não no currículo. “Um povo educado nessa perspectiva não conhece a liberdade, não tem sensibilidade, nem para perceber, nem para exigir, nem para construir, nem para questionar, nem para dialogar, nem para assumir responsabilidades, nem para fazer a história”²².

O diálogo, criação dos gregos antigos, na ideia de Edgar Morin, transformou-se com o tempo no princípio teórico: o princípio dialógico. Este permite a articulação de ideias que à primeira vista são antagónicas, e ao mesmo tempo, complementares, conseguindo assim a ligação de diferentes saberes, construindo relações das partes com o todo, em busca de uma compreensão significativa. Esta ideia expressa a “unidade complexa entre duas lógicas, entidades ou instâncias complementares, concorrentes e antagónicas que se alimentam uma da outra, se completam, mas também se opõem e combatem”²³.

A complexidade promove o reconhecimento da diversidade de saberes que existem em todos os espaços, sejam eles populares ou eruditos. Segundo Edgar Morin, estes saberes promovem uma necessidade de se aliar a razão e a emoção no processo de construção do conhecimento, “humanizando” os indivíduos. Deste modo, urge repensar a educação, deixando de lado a visão utilitarista que a concebe como um mero instrumento de transmissão de conteúdos. É preciso considerar a educação como um processo complexo, que envolve a interação dos saberes comuns e saberes científicos.²⁴

²⁰ Guimarães, Paulo Freire e Edgar Morin sobre Saberes, Paradigmas e Educação, 144;

²¹ Guimarães, Paulo Freire e Edgar Morin sobre Saberes, Paradigmas e Educação, 164;

²² Guimarães, Paulo Freire e Edgar Morin sobre Saberes, Paradigmas e Educação, 169;

²³ Edgar Morin, *O Método III: o conhecimento do conhecimento* (Lisboa: Publicações Europa-América, 2005), 300;

²⁴ Edgar Morin, *A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento* (Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001), 54.

A educação é, para Morin, um espaço de construção de si mesmo e do outro, de convivência e de partilha, de formação de competências técnicas, morais e éticas, que minimiza a exclusão social.

Educar para a complexidade é uma educação que conecta, que permite o diálogo, que gera mudanças, que cria oportunidades, que ativa o pensar, que vivencia experiências, que compõem as diferenças, que gera novos olhares, que permite a crítica, que afirma a liberdade de pensar, que enfrenta todos os obstáculos, que supera as impossibilidades, que não tem medo de arriscar, que convida ao diálogo.²⁵

Edgar Morin chama "inteligência da complexidade" ao movimento dialógico e inclusivo. Deste modo, a proposta não é eliminar disciplinas, mas dialogar, partilhar os conhecimentos produzidos e as diferentes visões do mundo. Assim, a educação deixaria de ser fragmentada e, sim, integrada, considerando a complexidade do mundo contemporâneo. Este processo é interminável; uma contribuição importante para o debate sobre o conhecimento, demonstrando que a complexidade não é uma metodologia, mas um projeto que visa conhecer a natureza do conhecimento para vencer “os riscos permanentes do erro e da ilusão”²⁶.

Edgar Morin salienta que os atores sociais podem construir uma educação rica de esperança para todos. Daqui emerge a necessidade de se formar um novo educador para se formar um novo Homem.

Na sua entrevista, em janeiro de 2017, à revista “Fronteiras do Pensamento”, Morin defende que “a figura do professor é determinante para a consolidação de um modelo ideal de educação” e questiona a necessidade da presença do professor se “através da Internet, os alunos podem ter acesso a todo o tipo de conhecimento”. Para o sociólogo francês,

o professor deve ser o regente da orquestra, observar o fluxo desses conhecimentos e elucidar as dúvidas dos alunos. Por exemplo, quando um professor passa uma lição a um aluno, que vai buscar uma resposta à Internet, ele deve posteriormente corrigir os erros cometidos, criticar o conteúdo pesquisado. É preciso desenvolver o senso crítico dos alunos. O papel do professor precisa passar por uma transformação, já que a criança não aprende apenas com os amigos, a família, a escola. Outro ponto importante: é necessário criar meios de transmissão do conhecimento a serviço da curiosidade dos alunos. O modelo de educação, sobretudo, não pode ignorar a curiosidade das crianças.²⁷

²⁵ Morin, *A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*, 94;

²⁶ Edgar Morin e Jean-Louis Le Moigne. *A inteligência da complexidade* (São Paulo: Fundação Peirópolis, 2000), 14;

²⁷ Fronteiras do Pensamento, «Edgar Morin: é preciso educar os educadores», acessado a 15 de setembro de 2022, <https://bitly.com/DVGPEeNk>.

Defende ainda que se quisermos mudar a Educação, temos que mudar de conceito de conhecimento. Se a Educação deve ensinar a pensar, então deve ensinar a pensar complexamente, para que as pessoas possam pensar por si mesmas. Devem estimular o pensamento crítico e questionar as opiniões veiculadas por terceiros.

A transdisciplinaridade²⁸ é a única maneira de criar uma sabedoria geral que nos permita compreender a complexidade do mundo e, assim, agir sobre ele.

Edgar Morin mostra no livro *Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro* o caminho necessário à educação contemporânea.²⁹

1- As cegueiras do conhecimento: o erro e a ilusão.

O erro e a ilusão estão necessariamente presentes no processo de ensino/aprendizagem, e é preciso estar atento para identificá-los e resistir às suas armadilhas. A ilusão é um modo de interpretar o mundo de acordo com os nossos desejos, em vez da realidade. É uma forma de fuga da realidade, na qual nós nos anestesiemos para não enfrentar a dor da verdade. O erro, por outro lado, é uma interpretação equivocada da realidade, que pode ser causada por uma falta de informação ou de conhecimento. Uma das maneiras de se evitar o erro e a ilusão é estudar as características cerebrais, mentais e culturais que os conhecimentos humanos têm. É importante compreender como os seres humanos adquirem, processam e armazenam o conhecimento. As pessoas precisam saber quais são as disposições psíquicas e culturais que podem levar às cegueiras do conhecimento.

2- Os princípios do conhecimento pertinente.

A ciência deve ser organizada de tal maneira que possamos compreender os fenômenos naturais e sociais na sua totalidade, e não apenas partes isoladas. É preciso, portanto, superar o conhecimento fragmentado das disciplinas e construir um conhecimento pertinente, capaz de integrar as diversas formas de conhecimento. “É preciso ensinar os métodos que permitam estabelecer as relações mútuas e as influências recíprocas entre as partes e o todo num mundo complexo”³⁰.

3- Ensinar a condição humana.

O ser humano é composto por vários elementos que o tornam único e complexo. São esses elementos que o diferenciam dos outros seres vivos e que fazem dele um ser especial. A unidade da natureza humana é totalmente desintegrada na educação pela diversidade de

²⁸ Transdisciplinaridade é um conceito da educação que compreende o conhecimento de uma forma plural. É uma corrente de pensamento mais aberta que procura dar uma resposta ao método tradicional de divisão de disciplinas;

²⁹ Edgar Morin, *Os sete saberes necessários à Educação do Futuro* (São Paulo: Cortez, 2004), 14-28;

³⁰ Morin, *Os sete saberes necessários à Educação do Futuro*, 16.

disciplinas desconexas, tornando-se impossível aprender o que significa ser humano. A educação deve virar-se para o reconhecimento da unidade e da complexidade humanas, de modo que cada um possa ter consciência da sua identidade complexa e da sua identidade comum a todos os outros humanos.

4- Ensinar a identidade terrena.

O texto apresenta uma reflexão sobre a importância de se aprender a viver de forma mais consciente e responsável, considerando o planeta como um todo. Aprender a ser terreno significa aprender a respeitar o planeta e as diferentes culturas que existem nele, entendendo que todos nós fazemos parte de um só mundo.

5- Enfrentar as incertezas.

A ação é uma aposta, uma aposta que deve ser assumida de forma consciente, porque é ela que torna a vida possível. Uma vez que a ação é uma aposta, a estratégia é o segundo meio de enfrentamento da incerteza. A estratégia é flexível e pode ser modificada sempre que houver alterações das condições externas; o programa, pelo contrário, é rígido e avesso a qualquer mudança.

6- Ensinar a compreensão.

A educação para a compreensão é um processo ativo e dinâmico pelo qual os indivíduos aprendem a interpretar, questionar e analisar informações de forma crítica, considerando diversos pontos de vista. O objetivo da educação para a compreensão é que as pessoas sejam capazes de se comunicar de forma clara e eficaz, bem como de entender e respeitar as diferenças culturais.

A compreensão é ao mesmo tempo meio e fim da comunicação humana. O planeta necessita, em todos os sentidos, de compreensões mútuas. Dada a importância da educação para a compreensão, em todos os níveis educativos e em todas as idades, o desenvolvimento da compreensão necessita da reforma planetária das mentalidades; esta deve ser a tarefa da educação do futuro.³¹

7- A ética do gênero humano.

A humanidade deixou de ser uma noção abstrata e tornou-se uma realidade vital porque está, pela primeira vez, ameaçada de morte. Deixou de ser somente uma noção ideal e tornou-se uma comunidade de destino. A consciência desta comunidade é o que pode conduzir a humanidade a uma comunidade de vida. A humanidade é, sobretudo, uma noção ética: é o que deve ser realizado por todos e em cada um.

³¹ Morin, *Os sete saberes necessários à Educação do Futuro*, 26.

1.3 - O diálogo no processo ensino/aprendizagem

Ao longo da história, o processo de ensino/aprendizagem foi aperfeiçoado e, atualmente, existem diversas metodologias que podem ser utilizadas para que o ensino seja mais eficaz. No entanto, o processo de ensino/aprendizagem ainda envolve a interação entre o professor e os alunos.

O processo de ensino/aprendizagem é extremamente complexo e não se reduz ao ato de transmissão de conteúdos. Envolve diversos elementos, dentre os quais podemos citar o professor, os alunos, os objetivos do ensino, os métodos utilizados, a relação professor-aluno, o ambiente de ensino e a cultura escolar. No entanto, o diálogo é um elemento indispensável nesse processo, pois permite que o professor e o aluno se comuniquem, troquem ideias e construam o conhecimento juntos.

A educação tradicional é baseada na autoridade do professor e na transmissão de conhecimento. Essa abordagem está em colisão com as concepções contemporâneas de educação, que enfatizam a autonomia do aluno e a construção do seu próprio conhecimento.

As “pedagogias diretivas, verticais, domesticadoras”, fundamentam-se nas relações de poder entre os educadores e os educandos, nas quais os educadores detêm o poder de impor aos educandos a sua visão do mundo³². Assim, as relações entre educadores e educandos são determinadas pelo poder, e não pelo diálogo e o debate, “estimulando a sua ingenuidade e não a sua criatividade”³³. A educação deve ter como objetivo despertar o indivíduo para a consciência da sua realidade sociocultural, a fim de que este se torne sujeito ativo e crítico da sua história. De resto, a educação libertadora de Paulo Freire é uma educação crítica, que tem como objetivo principal a libertação do homem, através da conscientização da sua real situação social e política, para que este seja capaz de entender e transformar a sua realidade.

Ninguém consegue chegar ao topo se não ultrapassar etapas significativas no seu crescimento intelectual. Para isso devemos compreender o modo como esse processo deve ser cumprido. O conhecimento não é passivamente recebido, mas ativamente construído pelo sujeito. A cognição desempenha uma função adaptativa, ao serviço da organização do mundo experimental. O aprender a aprender não se refere à aprendizagem direta dos saberes, mas à aprendizagem de habilidades com as quais se aprende conteúdos.

A aprendizagem implica recorrer a processos intelectuais de resolução de problemas ou situações e de pensar sobre o próprio pensamento. É muito mais significativa à medida que o

³² Joaquim Neves Vicente, *Educação, Diálogo, Crítica e Libertação na Ação e no Pensamento de Paulo Freire* (Coimbra: Revista Filosófica de Coimbra, n.º 8, 1995), 373-406;

³³ Freire, *Pedagogia do Oprimido*, 85.

novo conteúdo é incorporado às estruturas de conhecimento de um aluno e adquire significado para ele a partir da relação com seu conhecimento prévio. Ao contrário, ela torna-se mecânica ou repetitiva, uma vez que se produziu menos essa incorporação e atribuição de significado, e o novo conteúdo passa a ser armazenado isoladamente ou por meio de associações arbitrárias na estrutura cognitiva.

Quando o conteúdo escolar a ser aprendido não consegue ligar-se a algo já conhecido, ocorre o que se designa por aprendizagem mecânica, ou seja, quando as novas informações são aprendidas sem interagir com conceitos relevantes existentes na estrutura cognitiva. Assim, a pessoa decora fórmulas, leis, mas esquece-as após a avaliação.³⁴

O ensino dos conhecimentos é tradicionalmente axiomático, na medida em que estes são aprendidos como resultado de investigações, esquecendo os processos que permitem obtê-los. Os marcos teóricos partem hoje já do pressuposto de que para aprender a aprender é necessário aprender a pensar, o que implica uma mudança na concepção do sujeito da educação.

A instrução deve preocupar-se em transmitir conhecimentos, mas sobretudo em focalizar a atenção na promoção da autonomia para que o aluno possa aprendê-los por si próprio. É sugerido o questionamento intencional na sala de aula como o instrumento mediante o qual se pode imprimir globalmente à instrução a orientação metacognitiva, que defendemos.³⁵

O termo metacognição significa "para além da cognição", ou seja, é a competência de conhecer o próprio ato de conhecer, de tomar consciência, analisar e avaliar a forma como se conhece.

Aprender envolve uma mudança de comportamento resultante da experiência, do exercício, das trocas de informações com o meio. Graças às aprendizagens, executamos tarefas, solucionamos problemas. A metacognição, isto é, o conhecimento que temos da forma como aprendemos a solucionar determinada tarefa reconhecendo as nossas capacidades e limitações permite-nos obter melhores resultados nas aprendizagens futuras.

Pela metacognição avaliamos a eficácia das decisões que tomamos para executar uma tarefa, uma atividade e podemos, deste modo, alterar a forma como o fizemos quando não produzem os resultados que desejamos. A metacognição é o autoconhecimento das pessoas, dos seus processos cognitivos. Assim, face a um problema, uma tarefa, o sujeito recorre às suas competências cognitivas para o resolver: percepção, memorização, conceptualização, etc. Através deste processo (cognição) chega a um produto final que consiste na resolução do

³⁴ Marco António Moreira, *A teoria da aprendizagem significativa e a sua implementação em sala de aula* (Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2006), 14;

³⁵ Cambridge Assessment International Education, «Metacognição», acessado a 13 de setembro de 2022, <https://bityli.com/aykXZEwl>.

problema ou na execução da tarefa. O sujeito pode desenvolver um outro processo mental que consiste em refletir sobre o seu processo cognitivo. Pode fazê-lo durante ou no fim do processo (metacognição).

O conceito de metacognição desenvolveu-se em psicologia, sobretudo a partir da década de 70, e teve efeitos práticos na pedagogia, na forma de ensinar e, portanto, na forma de aprender. A preocupação dos professores deixou de ser apenas ensinar (no sentido de transmitir conhecimentos), mas passou a procurar levar cada aluno a discutir e a pensar sobre o modo como desenvolve as tarefas, sobre a forma como aprende.

Professores e pedagogos compreenderam que muitas das dificuldades apresentadas por alguns alunos decorrem do bloqueio da capacidade de refletirem sobre o seu próprio processo de aprendizagem. Se estes alunos trabalharem com professores que os orientem a pensar as situações, podem obter resultados mais positivos. A autoestima que resultará da confiança adquirida será um motor para um maior sucesso.

Cada vez mais os professores têm consciência da importância de ajudar o aluno a utilizar de forma consciente o seu potencial de pensamento. Ensinar a pensar passa por tornar o aluno consciente das estratégias de aprendizagem a que recorre para construir o conhecimento, a resolução de problemas, a execução de tarefas.

Entendemos que a educação deve contribuir para a formação de indivíduos críticos, capazes de compreender a diversidade e as diferenças. Dessa forma, o diálogo permite aprendermos a lidar com as diferenças de ideias, de opiniões, de valores, de gostos, de emoções, de capacidades e de interesses. A educação deve preparar a sociedade atual e futura para a convivência democrática. O espírito democrático é fruto do exercício de uma convivência social ética e solidária. O diálogo é o espaço de liberdade em que podemos colocar em questão as nossas opções, as nossas ideias, os nossos valores, as nossas práticas, sem medo de sermos insultados, humilhados, discriminados.

Encontramo-nos na segunda década do século XXI, num horizonte de planetarização e universalização da cultura em que pareceriam criadas as condições para a realização da humanidade em diálogo, tendo como polos de atração a solidariedade e a justiça. Mas encontramo-nos também numa conjuntura em que a globalização, mobilizada por forças e interesses económicos, nos oferece um mundo mais marcado pela homogeneização e pela uniformização do que pelo respeito perante a diferença e a singularidade do humano nos seus diversos rostos e nas suas identidades plurais.³⁶

³⁶ João Maria André, *Douta Ignorância, linguagem e diálogo: o poder e os limites da palavra em Nicolau de Cusa* (Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2019), 302.

João Maria André no seu estudo sobre Nicolau de Cusa mostra a importância deste autor para o desenvolvimento do pensamento ocidental, para a história do conhecimento, e a sua importância para a história do diálogo.

Refere que a relevância para a história do diálogo é óbvia, uma vez que introduz pela primeira vez, na história do pensamento, a ideia de que o processo de conhecimento é, sobretudo, um processo de diálogo.

Toda a experiência de diálogo supõe, na sua radicalidade, uma abertura àquilo que nos funda na relação com o outro, uma atitude de acolhimento do que assim se nos oferece no dom da sua palavra e do seu discurso, porque primeiro se nos oferece no dom do ser. O diálogo é, assim, a experiência do conhecimento como dom livre e gratuito do outro na sua alteridade.³⁷

O diálogo é uma relação fundamentada na gratuidade. A gratuidade é o elemento que fundamenta a relação de amor que existe entre o Homem e o seu próximo, e é também o elemento que fundamenta a relação entre o homem e o seu próprio ser. A gratuidade é a base do diálogo, pois é através dela que as pessoas se podem abrir para o entendimento mútuo e para o respeito às diferenças.

A etimologia das palavras ajuda a conhecer o seu significado mais profundo. “*Diálogo*” vem do grego *diálogos*. *Logos* significa “palavra” e *dia* significa “através” – e não “dois”, como parece. Diálogo pode ocorrer com qualquer número de pessoas, e não apenas com duas. Por oposição, a discussão é quase como um jogo de pingue-pongue em que as pessoas atiram os seus argumentos com o objetivo de triunfar. Numa discussão, uma das partes costuma querer “vencer”, e isso pode levar a que as pessoas sejam menos abertas ao que a outra tem a dizer. “Num diálogo, contudo, ninguém tenta vencer. Se alguém ganha, todos ganham”³⁸. Há um espírito diferente.

A comunidade educativa tem em mãos um desafio enorme tendo em conta que as sociedades atuais, multiculturais e multirreligiosas, exigem uma intervenção crítica, integradora e plural. A escola tem um papel crucial na formação de cidadãos que sejam capazes de conviver de forma harmoniosa com a diversidade. Neste sentido “o diálogo combina a atenção para a própria identidade com a compreensão dos outros e o respeito à diversidade”³⁹.

Vivemos num contexto em que as exigências, ritmos, multiplicação de obrigações sobrecarregam as pessoas. Num curto espaço de tempo é exigido o cumprimento de objetivos

³⁷ André, *Douta Ignorância, linguagem e diálogo: o poder e os limites da palavra em Nicolau de Cusa*, 307;

³⁸ David Bohm, *Diálogo: comunicação e redes de convivência* (São Paulo: Palas Athena, 2005), 34;

³⁹ Joseph Versaldi, «A Identidade da Escola Católica Para Uma Cultura do Diálogo», acedido a 8 de agosto de 2022, <https://bityli.com/LFNTMg>.

e metas inibidoras da reflexão e da prática educativa. Este ciclo vicioso da celeridade atrapalha a emergência do diálogo, que tem um tempo mais lento. Por outro lado, a escola é constituída por pessoas e por isso, local privilegiado para incentivar a reflexão e a promoção do diálogo para o aperfeiçoamento das relações interpessoais nas diversas esferas da vida social e, assim, melhorar as suas práticas educativas.

CAPÍTULO II - O MÉTODO DO DIÁLOGO SEGUNDO O PAPA FRANCISCO

A pandemia atual (Covid-19) evidenciou ainda mais as disparidades e desigualdades que caracterizam o nosso tempo, com particular detrimento dos mais frágeis. O vírus, sem excluir ninguém, encontrou grandes desigualdades e discriminações no seu caminho devastador. E aumentou-as.⁴⁰

A responsabilidade para com as novas gerações exige, antes de tudo, o compromisso de as formar e ouvir para responder aos desafios do nosso tempo, sem negar o valor imutável da verdade, mas com uma linguagem compreensível e contemporânea. Não basta ser crítico do passado ou do existente, é preciso mostrar criatividade e propostas para o futuro, ajudando cada um a crescer para se tornar protagonista e não apenas espectador.

Na educação, para além dos objetivos, é fundamental partilhar um método e uma cultura do respeito, da solidariedade e da paz. “Deve ser concebida como um espaço de enriquecimento mútuo, de troca de experiências e de relações de amizade, de solidariedade e de diálogo”. Não é um bem individual, nem pode ser considerada como um produto a ser comprado e consumido, mas é um bem comum, uma tarefa de todos. “A educação não é uma mera formação técnica, mas é antes de tudo formação humana e espiritual”. Não pode ser concebida apenas como um mero instrumento de inserção no mundo do trabalho, mas tem de ser considerada como um processo de formação integral da pessoa, capaz de libertar o seu potencial criativo e de realizar a sua plena humanidade.

Assim, segundo o Papa Francisco, a paz, a dignidade humana, a inclusão e a participação evidenciam

a necessidade de um amplo pacto educativo capaz de transmitir não só o conhecimento dos conteúdos técnicos, mas também e sobretudo a sabedoria humana e espiritual, feita de justiça, retidão, comportamentos virtuosos e capazes de serem realizados concretamente.⁴¹

As novas gerações não podem ser condicionadas e por isso é necessário adotar um método que estimule a sua formação. Este método deve ser capaz de considerar as causas dos factos e fornecer os meios para ultrapassar conflitos. Isto ajudará os educandos a encontrarem um modelo alternativo ao modelo material e meramente horizontal. “É preciso mudar a maneira

⁴⁰ Francisco, «Audiência Geral de 19 de agosto de 2020 - Catequeses “Curar o mundo”: 3. A opção preferencial pelos pobres e a virtude da caridade», acedido a 8 de agosto de 2022, <https://bityli.com/eHZgPnYfg>;

⁴¹ Francisco, «Caligrafia para o Diálogo: Promover a Cultura da Paz Através da Cultura e da Arte” em Memória do Cardeal Jean-Louis Tauran», acedido a 10 de agosto de 2022, <https://bityli.com/nCnftMEG>.

como nos relacionamos com o outro, de modo a construirmos pontes, e não muros”. A cultura da paz é, antes de mais, um processo de educação que nos ensina a viver em harmonia. É uma educação que nos leva “a pensar o mundo e a nós mesmos, a viver a vida como um dom do outro, a ver o mundo com os olhos do outro e, assim, a chegar à concórdia e às relações de paz”. Devemos questionar o que nos torna diferentes das outras pessoas e o que nos impede de dialogar e compreender as suas necessidades. Não podemos deixar de questionar o mundo à nossa volta e as relações que estabelecemos com as outras pessoas. “A paz não é algo que se conquista com violência, mas sim com o diálogo e o entendimento”. Precisamos estar dispostos a ouvir e a compreender as necessidades das outras pessoas, mesmo que isso signifique admitir a nossa fraqueza. Só assim poderemos construir relações de paz.

Dialogar não serve apenas para prevenir e resolver conflitos, mas para fazer emergir os valores e as virtudes que Deus inscreveu no coração de cada homem e evidenciou na ordem da criação. Procurar e explorar todas as oportunidades de diálogo não é apenas uma forma de viver ou coexistir, mas sim um critério educativo. O diálogo é um critério educativo.⁴²

Segundo o Papa Francisco, “dialogar é a melhor maneira de assegurar que as sementes da paz possam germinar e crescer. O diálogo é o primeiro passo para a paz”. A pandemia que atravessamos veio deixar muitas lições e, entre elas, a de que a vida é frágil e preciosa, e que devemos cuidar dela e de quem nos rodeia. Ao longo dos últimos meses, temos assistido a um sofrimento generalizado e à angústia de não saber o que o futuro nos reserva. A crise que vivemos é, portanto, um convite à reflexão e à mudança. “É um convite a todos nós, jovens e adultos, a buscarmos um novo modo de viver e de ser na sociedade. É um convite a todos nós, cristãos e não cristãos, a trabalharmos juntos para uma sociedade mais justa, mais solidária e mais fraterna”.

A crise global que vivemos mostra-nos, no encontro e no diálogo entre as gerações, a força motora dum política sã, que não se contenta em administrar o existente “com remendos ou soluções rápidas”, mas presta-se, como forma eminente de amor pelo outro, à busca de projetos compartilhados e sustentáveis.⁴³

⁴² Francisco, «Caligrafia para o Diálogo: Promover a Cultura da Paz Através da Cultura e da Arte» em Memória do Cardeal Jean-Louis Tauran»;

⁴³ Francisco, «Diálogo Entre Gerações, Educação e Trabalho: Instrumentos Para Construir Uma Paz Duradoura». acedido a 15 de agosto de 2022, <https://bityli.com/it6oY04>.

1- O diálogo como veículo para uma nova civilização

O diálogo é uma das formas mais antigas de comunicação entre os seres humanos e tem sido utilizado desde os primórdios da humanidade. Ao longo da história, o conceito tem sido utilizado como um instrumento de compreensão e convivência entre os indivíduos. No século V a.C., o filósofo grego Sócrates utilizava o diálogo como método de ensino e de investigação da verdade. Na Idade Média, o diálogo foi utilizado como uma forma de discussão entre os teólogos e os filósofos. No século XX, foi incorporado às práticas pedagógicas com o objetivo de estimular o pensamento crítico e o debate de ideias. O diálogo tem sido cada vez mais utilizado nas últimas décadas como uma forma de resolver conflitos e promover a paz e a harmonia social. É hoje considerado um instrumento fundamental para a promoção da democracia e da participação social.

Os seres humanos estão cada vez mais conectados uns aos outros, e os diálogos são cada vez mais importantes para a construção de uma nova civilização. O diálogo é um veículo para a compreensão mútua, o respeito e a cooperação. É uma ferramenta para a construção de pontes, para a superação de barreiras e para a criação de um mundo melhor para todos.

Era defendido em 1967, na Carta Encíclica *Populorum Progressio*, de sua Santidade o Papa Paulo VI, sobre o desenvolvimento dos povos, que era necessário, indispensável, estabelecer entre todos um diálogo profícuo para a construção de um mundo mais solidário, criando pontes para defender a dignidade humana.

E será fecundo, na medida em que trazer aos povos, que dele beneficiam, os meios para se educarem e espiritualizarem; na medida em que os técnicos se fizerem educadores; e na medida em que o ensino dado tiver características espirituais e morais tão elevadas, que possa garantir um desenvolvimento, não só económico, mas também humano.⁴⁴

Conquistar o mundo por meio da educação é a tarefa que temos pela frente. O mundo está em constante evolução, e a educação deve acompanhar essas mudanças. A educação não deve ser apenas um instrumento para atender às necessidades materiais, mas também uma forma de elevar o nível cultural, moral e espiritual das pessoas. A educação deve ser um processo contínuo, que dura a vida toda e não deve ser vista como um fim em si mesma, mas como um meio para atingir outros objetivos.

⁴⁴ Paulo VI, *Carta Encíclica Populorum Progressio, aos Bispos, Sacerdotes, Religiosos, Fiéis e a Todos os Homens de Boa Vontade, Sobre o Desenvolvimento dos Povos* (Roma: Publicações do Vaticano, 1967), 73.

No mundo contemporâneo as crises que ameaçam a paz são múltiplas e de várias naturezas. São crises económicas, financeiras, de trabalho; crises políticas, democráticas, de participação; crises ambientais e naturais; crises demográficas e migratórias, etc. Os fenómenos provocados por tais crises revelam diariamente o seu carácter dramático. A paz é constantemente ameaçada e, juntamente com as guerras travadas entre exércitos, difunde-se a insegurança causada pelo terrorismo internacional, cujos ataques provocam sentimentos de desconfiança recíproca e ódio, assim como favorece o desenvolvimento de sentimentos populistas, demagógicos, que correm o risco de agravar os problemas, favorecendo a radicalização do conflito entre culturas diferentes. Guerras, conflitos e terrorismo são algumas vezes a causa, outras vezes o efeito das desigualdades económicas e da injusta distribuição dos bens da criação. Para o Cardeal Giuseppe Versaldi,

é paradoxal que o homem contemporâneo tenha alcançado metas importantes no conhecimento das forças da natureza, da ciência e da tecnologia e, ao mesmo tempo, seja carente de projetos para uma convivência pública adequada, a fim de tornar a existência de todos, e de cada um, aceitável e digna. O que, talvez, ainda falte é o desenvolvimento conjunto das oportunidades civis através de um plano educativo, capaz de explicar as motivações da cooperação num mundo solidário.⁴⁵

As motivações da declaração de sua Santidade o Papa Paulo VI na *Gravissimum educationis* sobre a igreja cristã são bastante atuais.⁴⁶ A educação humanizada não se limita a fornecer um serviço de formação, mas está preocupada com o bem-estar dos participantes no processo educativo. A educação humanizada também não pede somente que os professores ensinem e os alunos aprendam, mas sim que todos vivam, estudem e atuem de acordo com os princípios do humanismo solidário. Além disso, a educação humanizada cria espaços de encontro e debate para que projetos educativos sejam realizados, com o objetivo de promover a diversidade de talentos individuais.

A educação para o humanismo solidário vê o diálogo como uma ferramenta para a transformação social, e procura promover a sua vivência nas salas de aula. A sua proposta é de educação de pessoas, que considerem as diferenças como elemento constitutivo da sociedade. A educação não deve ser vista como um fim em si mesma, mas sim como um elemento que contribui para a transformação social, para que as pessoas possam assumir a sua cidadania de modo consciente, crítico, solidário, ativo e com a convicção de que é possível a transformação

⁴⁵ Giuseppe Versaldi, «Educar ao Humanismo Solidário, para construir uma “civilização do amor” 50 anos após a *Populorum progressio*», acedido a 1 de setembro de 2022, <https://bitly.com/zbssDHeo>;

⁴⁶ Paulo VI, «Declaração *Gravissimum Educationis* sobre a educação cristã», acedido a 2 de setembro de 2022, <https://bitly.com/nlEzt>.

social, por meio do diálogo entre os diversos grupos sociais. A educação para o humanismo solidário é uma educação que apoia a liberdade de pensamento, o diálogo e a convivência entre as diferentes culturas, raças e religiões. A educação para o humanismo solidário, enfim, é uma educação que promove a formação de cidadãos que atuem na construção de uma sociedade melhor, mais justa e solidária, que respeite os direitos humanos. É uma educação para a paz, para a tolerância e para a convivência. Continua Versaldi,

a educação para o humanismo solidário tem a delicada responsabilidade de assegurar a formação de cidadãos dotados de uma adequada cultura do diálogo. Além disso, a dimensão intercultural é frequentemente vivida nas salas de aula de todos os tipos e níveis, bem como nas instituições universitárias, portanto é a partir delas que se deve difundir a cultura do diálogo. O quadro de valores, no qual vive, pensa e age o cidadão formado para o diálogo, é baseado em princípios relacionais (gratuidade, liberdade, igualdade, coerência, paz e bem comum) que entram de modo positivo e decisivo nos programas didáticos e formativos das instituições que prezam o humanismo solidário.⁴⁷

A Revolução Industrial, a Revolução Francesa, as duas grandes Guerras Mundiais, a descolonização dos países africanos, as revoluções russa e cubana, a queda do Muro de Berlim, a eleição de Joe Biden e de Lula da Silva, entre muitos outros fatos, configuraram uma nova ordem mundial, o mundo globalizado. Desde o final da Segunda Guerra Mundial, as descolonizações, as migrações massivas de povos, a globalização económica, a liberdade de mobilidade de capitais, tecnologias e pessoas, a ditadura do mercado, a globalização da cultura, do entretenimento e da informação, as novas formas de trabalho, os novos modos de produção, de comunicação e de organização social, criaram uma realidade nova, muito diferente da anterior. O mundo globalizado é caracterizado pela flexibilidade, pela precarização das relações de trabalho, pela rotatividade dos empregos, pela liberdade de escolha de profissão, pelo aumento da produtividade, pela automação, pelo surgimento de novas profissões, pelo aumento da informalidade, pelo surgimento de novas formas de trabalho, como o *home office*, e pelo aumento da violência. A globalização não é um fenómeno novo, mas é acelerada pelo avanço das tecnologias de informação e de comunicação, que facilitam a circulação de bens, de serviços, de capital, de pessoas e de informações.

O mundo está cada vez mais ligado e interdependente. A economia está cada vez mais globalizada. As sociedades estão cada vez mais diversificadas. E acontecimentos mundiais, como por exemplo a Guerra na Ucrânia, tem imediatamente impacto a nível local. Somos convidados a interrogarmo-nos sobre como podemos promover o diálogo, o entendimento e a

⁴⁷ Versaldi, «Educar ao Humanismo Solidário».

tolerância num mundo cada vez mais diverso. De acordo com o Relatório Mundial da UNESCO, «Investir na diversidade cultural e no diálogo intercultural»,

a chave para um processo de diálogo intercultural frutífero está no reconhecimento da igual dignidade dos participantes. Pressupõe reconhecer e respeitar as diferentes formas de conhecimento e os seus modos de expressão, os costumes e tradições dos participantes e os esforços por estabelecer um contexto culturalmente neutro que facilite o diálogo e que permita às comunidades expressar-se livremente. Isso é especialmente verdade no caso do diálogo interconfessional, dimensão crucial da compreensão internacional e, por conseguinte, da resolução de conflitos. Para além dos intercâmbios institucionais entre personalidades eruditas ou representativas, o diálogo interconfessional assume um relevo ainda maior quando se procura incluir intercâmbios de variada natureza, nomeadamente associações locais ou comunitárias, contando com a participação de populações autóctones, jovens, mulheres, a fim de procurar conciliar diferentes pontos de vista.⁴⁸

O diálogo intercultural e interconfessional é uma ferramenta indispensável para a promoção da compreensão e convivência pacífica entre os povos. O reconhecimento da igual dignidade é crucial para o diálogo intercultural, pois é o que permite que as diferentes formas de conhecimento e os diferentes modos de expressão sejam valorizados. Sem esse reconhecimento, o diálogo será ineficaz. A educação multicultural deve ser capaz de fornecer aos alunos os meios para compreenderem e respeitarem a diversidade cultural, num processo de constante aculturação. Jaques Delors diz que,

levará cada um a tomar consciência da diversidade e a respeitar os outros, quer se trate dos vizinhos mais próximos, dos colegas presentes, ou de habitantes de um país longínquo. Para que seja possível uma educação realmente pluralista, será necessário repensar os objetivos — que significa educar e ser educado? — remodelar os conteúdos e programas dos estabelecimentos de ensino de tipo clássico, imaginar novos métodos pedagógicos e novos processos educativos, e estimular o aparecimento de novas gerações de professores-alunos.⁴⁹

A educação não é apenas um processo de aquisição de conhecimentos, mas também de formação de atitudes e de comportamentos. Como educar para a tolerância? Como ensinar o respeito pelos outros, a inclusão social e a igualdade de oportunidades? Como educar para a paz? Para essas questões não temos uma resposta simples, mas é certo que a educação tem um

⁴⁸ Relatório Mundial da UNESCO, «Investir na diversidade cultural e no diálogo intercultural», acessado a 16 de setembro de 2022, https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000184755_por;

⁴⁹ Jaques Delors et al., *Educação: Um Tesouro a Descobrir* (Porto: UNESCO/ASA, 1996), 249.

papel crucial a desempenhar, pois é através dela que se formam as mentalidades e os comportamentos das gerações futuras.

1.1 - A importância do diálogo inter-religioso

A religião é um sistema de crenças e práticas sociais, que tem como objetivo a relação do Homem com o sagrado, ou seja, com o mistério da vida e da existência. As religiões são diversas e podem ser divididas em três grandes grupos: a) as religiões monoteístas, que acreditam em um só Deus, como o cristianismo, o judaísmo e o islamismo; b) as religiões politeístas, que acreditam em vários deuses, como o hinduísmo, o budismo e o taoísmo; e c) as religiões animistas, que acreditam que os seres humanos, os animais, as plantas e até mesmo os objetos inanimados possuem espírito, como o xamanismo e o candomblé. Apesar das diferenças, as religiões têm em comum alguns elementos, como a crença num ser supremo, num mundo além daquele que vemos e num conjunto de regras e princípios que devem ser seguidos pelos seus seguidores. Além disso, as religiões também têm um papel social importante, pois são responsáveis por dar sentido à vida das pessoas e por orientá-las em relação ao bem e ao mal.

A palavra religião foi utilizada ao longo da história do pensamento cristão com múltiplos sentidos: para significar o cristianismo, religião cristã; a relação do ser humano com Deus e a virtude que lhe permite prestar o culto devido a Deus. Na época moderna, a palavra (praticamente todas as línguas europeias têm esse conceito a partir do latim) começou a ser utilizada pelas ciências das religiões no plural para designar aquele conjunto de factos humanos, presentes em toda a história da Humanidade, diferentes segundo a história e as culturas, mas dotados de “suficientes traços comuns” para receberem o nome com que se designou o cristianismo.⁵⁰

Redigida em 1948, pela Organização das Nações Unidas, a Declaração Universal dos Direitos Humanos consagra os direitos básicos, essenciais e universais, comuns a todos, independentemente da sua raça, cor, sexo, língua ou religião. No artigo 18 é referido que

toda a pessoa tem direito à liberdade de pensamento, consciência e religião; este direito inclui a liberdade de mudar de religião ou crença e a liberdade de manifestar essa religião ou crença, pelo ensino, pela

⁵⁰ Anselmo Borges, *Religião, religiões e diálogo inter-religioso* (Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2009), 15.

prática, pelo culto e pela observância, isolada ou coletivamente, em público ou em particular⁵¹.

Cada pessoa é livre para decidir que religião quer seguir, se quer seguir alguma. Pode mudar de religião ao longo da vida, de acordo com as suas convicções e crenças. E pode expressar publicamente a sua religião, sem medo de represálias.

De qualquer forma, compreende-se que, se todas as religiões estão referidas ao Sagrado enquanto Mistério último, que a todas reúne, o diálogo inter-religioso é exigido não apenas como exigência para a paz, mas pela própria dinâmica religiosa na sua compreensão autêntica e profunda.

O próprio Papa Francisco no 55º Dia Mundial da Paz que se celebrou a 1 de janeiro de 2022 afirma que:

todo o diálogo sincero, mesmo sem excluir uma justa e positiva dialética, exige sempre uma confiança de base entre os interlocutores. Devemos voltar a recuperar esta confiança recíproca. A crise sanitária atual fez crescer, em todos, o sentido da solidão e o isolar-se em si mesmos. Às solidões dos idosos veio juntar-se, nos jovens, o sentido de impotência e a falta duma noção compartilhada de futuro. Esta crise é sem dúvida aflitiva, mas nela é possível expressar-se também o melhor das pessoas. De facto, precisamente durante a pandemia, constatamos nos quatro cantos do mundo generosos testemunhos de compaixão, partilha, solidariedade.⁵²

Ao longo da história a Igreja Católica tem demonstrado que o diálogo inter-religioso se tornou de extrema relevância para o mundo, sendo que na década de 1960, a Igreja iniciou uma política de diálogo inter-religioso, através de iniciativas como o *Nostra aetate* sobre a Igreja e as religiões não-cristãs do Concílio Vaticano II, em que afirmava que para que “este diálogo possa ser frutuoso é necessário que os cristãos tenham uma avaliação positiva das outras tradições religiosas”. Para estabelecer precisamente o fundamento das relações da Igreja com as religiões não cristãs e, em particular, o do diálogo inter-religioso, a declaração *Nostra aetate* afirmava que “todos os povos formam (...) uma só comunidade; têm uma só origem, pois Deus fez habitar toda a raça humana à face da terra; têm também um único fim último, Deus, cuja Providência, testemunhos de bondade e desígnios de salvação se estendem a todos”⁵³.

⁵¹ ONU, «Declaração Universal dos Direitos Humanos», acedido a 22 de setembro de 2022, <https://shre.ink/jL1BF1>;

⁵² Francisco, «Diálogo entre gerações, educação e trabalho: instrumentos para construir uma paz duradoura», acedido a 21 de setembro de 2022, <https://bityli.com/gWAXewnVz>;

⁵³ Jacques Dupuis, *O diálogo inter-religioso numa sociedade pluralista* (Lisboa: Didaskalia, 2002), 70-74.

O Concílio Vaticano II (1962-1965) traduziu-se num evento histórico para a Igreja Católica. O Papa João XXIII anunciou o Concílio em 1959, com o objetivo de atualizar a Igreja e os seus ensinamentos à luz da modernidade. O Concílio marcou uma mudança significativa na abordagem da Igreja em relação ao ecumenismo e às outras religiões. O decreto *Unitatis Redintegratio* reconheceu a validade das outras Igrejas e Comunidades cristãs e afirmou o desejo da Igreja Católica de dialogar e trabalhar em conjunto com elas. A declaração *Dignitatis Humanae* promoveu a liberdade religiosa como um direito humano fundamental. A declaração *Nostra Aetate* abordou a relação da Igreja com as religiões não cristãs, reconhecendo o valor das tradições religiosas e a necessidade de dialogar com elas. A Constituição sobre a Revelação Divina estabeleceu o papel da Bíblia na vida e no ensino da Igreja.

A dimensão religiosa é uma componente fundamental da identidade e da cultura dos povos e marca profundamente muitas comunidades. A diversidade de crenças e valores assentes na realidade religiosa constituem-se como um espaço privilegiado para o aprofundamento de uma cultura plural e simultaneamente aberta ao diálogo. “Não obstante, estas diferenças religiosas continuam a ser uma fonte de tensão, conflito e discriminação, sendo que sem uma prática de diálogo intercultural e religioso, vivemos no perigo de nos fecharmos numa realidade cultural estática”⁵⁴.

Neste sentido, o diálogo inter-religioso engloba tanto a componente religiosa como espiritual, bem como os valores de cada ser humano. Este assume-se como uma realidade complexa, onde não se procura anular as diferenças e a identidade espiritual ou religiosa, mas sim valorizá-la, dialogando para conseguir estar em harmonia e paz, formando um mundo melhor.

A liberdade de pensamento, de consciência e de religião é um dos fundamentos de todas as sociedades democráticas, garantido pelo artigo 9.º da Convenção Europeia dos Direitos do Homem. Em grande parte, as prioridades do Conselho da Europa e as preocupações das comunidades religiosas sobrepõem-se: direitos humanos, cidadania democrática, promoção dos valores, paz, diálogo, educação e solidariedade.

A prática religiosa é um componente da vida contemporânea; por conseguinte, ela não pode, nem deve, ser excluída da esfera de interesses das autoridades públicas, ainda que o Estado deva preservar o seu papel de guardião neutro e imparcial da prática de diferentes religiões, fés e crenças.⁵⁵

⁵⁴ Borges, *Religião e diálogo inter-religioso*, 25-36;

⁵⁵ Ministros dos Negócios Estrangeiros do Conselho da Europa, «Livro Branco sobre o Diálogo Intercultural: Viver juntos em igual Dignidade», acedido a 15 de agosto de 2022, <https://bitly.com/yjweeYju>.

A religião tem um papel relevante na vida social, política e económica das sociedades, pelo que as autoridades públicas têm o dever de assegurar o respeito pelos princípios religiosos e pelas práticas religiosas. O Conselho da Europa considera que o diálogo é uma ferramenta indispensável para permitir um convívio harmonioso entre as religiões e as crenças numa sociedade. O diálogo deve ser estimulado entre as autoridades públicas e as comunidades religiosas e também entre as próprias comunidades religiosas “nomeadamente para permitir que as autoridades públicas possam comunicar com os representantes autorizados das religiões e crenças que procuram reconhecimento à luz do direito nacional”⁵⁶.

A tolerância é uma virtude prática. Ela exige de nós que acima de qualquer coisa respeitemos a liberdade dos outros. Se uma opinião, se um comportamento, se um estilo de vida difere do nosso, a primeira reação deve ser o diálogo, a compreensão, o encaminhamento para a reconciliação. O diálogo inter-religioso surge como um espaço de encontro e de troca de saberes, de convicções e de valores, que visa o reconhecimento mútuo e o respeito das diferenças. Ele é, portanto, um espaço de diálogo e de acolhimento, onde todos são chamados a participar, a contribuir e a enriquecer o processo.

1.2 - A escola católica como instigadora

Há quem ponha em questão hoje o compromisso da Igreja na educação, perguntando-se se os seus recursos não poderiam ser mais bem empregues noutras partes. Certamente, numa nação como esta [Estados Unidos da América.], o Estado predispõe de amplas oportunidades para a educação e atrai mulheres e homens dedicados e generosos para esta honrada profissão. Portanto, é oportuno refletir, sobre o que é específico das nossas instituições católicas. Como podem elas contribuir para o bem da sociedade, através da missão primária da Igreja, que é evangelizar.⁵⁷

A educação católica tem sido, ao longo dos séculos, um instrumento privilegiado para a promoção da cultura da vida e da paz, do respeito recíproco e da solidariedade, da justiça e da liberdade. A Igreja, consciente dos novos desafios, quer renovar a sua missão educativa, oferecendo aos jovens uma educação que os ajude a conhecer, amar e seguir Jesus Cristo, a fim

⁵⁶ Ministros dos Negócios Estrangeiros do Conselho da Europa, «Livro Branco sobre o Diálogo Intercultural: Viver juntos em igual Dignidade»;

⁵⁷ Bento XVI, «Discurso no encontro com os educadores católicos», acedido a 2 de dezembro de 2022, <https://shre.ink/cv8F>.

de que possam construir uma sociedade mais justa e fraterna. O Papa João Paulo II, citado pelo Papa Francisco, recorda que a educação católica tem uma missão específica, cujo fim é “colocar a pessoa humana numa relação correta com Deus”⁵⁸. A educação católica deve, assim, ter como objetivo a plena realização da pessoa humana, através da sua formação integral. A função social do conhecimento escolar, relativamente à dimensão religiosa, constitui-se como um espaço de questionamento onde aprendemos gradativamente como imaginar, refletir e atuar no mundo. “Para o cristão, é também uma forma de participar do papel profético que Jesus deixou à sua Igreja”⁵⁹.

O mundo de hoje é marcado por uma profunda diversidade religiosa. Uma diversidade que deve ser respeitada, porque é fruto da liberdade religiosa que deve ser protegida. Diversidade essa que deve ser acolhida e compreendida, pois é fruto de um longo processo de interação, de convivência, de relações interculturais. A religião é um dos elementos constitutivos da sociedade e, por isso, está presente nas relações interpessoais, nas instituições e nas diversas manifestações culturais. O Papa Francisco destaca que o ensino católico não é exclusivo à Igreja ou às crenças religiosas, mas um ensino baseado em princípios morais e éticos, que são importantes para o desenvolvimento adequado da pessoa. Lembra, ainda, que o ensino católico incentiva o diálogo inter-religioso, o respeito e o diálogo com aqueles que não compartilham da mesma fé.

O que eu quero dizer é que a escola como um todo se configure como uma lição de vida na qual diferentes elementos são integrados, em estreita colaboração com outras instâncias, como a família ou a sociedade. Desta forma, no quotidiano, no impercetível, no que é vivido, a identidade de nossas escolas conseguirá fazer-se presente e entrar em diálogo, ser uma palavra que possa, ao mesmo tempo, ser um desafio para as pessoas de fé e construir pontes de diálogo com os não crentes.⁶⁰

Assim, o diálogo entre religiões e educação é indispensável para o entendimento mútuo e o respeito recíproco entre os seguidores das diferentes religiões.

A escola católica deve, ainda, incentivar a ética, a justiça e a transparência, promover diálogos frutíferos que promovam a compreensão e o respeito mútuo, além de oferecer uma educação humanitária e inclusiva. Uma educação que permita que todos os envolvidos sejam ouvidos, que respeite as vontades e desejos de cada indivíduo, que envolva todos os participantes em busca de soluções para os problemas sociais. Além disso, deve abordar temas

⁵⁸ Francisco, «Discurso aos participantes na Assembleia Plenária do Pontifício Conselho para a Cultura», acedido a 2 de dezembro de 2022, <https://shre.ink/cV87>;

⁵⁹ Francisco, «Mensagem ao Congresso Mundial de Educação Católica», acedido a 2 de dezembro de 2022, <https://shre.ink/cV8S>;

⁶⁰ Francisco, «Mensagem ao Congresso Mundial de Educação Católica».

como o desenvolvimento sustentável, a luta contra a pobreza, a justiça social, a promessa de direitos humanos e a igualdade de género.

A globalização económica, política e cultural tem sido acompanhada pelo aumento das desigualdades sociais a nível mundial, pelo crescimento das ondas migratórias e pelo surgimento de novas formas de racismo e xenofobia. A isto juntamos uma marginalização crescente da fé cristã, tornando-se cada vez mais uma questão privada, que cada um reflete e interpreta à sua maneira, sem uma referência comum que a sustente e a sustente na sociedade.

Num contexto de economia de mercado, com a crescente competitividade, a emergência de novas tecnologias, a diversificação das necessidades educativas, são alguns dos fatores que contribuem para aumentar a complexidade do trabalho educativo. Estas mudanças não são apenas externas à escola; estão também presentes dentro dela. A escola é, cada vez mais, confrontada com a diversidade dos alunos, com as diferentes expectativas e necessidades, com as diferentes culturas e línguas, com as diferentes formas de aprendizagem. Neste sentido, a escola deve ser um espaço de inovação, de criação, onde os professores possam desenvolver as suas competências e onde os alunos possam aprender de forma eficaz.

Perante este horizonte a escola católica é chamada a uma renovação corajosa. A preciosa herança de uma longa experiência de séculos manifesta, com efeito, a vitalidade própria sobretudo na capacidade de inovação sábia. É assim necessário que também no nosso tempo a escola católica saiba afirmar-se de maneira eficaz, persuasiva e atual. Não se trata de pura adaptação, mas de impulso missionário: é o dever fundamental da evangelização, de ir até onde está o homem para que acolha o dom da salvação.⁶¹

Esta renovação deve ser feita de tal modo que a escola católica não se apague no coro das inúmeras escolas existentes, mas seja reconhecível por uma identidade clara e própria. A Igreja quer que a escola católica seja uma parte viva dentro da sociedade, terra frutífera para a semente da palavra de Deus, escola de verdade e de vida, de amor e de serviço. A Igreja quer que a escola católica tenha uma ação educativa de elevado nível cultural, que se abra às realidades sociais, que seja ao serviço do homem integral, corpo e alma, espírito e coração.

O mundo do trabalho é cada vez mais instável, competitivo e exigente, com contratações cada vez mais precárias e aumento das horas de trabalho. A família enfrenta dificuldades crescentes, o que se reflete na educação dos filhos. A escola tem de lidar com um aluno cada vez mais heterogéneo e com dificuldades crescentes de compreensão e de concentração. A escola católica tem de dar resposta a estes desafios, oferecendo um projeto de educação integral

⁶¹ Laghi, «A Escola Católica No Limiar do Terceiro Milénio», acedido a 23 de setembro de 2022, <https://bitly.com/CGYxHKuXG>.

que ajude os jovens a construir a sua própria identidade e a assumir as suas responsabilidades. Tem de ser capaz de oferecer aos jovens um ambiente de acolhimento, de estímulo à reflexão e à crítica, de diálogo e de partilha. Tem de ser um lugar onde se aprende a conviver e a respeitar as diferenças, onde se valoriza a solidariedade e a justiça, onde se oferece aos jovens oportunidades de crescimento pessoal e de realização de sonhos.

Para interagir de forma positiva com a diversidade, é preciso ter consciência de que todos os seres humanos são diferentes e, ao mesmo tempo, iguais. É preciso ter consciência de que todos têm o direito a ser respeitados e a ter suas diferenças reconhecidas. Reconhecer a diversidade é um processo de aprendizagem que pode ser desenvolvido ao longo da vida. Aprender a lidar com a diversidade é um processo de crescimento pessoal e profissional que contribui para o enriquecimento pessoal e social.

A isto se junta, em muitos alunos e nas famílias, um sentido de profunda apatia pela formação ética e religiosa, de modo que no fundo o que se pede à escola católica é só um diploma ou, quando muito, uma instrução qualificada e uma habilitação profissional. O clima descrito produz um certo cansaço pedagógico, que, no contexto atual, se junta à dificuldade crescente em conjugar o ser professor com o ser educador.⁶²

Este é um problema grave porque a formação ética e religiosa é indispensável para o desenvolvimento integral da pessoa. O homem é uma realidade ética e religiosa e a sua educação deve ser integral, isto é, deve respeitar a sua dimensão ética e religiosa. A escola católica, enquanto comunidade educativa, tem a missão de ajudar os jovens a crescerem como pessoas éticas e religiosamente maduras, isto é, capazes de assumir as suas responsabilidades pessoais, sociais e profissionais, de acordo com os valores do Evangelho.

Neste sentido, é preciso que a educação cristã seja capaz de compreender e acolher de forma adequada as diversas formas de fé e cultura presentes no mundo atual. Não se trata de um processo fácil, pois exige uma postura ativa e comprometida com o diálogo, acolhendo a diferença e procurando oportunidades para que as pessoas se possam encontrar e partilhar as suas diferenças. É importante que o ensino cristão seja aberto ao conhecimento mútuo, aprendendo a ouvir e a respeitar as narrativas de outras tradições espirituais, reconhecendo a dignidade de todas as pessoas e desenvolvendo um diálogo aberto e honesto. Somente assim será possível construir uma cultura de paz e respeito, que promova a diversidade e a inclusão.

A presença da Escola Católica na sociedade portuguesa é pouco expressiva em termos numéricos, mas apresenta um impacto positivo significativo em termos sociais. A imagem está associada à organização, disciplina, seriedade, qualidade das aprendizagens, educação integral

⁶² Laghi, «A Escola Católica No Limiar do Terceiro Milénio».

e valores. A Escola Católica tem se destacado por oferecer um ensino de qualidade, com ênfase em valores e numa educação integral que inclui aspetos académicos, morais e espirituais. Isso tem contribuído para a formação de jovens bem-sucedidos e cidadãos responsáveis.

Além disso, a Escola Católica tem trabalhado para promover a inclusão de todos os estudantes, independentemente da sua origem socioeconómica. Isso tem contribuído para a diminuição das desigualdades e para a construção de uma sociedade mais justa e equitativa.

A Escola Católica é procurada por pessoas de diferentes estratos sociais, raças e religiões devido à sua essência universal. No entanto, nem sempre essa universalidade se concretiza na realidade.

De acordo com os últimos dados disponibilizados pela Associação Portuguesa de Escolas Católicas, em Portugal, 27 (20%) ainda oferecem ensino gratuito graças ao apoio estatal, as demais escolas católicas dependem quase exclusivamente das propinas pagas pelas famílias. As dificuldades económicas atuais e a baixa taxa de natalidade estão a afetar o funcionamento dessas escolas, que só conseguem sobreviver se forem de grande dimensão e estiverem localizadas nas áreas mais populosas.⁶³

Essa instabilidade e incerteza que afetam todas as escolas católicas – agravada por contextos políticos e mediáticos desfavoráveis – podem desvirtuar sua principal missão: a educação cristã “no quadro da fé de uma Igreja pobre pelos pobres”⁶⁴. É importante que as escolas católicas continuem a trabalhar para cumprir a sua missão e promover a educação cristã de qualidade para todos.

2 – Desafios à escala global

A Declaração dos Direitos da Criança, adotada pela Assembleia Geral das Nações Unidas em 1959, estabelece no artigo 13 que todas as crianças têm direito à educação e que os pais têm o direito de escolher o tipo de educação que querem dar aos seus filhos, desde que tal escolha seja de acordo com as leis do Estado. Além disso, prevê que todas as crianças devem ter acesso à mesma qualidade de educação e que ela deve ser livre de preconceitos de qualquer tipo. Tal como a Declaração Universal dos Direitos Humanos, adotada pela Assembleia Geral

⁶³ Associação Portuguesa das Escolas Católicas, «As Escolas Católicas em Portugal», acedido a 4 de janeiro de 2023, <https://bitly.com/n4wwH>;

⁶⁴ Instrumentum Laboris, «Educar hoje e amanhã - uma paixão que se renova», acedido a 5 de janeiro de 2023, <https://shre.ink/cVe1>.

das Nações Unidas em 1948, que estabelece no artigo 26 que todos os seres humanos têm direito à educação.

O referido artigo prevê que a educação deve ser gratuita, pelo menos nas fases elementares. “Quanto à afirmação do projeto educativo específico das escolas católicas, entendemos que é fundamental que a escola católica assuma a sua centralidade em Cristo, para que possa ser escolhida conscientemente pelos pais e encarregados de educação.”⁶⁵

De acordo com os dados obtidos pela Agência *Fides* que fazem referência às instituições de ensino, a Igreja tem 72.785 jardins de infância em todo o mundo, frequentados por 7.510.632 alunos; 99.668 escolas primárias para 34.614.488 alunos; 49.437 escolas secundárias para 19.252.704 alunos. Segue-se também 2.403.787 alunos do ensino secundário e 3.771.946 estudantes universitários.⁶⁶

O projeto educativo das escolas católicas é orientado pela doutrina da Igreja Católica e fundamentado na sua pedagogia. A finalidade das escolas católicas é educar para a vida, mas também educar para a fé e para a formação cristã. Estas escolas baseiam-se na crença de que a educação é um processo de desenvolvimento integral da pessoa, que deve ser orientado pelos valores cristãos.

As escolas católicas procuram promover o desenvolvimento moral, intelectual e espiritual dos seus alunos, oferecendo-lhes a oportunidade de participar em atividades que lhes permitam adquirir conhecimento e desenvolver habilidades com o objetivo de se tornarem pessoas integradas, responsáveis e autónomas. Os programas pedagógicos das escolas católicas são frequentemente baseados em princípios cristãos e procuram promover o desenvolvimento integral da pessoa. Isso inclui a educação religiosa, que visa desenvolver uma compreensão mais profunda da fé cristã, a consciência moral, a compreensão e o respeito pelas outras religiões e culturas, e o desenvolvimento de valores espirituais e morais.

A Congregação da Educação Católica chamou a atenção para algumas características fundamentais da escola católica: um lugar de educação integral da pessoa humana através de um projeto educativo que tem o seu fundamento em Cristo; a sua identidade eclesial e cultural; a sua missão de caridade educativa; o seu serviço social; o estilo educativo que deve caracterizar a sua comunidade educante.⁶⁷

⁶⁵ Gracinda Leão, Paulo Ribeiro, «Gestão e Desenvolvimento, O direito à Escolha de uma Escola com Projeto Educativo Católico», acedido a 3 de dezembro de 2022, <https://shre.ink/cVP2>;

⁶⁶ Vaticano, «Le statistiche della Chiesa cattolica 2022», acedido a 20 de outubro de 2022, <https://shre.ink/cVPF>;

⁶⁷ Gracinda Leão, Paulo Ribeiro, «Gestão e Desenvolvimento, O direito à Escolha de uma Escola com Projeto Educativo Católico».

Atualmente, as dimensões educativas que partem de princípios éticos, morais e religiosos são frequentemente esquecidas ou postas de lado. Ao mesmo tempo, os valores morais e religiosos são frequentemente considerados opcionais e desnecessários. Esta tendência contribui para limitar a expressão e a realização do Projeto Educativo Católico, pois os aspetos éticos, morais e religiosos não são tão bem aceites por aqueles que mais influenciam a educação. Em alguns casos, a educação pode até ser percebida como um meio para a secularização das crianças e não como uma oportunidade de desenvolvimento integral.

A fragmentação da educação, o carácter genérico dos valores, a que frequentemente se recorre para obter amplo e fácil consenso, a custo, porém, dum ofuscamento perigoso do conteúdo, tendem a adormecer a escola num presumível neutralismo, que enfraquece o potencial educativo e se reflete negativamente sobre a formação dos alunos. Pretende-se esquecer que a educação pressupõe e envolve sempre uma determinada concepção do homem e da vida. Na prática, a maior parte das vezes, à pretendida neutralidade escolar corresponde a remoção da referência religiosa no campo da cultura e da educação.⁶⁸

A fragmentação da educação, os valores genéricos adotados frequentemente tendem a levar à neutralidade escolar, o que, por sua vez, acaba por enfraquecer o potencial educativo da escola. Essa neutralidade implica a remoção da referência religiosa no campo da cultura e da educação, o que leva à desconsideração da concepção do Homem e da vida que é pressuposta pela educação. Desta forma, a neutralidade escolar acaba por comprometer a formação dos alunos, pois impede o desenvolvimento da consciência crítica e do pensamento profundo necessários para a formação intelectual.

Neste sentido, as Escolas Católicas devem assegurar o seu compromisso educativo, enfatizando os direitos e deveres dos alunos, os temas a abordar nos diversos conteúdos programáticos e a forma como são abordados, bem como a oferta de atividades extracurriculares, e proporcionar momentos de reflexão sobre a vida cristã e a sua prática nas relações humanas. Também é importante que a Escola Católica se assuma como uma entidade mediadora entre os pais e os alunos, através de um diálogo aberto e transparente. Desta forma, é possível aproximar os ideais educativos familiares e escolares, procurando um equilíbrio saudável e uma educação que contribua para a formação integral dos alunos.

Perante uma sociedade carente de espírito, a Escola Católica oferece uma proposta de fé ancorada no Evangelho e em Jesus Cristo. E perante uma Igreja que precisa de palcos de

⁶⁸ Vaticano, «Sagrada congregação para a Educação católica», acedido a 3 de dezembro de 2022, <https://shre.ink/cVP8>.

evangelização, a Escola assume-se como um espaço eclesial privilegiado para transmitir a fé e alcançar todos os membros da família.

Dessa forma, a Escola Católica pode continuar a ser um importante agente de mudança na sociedade portuguesa, oferecendo uma educação cristã de qualidade e promovendo a inclusão de todos os estudantes. É preciso superar as dificuldades atuais e continuar a trabalhar para que esta cumpra a sua missão e contribua para a construção de uma sociedade mais justa e equitativa.

A Igreja Católica tem o conhecimento e a habilidade de educar com fé e para a fé, com paixão e emoção, com sentido, com valores, com criatividade e com visão. A Escola Católica sabe harmonizar os saberes científicos com a interioridade e integrá-los na vida, e sabe dialogar com as pessoas e com o mundo. Essas habilidades e conhecimentos fazem com que a Escola Católica seja capaz de enfrentar os desafios e as oportunidades que se apresentam, e de oferecer uma formação que ajude as pessoas a crescer como seres humanos maduros, simples, competentes e honestos.

A Escola Católica pode ser um lugar de encontro e de convergência de toda a comunidade educadora, com a finalidade de formar pessoas que saibam amar com fidelidade e que saibam levar a vida como uma resposta à vocação de Deus.⁶⁹ Isso pode constituir uma diferença em relação a outros tipos de educação, já que a Escola Católica oferece uma formação que vai além dos conhecimentos técnicos e científicos, e que inclui a dimensão espiritual e moral.

3 – Comunicação inclusiva e aberta – imperativo ético de progresso

A educação inclusiva pressupõe a adoção de uma política educativa que promova o direito à diversidade e à igualdade de oportunidades para todos/as, de forma a tornar as escolas e instituições de ensino acessíveis a todos/as, independentemente das suas características específicas. Neste contexto, é necessário que as escolas promovam a inclusão educativa, através da formação de professores/as, bem como da criação de espaços e de atividades que permitam a inclusão de todos/as, independentemente das suas características.

Comunicação inclusiva significa uma comunicação que não exclui, que não discrimina, que não estigmatiza, mas que acolhe e valoriza a diversidade. É uma comunicação que promove

⁶⁹ Francisco, «Discurso aos estudantes das escolas dos Jesuítas na Itália e Albânia», acedido a 9 de dezembro de 2022, <https://bityli.com/35i6Y>.

a igualdade de oportunidades, a partilha de conhecimentos e a interação entre diferentes pontos de vista.

Promover a comunicação inclusiva significa, entre outras coisas, promover a linguagem acessível. Isto é, usar uma linguagem simples, clara, direta, que todos consigam compreender. Significa também usar imagens e simbolismos que representem a diversidade de género, etnia, religião, idade, entre outros, de forma justa e igualitária. Promover a comunicação inclusiva significa, ainda, respeitar e promover a diversidade linguística, ou seja, as línguas e as variedades linguísticas de cada comunidade. Respeitar as línguas de sinais e outras formas de comunicação não-verbal, promover a formação de intérpretes e adotar ações que permitam a integração de todos.

Não há humanidade sem aprendizagem cultural e, para começar, sem aquilo que é a base de toda a cultura (...): a linguagem. O mundo em que vivemos, seres humanos que somos, é um mundo linguístico, uma realidade de símbolos e leis sem a qual não só seríamos incapazes de comunicar entre nós, mas também de aprender a significação do que nos rodeia.⁷⁰

A designação de “comunicação educacional” merece uma prévia consideração terminológica. Por comunicação educacional entende-se a comunicação em e para a educação. Um curso de comunicação educacional seria um curso no qual se abordariam questões de natureza predominantemente técnica ou instrumental sobre como deve ser a comunicação em educação, apoiando-se nas investigações que têm sido levadas a cabo no domínio das teorias e modelos de informação e que constituem o que nos EUA se designa por *mass communication research*.⁷¹

Ora, a comunicação educacional releva uma especificidade que essas investigações na área da comunicação e da informação não salvaguardam. Em primeiro lugar, porque essas investigações têm sido levadas a cabo no âmbito e para efeitos sobretudo da comunicação de massas. Em segundo lugar, porque elas têm sido determinadas por interesses políticos e sobretudo económicos, diga-se, de consumo e não educacionais. Em oposição às investigações da *mass communication research*, procurando sobretudo denunciar o interesse manipulador que as anima, surgiu, como teoria alternativa, a teoria crítica da comunicação da Escola de Frankfurt.

Justifica-se, não obstante, considerar os modelos de análise e as teorias da comunicação da *mass communication research* para darmos conta quer dos seus limites para a comunicação em educação, quer para, sobretudo, aproveitar algumas das suas conclusões, uma vez que a

⁷⁰ Fernando Savater, *Ética para um Jovem* (Alfragide: Publicações Dom Quixote, 2008), 65;

⁷¹ Armando Rocha Trindade, *Introdução à Comunicação Educacional* (Lisboa: Universidade Aberta, 1990).

comunicação em educação não se reduz à transmissão, também a exige, dado que não há educação sem transmissão de informação.

Com o presente capítulo também se pretende, de algum modo, habilitar tecnicamente os futuros professores na sua competência comunicativa. “O pressuposto do qual se parte é o de que existe uma estreita articulação entre educação, comunicação, diálogo e (re)construção do conhecimento”⁷².

De um modo mais explícito, a concepção da educação como comunicação, diálogo, partilha de mundo, de sentido e de consciência opõe-se às pedagogias da transmissão de informações que apenas concedem aos educandos um papel de puros receptores e consumidores finais de um conhecimento produzido fora. A própria aquisição de conhecimentos é perspectivada de um outro modo, quando se concebe a educação como comunicação. Aqui o ato de conhecer é um ato de auto e hetero-construção ou reconstrução de conhecimentos.

Paulo Freire, um dos pedagogos que mais contestou o modelo tradicional da educação como pura transmissão e depósito de informações em vasilhas vazias a encher (os alunos), acrescenta que uma tal concepção de educação causa uma postura ideológica e política conservadora, marcadamente dominadora, domesticadora e opressora e, portanto, também desumanizadora. Ao carácter unidirecional, extensivo e vertical da educação vigente que tem na prática da transferência de informações a sua metodologia opõe o educador brasileiro uma educação dialógica ou comunicacional que faça do ato de educar um ato problematizador, crítico, conscientizador e transformador. “Dessa forma, “ensinar não é transmitir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”⁷³.

A comunicação inclusiva e aberta é uma ferramenta importante para garantir o diálogo e a colaboração entre culturas, gerações e indivíduos de diferentes origens, experiências e visões de mundo. É um imperativo ético de progresso que exige a adoção de medidas para evitar a discriminação e a exclusão, bem como para criar um ambiente acolhedor e aberto para todos os alunos. No entanto, a transição da ambição à prática pode ser complexa, e é necessário para garantir o sucesso adotar as medidas corretas.

⁷² Joaquim Neves Vicente, *Subsídios para uma didática comunicacional* (Coimbra: Rev. Fil. Coimbra, 1992), vol.1, n°2;

⁷³ Paulo Freire, *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa* (São Paulo: Paz e Terra, 2007), 47.

3.1- Da ambição à prática: um caminho complexo

A comunicação inclusiva e aberta é uma abordagem cada vez mais aplicada nos âmbitos académico, profissional e social. Consiste na capacidade de se comunicar de forma acessível, clara e não discriminatória, considerando as diferenças culturais, linguísticas e outros fatores que influenciam o processo de comunicação. A adoção desta abordagem é um processo complexo, pois envolve diversos aspetos, desde a compreensão do contexto do recetor até à adaptação do conteúdo aos diferentes meios de comunicação. O objetivo deste modelo de comunicação é permitir que todos os indivíduos, independentemente de suas características, consigam compreender o conteúdo transmitido.

A implementação desta abordagem exige que os educadores envolvidos considerem as diferentes necessidades dos públicos-alvo e façam uso de linguagem clara e acessível. Além disso, é necessário que os meios de comunicação sejam apropriados para o recetor, de modo a garantir que todos possam facilmente compreender o conteúdo. Outro ponto fundamental da comunicação inclusiva e aberta é o respeito pela diversidade. É necessário que os professores tenham consciência de que as características individuais influenciam a forma como as pessoas percebem e interpretam as informações. A compreensão destas diferenças é essencial para a comunicação pois permite que os professores se adaptem às necessidades de quem recebe a mensagem.

Para conseguir uma comunicação mais inclusiva é essencial defender uma atitude mais flexível, já que cada turma e aluno é diferente. A inclusão efetiva dos alunos torna importante ajustar planos, regras e procedimentos. Os professores que comunicam de modo eficaz procuram reduzir os problemas através da ajuda aos alunos na aprendizagem de competências de autogestão.

O desenvolvimento de sistemas para manter os alunos responsáveis pelo seu próprio trabalho escolar e pelo seu comportamento na sala de aula é bastante importante. “Os bons gestores de aula comunicam comportamentos desejáveis através de elogios e recompensas ou de castigos justos, rápidos e diretos”⁷⁴.

A exposição transparente dos professores em relação aos alunos e a administração consistente das consequências são indispensáveis na gestão da sala de aula, na disciplina assertiva, na promoção de um bom relacionamento com os alunos e no sucesso do processo de ensino/aprendizagem, pois ensinar não é só transmitir conhecimentos.

⁷⁴ Patrícia Gonçalves Carvalho, *A comunicação no processo de ensino-aprendizagem entre crianças e entre intervenientes educativos* (Coimbra: Instituto Politécnico de Coimbra, 2014), 55-69.

Não se pode entender o processo de ensino/aprendizagem sem se reconhecer o processo de comunicação. Deste modo, o professor deve:

conhecer o nível intelectual e as informações dos alunos; motivar continuamente as criança/jovens usando estratégias que despertem o seu interesse; remover ou minimizar os obstáculos à comunicação utilizando os vários tipos de comunicação e suportes de informação; conduzir os alunos a hábitos de pensamento, ação, respeito, criatividade e crítica construtiva.⁷⁵

Além das táticas referidas, o professor deve ainda “usar o tom de voz adequado que seja claro e objetivo”. Quando se fala em processo de ensino/aprendizagem, clareza e objetividade são fundamentais. Os professores precisam compreender que só há comunicação quando o interlocutor entende o que foi dito.

É ainda necessário “conhecer a linguagem do aluno”. Por outras palavras, é preciso adequar o discurso à realidade das crianças e adolescentes. É crucial que os professores conheçam o vocabulário dos alunos⁷⁶.

Segundo Idalberto Júnior, a comunicação implica a transmissão de uma informação de um indivíduo para outro, ou entre grupos, com compreensão mútua da mensagem. Para isso o professor tem de “proporcionar um espaço de aula aberto”, onde os alunos aprendam não só a ser e a estar, mas também se possam manifestar; “agir com competência pedagógica”, mostrando aptidão para ensinar dentro da sua área específica; “promover a aquisição da competência de observar e criticar construtivamente o seu próprio comportamento e o dos outros; adotar uma política de cooperação entre a escola, a família e a restante comunidade educativa”, impulsionando iniciativas de intervenção da comunidade e construindo em conjunto um projeto educativo que vise a inclusão de todos.⁷⁷

O professor deve ter o domínio das vertentes de estímulo intelectual e empatia interpessoal.⁷⁸ Os estudos de Idalberto Júnior destacam, ainda, os elementos-chave da dialogicidade:

a problematização, a reflexão e a ação que fortalece a aprendizagem autónoma; o acolhimento do outro pela aceitação da diversidade num exercício de empatia interpessoal; o respeito por quem aprende; o amor pelo próximo e pela educação; a construção coletiva da aprendizagem;

⁷⁵ Christina Tilstone, Lani Florian, Richard Rose, *Promover a Educação Inclusiva* (Lisboa: Instituto Piaget, 2003), 120-139;

⁷⁶ Carvalho, *A comunicação no processo de ensino-aprendizagem entre crianças e entre intervenientes educativos*, 55-60;

⁷⁷ Idalberto Júnior, «Possibilidades Educativas no Exercício da Dialogicidade», em *DIÁLOGO - Um processo educativo*, org. Luiz Síveres e Ivar Vasconcelos (Brasília: Cidade Gráfica Editora; 2018), 61;

⁷⁸ De acordo com Idalberto Júnior, o estímulo intelectual compreende a clareza da apresentação do professor e o seu impacto emocional estimulante sobre os estudantes. A empatia interpessoal está associada à consciência do professor para entender os fenómenos interpessoais e possuir habilidade de comunicar-se com os estudantes de modo a aumentar a motivação, o prazer e a aprendizagem autónoma.

a complementaridade dos opostos; a humanização dos processos educativos. Com base na aproximação teórica dos conceitos do diálogo, da dialogicidade, da complexidade e do pensamento ecossistêmico, é possível sistematizar possibilidades educativas que contribuam ao exercício da dialogicidade de forma a estimular a reforma do pensamento, incitando ainda o ensinar a pensar e a aprendizagem significativa.⁷⁹

As possibilidades educativas pelo exercício da comunicação e do diálogo abrem caminho para as inúmeras capacidades que podem ser usadas na sala de aula. É imperativo que os professores estejam atentos à forma como comunicam com os seus alunos.

Como sabemos, o modelo tradicional de educação e de diálogo ao longo do tempo valorizou essencialmente o ouvir e o ler, em que a participação do aluno era remetida para segundo plano, tornando todo o processo de alfabetização num ato essencialmente mecânico e repetitivo. Por isso mesmo, o papel do professor é essencial, como já foi bastante comentado ao longo destas páginas, para que se consiga alcançar a capacidade de diálogo inclusivo de todos os alunos, para que estes falem, expressem, opinem, fazendo assim a diferença na comunidade e no mundo.

“A relação dialógica rompe as práticas educacionais e culturais domesticadoras, substituindo-as por um trabalho cultural humanizado. A prática educativa desenvolve-se não pela subordinação, mas por meio do diálogo, da comunicação e solidariedade autêntica entre educador e educando”⁸⁰.

3.2 - As potencialidades da inclusão e da abertura na comunicação

No quotidiano facilmente se registam formas, meios e conteúdos comunicacionais que, por diversas razões, não incluem todas as pessoas. Estas situações materializam-se quando, por exemplo, são utilizadas imagens que não atentam à diversidade existente na comunidade (seja por razão da idade das pessoas representadas, por pertença étnica, de diversidade de género, de diversidade funcional ou outras), quando é divulgada informação sem se garantir o acesso de todas as pessoas a essa informação (se, por exemplo, são disponibilizados vídeos sem legendas e/ ou sem interpretação em língua gestual portuguesa), ou quando não são tidos em conta os estereótipos de género que subjazem à utilização de uma linguagem androcêntrica.

⁷⁹ Júnior, «Possibilidades Educativas no Exercício da Dialogicidade», 63;

⁸⁰ Freire, *Pedagogia do oprimido*, 135.

É importante que a comunicação seja inclusiva, tendo em conta os diferentes grupos e minorias, garantindo a visibilidade e o acesso à informação. Como é dito por Helena Soares, “é importante utilizar uma linguagem inclusiva por razões políticas, cognitivas e linguísticas”⁸¹.

Para tal, é necessário definir uma política de comunicação que inclua princípios de inclusão e diversidade, que permita a utilização de linguagem acessível, imagens que representem todos os grupos sociais, a disponibilização de informação em línguas estrangeiras, bem como a interpretação em língua gestual. Além disso, todas as mensagens devem ser pensadas de forma a promover a igualdade e a não perpetuar estereótipos de género, e devem ser avaliadas de acordo com os princípios da dignidade humana e do respeito pelo outro. “Uma linguagem inclusiva e não tendenciosa evita os estereótipos e as referências irrelevantes a particularidades dos indivíduos e reconhece as qualidades positivas de todas as pessoas independentemente do género, orientação sexual, idade, cultura ou outra”⁸².

A linguagem inclusiva é uma questão importante e relevante nos dias de hoje, uma vez que vivemos cada vez mais numa aldeia global. O respeito pela diferença, tanto defendido pela Carta dos Direitos Humanos, é fundamental para a construção de uma sociedade justa e humana.

Naturalmente, uma sociedade madura deve criar condições para a defesa e inclusão através da educação dos cidadãos. Desde cedo, na família e mais tarde na escola, deve ser promovida uma linguagem que promova a integração natural das pessoas na comunidade. Para o efeito, segundo a publicação sobre comunicação inclusiva do Secretariado-Geral do Conselho da União Europeia, devemos utilizar pronomes pessoais neutros, evitando o uso de termos que reforcem estereótipos e preconceitos de género, como "ele" e "ela". Em vez disso, são usados termos como "eles" e "elas", que incluem todas as pessoas, independentemente do género.⁸³

Além disso, é importante evitar o uso de termos que possam sugerir preconceitos, como "feminino" ou "masculino". Em vez disso, podem ser utilizadas palavras mais inclusivas, como "pessoa" ou "indivíduo".

Outro aspeto importante da linguagem inclusiva é o uso da terminologia correta para se referir às pessoas com deficiência. Em vez de utilizarmos termos como "deficiente", é mais adequado utilizar "pessoa com deficiência", reconhecendo a pessoa em primeiro lugar, e não a sua condição.

⁸¹ Helena Soares, «*Novo grupo interinstitucional sobre linguagem inclusiva*», in A folha, n.º 55, Boletim da língua portuguesa nas instituições europeias, acedido a 13 de outubro de 2022, <https://shre.ink/kyNC>;

⁸² Carla Serrão, Teresa Martins, Rosa Maria Rocha, «*Guia para uma Comunicação Inclusiva*», acedido a 8 de dezembro de 2022, <https://shre.ink/cxH1>;

⁸³ Secretariado-Geral do Conselho da União Europeia, «*Comunicação Inclusiva*», acedido a 20 de março de 2023, <https://shre.ink/kyq7>.

Ao utilizar uma linguagem inclusiva, é possível criar um ambiente mais acolhedor e respeitoso para todas as pessoas. Isso é especialmente importante em ambientes escolares, onde a diversidade é cada vez mais valorizada e reconhecida como um fator importante para o sucesso das sociedades.

De facto, em Portugal, a comunicação inclusiva tem uma história importante e é vista como um elemento-chave para promover a igualdade e a inclusão social. Desde o início do século XX, várias leis e programas foram implementados para promover a igualdade de direitos e oportunidades para todas as pessoas, independentemente da sua origem, género, raça ou religião.

A Constituição Portuguesa de 1976 foi um marco importante nesse processo, uma vez que consagrou os princípios da igualdade e não discriminação, além de garantir o acesso à educação e à saúde a todos os cidadãos. A Constituição também reconheceu a importância de combater a discriminação de género, sexualidade e de pessoas com deficiência, entre outras.

Abordar, nos dias de hoje, as competências didáticas e pedagógicas para o ensino em Portugal é favorecer o surgimento de novos instrumentos e comportamentos que visam a integração dos alunos dentro da sala de aula. Queremos dizer com isto que quanto maior for o conhecimento dos alunos, as suas proveniências, gostos, condição social e expectativas académicas e profissionais, melhor a adequação dos elementos pedagógicos para o sucesso escolar. Esta adequação é, também ela, uma fórmula para incluir todos os alunos, através da diversidade de elementos pedagógicos tendo em vista o sucesso escolar dos alunos.

É de reparar que os mecanismos de ensino tradicional, hoje, estarão colocados de parte, uma vez que o estímulo para a aprendizagem é fundamental. O que queremos dizer é que nem todos aprendem da mesma forma. Sabemos, nesta altura, das nuances sociais que, naturalmente, influenciam cada vez mais o processo de ensino/aprendizagem. Esta diversificação de elementos pedagógicos visa garantir que todos os alunos são tratados com igualdade e respeito, independentemente das suas diferenças, para que possam ter acesso aos conteúdos programáticos de forma igualitária.

Por fim, é importante lembrar que a linguagem inclusiva não é apenas uma questão de palavras, mas também de atitudes e comportamentos. O respeito deve ser uma preocupação constante em todas as áreas da vida, para que possamos construir uma sociedade mais justa e igualitária para todos.

CAPÍTULO III – RIQUEZA E SENTIDO DOS AFETOS: OPÇÕES PEDAGÓGICAS E DIDÁTICAS PARA O ENSINO DA UNIDADE LETIVA 3

No seu livro *Dicionário do Século XXI*, Jacques Attali, economista francês, define o conceito de adolescente do século atual: Jovem nómada, passando o essencial do seu tempo, tanto livre como escolar, em frente dos ecrãs de televisão, de jogos de vídeo, do computador, do cinema. Alimentado por uma cultura de imagem, do zapping, do lúdico, terá melhor formação no domínio da navegação do que no da lógica, da intuição do que da racionalidade, da orientação do que da demonstração. Qualidades e defeitos do nómada. E assim cunhou o adolescente deste século como “adolecrã”⁸⁴.

Desde que a Internet se universalizou, a adolescência sofreu novas conceptualizações. Para além da escola e dos amigos, passámos a questionar como o jovem se movia no espaço virtual. Daí a curiosa denominação de Attali, “adolecrã”. Hoje nada perceberemos da juventude se não entendermos como o jovem se movimenta na “Galáxia Internet”, na feliz designação de Manuel Castells Oliván.

No entanto, a adolescência atual continua a alimentar as suas eternas questões: o relacionamento com os pais, a vida na escola, a autonomia face à família, a descoberta do amor e da sexualidade, as dúvidas sobre o corpo, a ética relacional.

Fala-se de crise da adolescência, tumultuosa e fonte de conflitos, mas cada vez é mais aceite que, na realidade, este período corresponde a um alargamento de horizontes, com novos desafios que trazem consigo novas vulnerabilidades, mas também novas experiências e competências, como o pensamento abstrato.

O pensamento abstrato permite a capacidade de “pensar para si”, a capacidade de entender o ponto de vista de terceiros, a capacidade de equacionar e resolver problemas, a autonomização da família, a intensificação e diferenciação das relações com os pares, a reestruturação da sua relação com o seu corpo e a sua identidade sexual.⁸⁵

O pensamento abstrato permite ainda aos adolescentes o que podemos chamar “meta-pensamento”, querendo com isto dizer a capacidade de pensar o próprio pensamento, na razão porque pensam de um modo ou de outro, porque escolhem de um modo ou de outro, porque se interessam por um ou outro assunto, porque preferem a companhia ou a conversa desta ou daquela pessoa, e assim filosofar sobre o que acham da sua vida e de quais são as suas opções

⁸⁴ Jacques Attali, *Dicionário do Século XXI* (Lisboa: Editorial Notícias, 1999), 18;

⁸⁵ Margarida Matos, *Adolescentes, As Suas Vidas, o Seu Futuro* (Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2020), 20, Ebook Reader.

em termos de valores: o que valorizam e qual o motivo por trás dessas valorizações em vez de outras. Em síntese, permite definir e consolidar uma identidade pessoal e social.

Em 1998, os adolescentes do mundo ocidental estavam mergulhados nos seus estudos, auscultando possibilidades de carreiras tão boas ou melhores do que as dos pais, competindo entre si pela variedade e inovação dos *gadgets* eletrónicos e dos novos estilos musicais, de estilo de vida, num registo onde dificilmente entraria, no mundo ocidental, uma preocupação como, por exemplo, a segurança alimentar. Naquela altura poucos adolescentes apresentavam preocupações de solidariedade social e vontade de empreender ações de cidadania ativa, como se verifica no relatório do Estudo da *Health Behaviour in School-Aged Children* (HBSC) em Portugal que traça a saúde dos jovens portugueses.⁸⁶

Mais de vinte anos depois, um novo estudo dado a conhecer em 2022, de nome “A Saúde dos adolescentes portugueses em contexto de pandemia”, veio mostrar que em Portugal estas preocupações sociais e de solidariedade continuavam a ser residuais; na realidade, mantinham-se no final de uma longa lista.⁸⁷

Comparando os dados dos dois estudos referidos acima, de 1998 e 2022, sobre a saúde dos adolescentes portugueses, a maior diferença entre o que os adolescentes diziam em 1998 (em tempos de crescimento económico) e o que disseram em 2022, mais de vinte anos e uma recessão económica depois, é que ouvir música é destronado por usar o telemóvel. A música passou para segundo lugar e ainda assim, disseram eles, era no telemóvel que a ouviam. Dormir (não à noite, mas nos tempos livres, entenda-se) passou para segundo lugar e quem desceu muitos pontos na preferência dos adolescentes foi a televisão.

Com este preâmbulo verificamos que a presente Unidade Letiva ao abordar as mudanças físicas, cognitivas, psicológicas, sociais, afetivas e morais, que se verificam no adolescente, está perfeitamente enquadrada com a faixa etária e nível de desenvolvimento físico, cognitivo e emocional dos alunos a que se destina. São alunos que frequentam o sétimo ano de escolaridade, com idades compreendidas entre os doze e os treze anos.

Por diversos anos os professores acreditaram que as neurociências seriam um aliado forte dos professores. O entendimento dos processos cognitivos culminaria numa atuação diferenciada e profícua no processo de ensino/aprendizagem. De facto, as neurociências são importantes, sabemos. O problema é que durante muitos anos foram-se criando mitos: “o mito das múltiplas inteligências; o mito do ensino dirigido aos estilos de aprendizagem; o mito da

⁸⁶ HBSC/OMS, «A Saúde dos Jovens Portugueses 1998», acedido a 13 de dezembro de 2022, <https://shre.ink/cPhH>;

⁸⁷ HBSC/OMS, «A Saúde dos Adolescentes Portugueses em Contexto de Pandemia 2022», acedido a 13 de dezembro de 2022, <https://shre.ink/ccHT>.

dominância do lado esquerdo do cérebro *versus* o lado direito, ou vice-versa”⁸⁸. Mais, segundo a investigadora Joana Rato, nem os métodos de ensino/aprendizagem fundados nas vias visuais auditivas e cinestésicas, parecem estar suficientemente desenvolvidas a ponto de cremos na sua eficácia. Não passam, para já, de mitos.

Sabemos que o momento da adolescência coloca ao aluno, aos encarregados de educação e aos professores, novos desafios. Os professores, em particular, deparam-se com alunos emocionalmente desequilibrados e numa fase de descoberta de identidade e construção de personalidade. As questões morais podem e devem ser colocadas com assertividade, criando, o docente, um ambiente favorável ao questionamento, reflexão e autonomia.

É importante que os alunos se envolvam na análise e na avaliação dos conceitos morais, das suas práticas e dos seus valores. A criação de projetos, jogos e atividades que envolvam a reflexão crítica permitirá desenvolver as suas capacidades de pensar de forma crítica. Neste quadro de competências, métodos e instrumentos, demos em sala de aula especial relevo ao estudo da conceptualização e problematização. Para alunos a iniciar o seu pensamento crítico é vital ampliar competências básicas de discurso, informação, interpretação e comunicação. Isto porque a disciplina de EMRC trabalha com a língua mãe e, nesta faixa etária, nem sempre apresentam maturidade cognitiva e intelectual desejáveis. As capacidades de abstração são ainda precárias, os hábitos de estudo, as estratégias de aprendizagem, assim como as competências de leitura compreensiva e de expressão discursiva estão ainda, em boa parte, por adquirir.

Esta Unidade Letiva, de facto, contribui para a correta construção mental de conceitos, antes desorganizados e pouco claros. Como diria Richard Arends, “a aprendizagem de conceitos envolve tanto o conhecimento conceptual como o procedimental”⁸⁹.

Assim, não seria possível um jogo de futebol entre duas equipas se cada uma delas estivesse em campos diferentes. Do mesmo modo, o trabalho de reflexão e argumentação exige que troquemos ideias usando conceitos com significado idêntico, isto é, que haja um entendimento entre quem argumenta quanto ao significado dos conceitos que estão a ser usados. Se atribuo um significado a um conceito e o meu interlocutor lhe atribui um significado diferente, não há um terreno comum e a discussão arrisca-se seriamente a transformar-se num diálogo de surdos.

⁸⁸ Joana Rato, *Mente, Cérebro e Educação* (Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2023), 12;

⁸⁹ Richard Arends, *Aprender a Ensinar* (Lisboa: McGraw-Hill de Portugal, 1995), 306.

3.1 – Os afetos como percepção da realidade

Não somos indiferentes ao mundo que nos rodeia, antes pelo contrário, somos positiva ou negativamente afetados pelas coisas, pelas pessoas, pelas situações. Dito de outra forma, a nossa relação com o mundo produz em nós experiências agradáveis ou desagradáveis, de prazer ou de dor, de satisfação ou de insatisfação. A este tipo de experiências que se caracterizam por uma interação positiva ou negativa com o mundo dá-se o nome de “afetos”.

A principal marca dos afetos é a sua bipolaridade. Essa bipolaridade desempenha um papel fundamental na nossa sobrevivência e na nossa adaptação ao mundo, pois, uma vez que nos leva a aproximar daquilo que nos faz sentir bem e a afastar daquilo que nos faz sentir mal, orienta o nosso comportamento no sentido de assegurar a satisfação das nossas necessidades.

De acordo com o livro “Psicologia em Ação” existem diferentes tipos de afetos. As emoções, que se distinguem-se de outros tipos de afetos, pois referem-se a reações intensas e de curta duração, que se caracterizam por um conjunto de alterações fisiológicas no organismo e que se manifestam por um conjunto de sinais visíveis e facilmente reconhecíveis por aqueles que nos rodeiam e os sentimentos, por sua vez, são um tipo de afeto que corresponde a estados psíquicos mais íntimos e privados, relativamente estáveis e de intensidade moderada, que se prolongam no tempo. Correspondem a um processo de tomada de consciência e interiorização da forma como somos afetados por esta ou por aquela realidade.⁹⁰

Assim, ao contrário das emoções, que têm uma forte componente expressiva e comunicacional, voltada para o exterior, os sentimentos são vividos numa esfera interior, íntima e privada, sem que se manifestem necessariamente aos outros.

Quando refletimos sobre uma ação, experimentamos uma reação emocional baseada parcialmente nas nossas expectativas em relação ao seu resultado. Esta reação somática involuntária e condicionada pela história das nossas emoções passadas. Na medida em que uma determinada ação conduziu, no passado, a experiências psicossomáticas desagradáveis, estaremos motivados a evitá-las e, por conseguinte, a ponderar sobre outras possíveis estratégias de atuação.

António Damásio formulou o conceito de “marcador somático”. Segundo o neurocientista português,

os marcadores somáticos são um caso especial do uso de sentimentos gerados a partir de emoções secundárias. Essas emoções e sentimentos foram ligados, pela aprendizagem, a resultados futuros previstos de determinados cenários. Quando um marcador somático negativo é justaposto a um determinado resultado futuro, a combinação funciona

⁹⁰ Domingos Faria et al., *Psicologia em Ação* (Lisboa: Edições Asa, 2015), 121.

como uma campainha de alarme. Quando, ao contrário, é justaposto um marcador somático positivo, o resultado é um incentivo. Os marcadores somáticos não tomam decisões por nós. Ajudam o processo de decisão dando destaque a algumas opções, tanto adversas como favoráveis, e eliminando-as rapidamente da análise subsequente.⁹¹

Um aspeto importante da concepção filosófica racionalista é o de que, para alcançar os melhores resultados, não devemos fazer uso das nossas emoções, diriam Platão, Kant ou Descartes. Ora, sabemos que o ser humano não funciona dessa forma. As emoções e os sentimentos são conceitos inultrapassáveis no processo de decisão.

As emoções estão sempre presentes e têm um papel fundamental nas nossas vidas. Vejamos, mesmo que não tenhamos qualquer consciência de que estão em ação, os processos emocionais têm um impacto poderoso no nosso quotidiano. Estão presentes na seleção dos aspetos a que prestamos atenção, na maneira como percebemos e reagimos, no modo como aprendemos e memorizamos, na criatividade e nos julgamentos sociais que fazemos, nas decisões que tomamos e nos percursos pessoais. De facto permite-nos em cada momento reagir, afastando-nos ou aproximando-nos do que nos interessa.

Se é verdade que emoções demasiado intensas podem ser danosas e causar o caos no nosso raciocínio, a ausência de emoções pode ser igualmente ruínosa e dar origem a um pensamento deficiente.⁹²

3.2 - Adolescência: construção da personalidade

A adolescência é uma época do desenvolvimento humano que se caracteriza por grandes transformações orgânicas, psicológicas, emocionais, afetivas, intelectuais e sociais (o termo vem do latim *adolescere*, que significa “crescer”). É um estágio de desenvolvimento que se situa na passagem da infância para a idade adulta.

Não podemos estabelecer uma idade precisa para o início e fim da adolescência porque há diferenças entre rapazes e raparigas, diferenças relacionadas com o meio cultural e as condições socioeconómicas, entre outras. Há que registar ainda que há grandes diferenças individuais: há puberdades que se iniciam mais cedo, outras mais tarde, há processos de desenvolvimento mais rápidos, outros mais lentos. Por isso se afirma que há muitas

⁹¹ António Damásio, «O Erro de Descartes: Emoção, Razão e o Cérebro Humano», acedido a 25 de março de 2023, <https://shre.ink/kmFM>;

⁹² Damásio, «O Erro de Descartes».

adolescências, que dependem da infância de cada um, de cada família, de cada classe social, de cada época e cultura.

A adolescência começa com a puberdade e termina no estágio adulto. A puberdade é marcada pelo início do funcionamento das glândulas sexuais; definir quando se inicia o estágio adulto é que é mais difícil. Podemos, contudo, afirmar que na nossa cultura a adolescência abrange um período, sensivelmente, entre os 12-13 anos e os 18 anos.

Pessoa e personalidade são dois termos que se relacionam de forma próxima, embora com diferenças entre eles. A personalidade é mais uma característica que permite distinguir os indivíduos; é como a maneira de “representar” específica de um indivíduo; é a sua “máscara”⁹³. Pode ser definida como o conjunto de características psicológicas que determinam a individualidade pessoal e social dos seres humanos.

Falar da personalidade de alguém é referir-nos a uma maneira de agir esperada em determinadas situações. Representa uma tendência comportamental previsível em face de certas circunstâncias. Já nos referimos, certamente, a alguém afirmando que o seu comportamento é próprio da sua personalidade.

O processo de formação da personalidade é complexo e gradual. Cada pessoa, aluno, tem o seu próprio desenvolvimento intelectual que é fruto do seu desenvolvimento físico e meio onde vive. Na Psicologia o termo usado para esta correlação entre genética e meio é designado por “epigénese”⁹⁴. Assim, a personalidade é um conceito que implica dinamismo e integra todo o processo de crescimento e desenvolvimento do sistema psicológico e físico do indivíduo, em interação com o que o rodeia, e que determina a sua adaptação ao meio, de uma maneira única. Assim, qualquer indivíduo, ao ser uma pessoa, é portador de uma personalidade única, o que nos permite afirmar que pessoa é a característica do indivíduo dotado de personalidade.

Durante toda a sua vida, o ser humano organiza-se em grupos que influenciam a construção da sua personalidade: a família, os grupos escolares, os amigos, o grupo desportivo e os grupos paroquiais são os mais comuns e significativos. O contributo destes grupos sociais permite perceber que, afinal, não se está só e que a realização e felicidade é, também, fruto de uma teia de relações interpessoais.

Socialmente, todos notam a tendência do adolescente para se reunir em grupos com os seus semelhantes: grupos de discussão ou de ação, grupos políticos, movimentos de juventude, acampamentos de férias, etc. Charlotte Bühler fala de uma fase de expansão, posterior a uma de fechamento, sem que possamos sempre distinguir nitidamente uma da

⁹³ Máscara que os atores do teatro grego usavam para cobrir o rosto durante as suas representações. A sua função era a de dar a aparência que o papel a representar exigia, transformando o ator em personagem, podendo ser, naturalmente, diferente da do próprio ator;

⁹⁴ O ser humano é produto de um processo de construção a partir da informação genética presente no ovo em interação com o meio ambiente.

outra. Ora, essa vida social e origem de descentração intelectual e não apenas moral: é principalmente nas discussões com os colegas que o criador de teorias frequentemente descobre, pela crítica às dos outros, a fragilidade das suas.⁹⁵

Na construção da personalidade e da identidade importa de sobremaneira referir que os contextos⁹⁶ são, naturalmente, critérios de influência positivos e/ou negativos. Um clima negativo na escola e na família são fatores de risco associados ao mal-estar físico e mental dos adolescentes. “O autoritarismo familiar e escolar é claramente prejudicial, mais ainda do que a excessiva permissividade ou a negligência moderada”⁹⁷. Este facto sublinha a importância do desenvolvimento de competências parentais e também competências dos profissionais que lidam com adolescentes (educadores, professores, auxiliares de ação educativa, treinadores), para que não exerçam o seu papel unicamente de modo restritivo, punitivo e autoritário, favorecendo o diálogo, a participação nas rotinas da casa e da escola e na resolução dos conflitos, e dando espaço para uma autonomização progressiva e responsável, para uma participação e envolvimento ativos.

Com os amigos, experimentam-se coisas, fala-se e chora-se, e explora-se o mundo. A relação com os amigos é um ensaio de entrada na vida adulta. Granovetter, sociólogo, refletiu sobre a importância do que chamou os “laços fracos” enquanto verdadeiros motores do progresso social. São os amigos e a sua diversidade que nos fazem sair da nossa zona de confiança e superar-nos. Granovetter defende que, nas nossas relações sociais, estabelecemos laços fortes com um número restrito de pessoas (pais, filhos, cônjuge); estas pessoas partilham o dia a dia e, assim, estabelecem entre si uma cultura própria feita de hábitos e valores comuns. Estes laços fortes são importantes para o nosso bem-estar físico e mental.⁹⁸

Mas o convívio fechado com a célula familiar afasta-nos do mundo e não nos dá contraditórios, isto é, confronto com perspectivas diferentes das nossas. Essa é, segundo Granovetter a importância dos “laços fracos”, das relações afetivas menos fortes, mas mais abundantes, que estabelecemos em redes sociais mais alargadas, para além da família. Esse grupo de pessoas que não partilham a nossa cultura familiar tendem mais frequentemente a desafiar-nos e a ajudar-nos a ter perspectivas diferentes da nossa. Granovetter refere a importância destes “laços fracos” como fator de progresso social, no sentido em que nos

⁹⁵ Piaget, J. E Inhelder, B., *Da Lógica da Criança à Lógica do Adolescente* (Pioneira, 1976), 257-258;

⁹⁶ De acordo com o modelo ecológico de desenvolvimento, defendido por Urie Bronfenbrenner, movimentamos numa multiplicidade de sistemas, contextos ou ambientes, concebidos como estruturas vivas de interações estabelecidas entre outros subsistemas delas incluídos;

⁹⁷ Margarida Matos, *Adolescentes*, (Lisboa: Oficina do Livro, 2022), 112, Ebook Reader;

⁹⁸ Mark Granovetter, «The strength of weak ties», *American Journal of Sociology*, Vol.78, No. 6, (1973): 1360-1380, <https://shre.ink/cPhU>.

providencia um contacto com a diversidade, com outras visões, com a abertura, tolerância e flexibilidade necessárias para gerir interdependências.⁹⁹

No campo do amor e das paixões, esta é uma fase crítica. Margarida Matos, no seu livro *Adolescência* refere que “curiosamente é no início da adolescência onde há muita incerteza sobre o caráter distintivo da amizade e do amor, e do que é ou não aceitável numa relação de amizade, e o que é mesmo uma “amizade colorida”¹⁰⁰.

Segundo a mesma autora, alguns pais e professores ainda se opõem-se à Educação Sexual porque, alegam, precipita os adolescentes numa sexualidade precoce.

No entanto, verifica-se que os adolescentes que usufruíram de Educação Sexual na escola tornam-se mais exigentes, mais seguros, menos apressados e adiam a sua primeira experiência até ser uma decisão partilhada da qual tiram maiores dividendos afetivos e sexuais, não só para esse evento como muito possivelmente para o resto da sua vida.¹⁰¹

Sabemos, hoje, que os grupos e os contextos criam ambientes distintos que infligem experiências de vida importantes e de forma indelével contribuem para a construção da personalidade individual.

Tradicionalmente, a identidade era entendida como uma estrutura fixa e inalterável. Uma vez formada, essa estrutura seria pouco sujeita a modificações substanciais. Porém, nas últimas décadas, admite-se que, através da influência dos contextos e dos papéis sociais que vamos desempenhando, a identidade é suscetível de modificações ao longo de todo o nosso ciclo vital.

A identidade pode ser definida como a mesmidade – o mesmo, ao longo do tempo. A identidade pessoal é tradicionalmente definida como a essência do Eu. Não é uma entidade estática e imutável, como se se tratasse de uma coisa, um objeto ou uma substância, mas sim um conjunto de capacidades multidimensionais que englobam a representação do corpo, a vida mental do cérebro, todas as experiências de vida e os nossos papéis e estatutos sociais.¹⁰²

Da mesma forma que o nosso cartão de cidadão é um carimbo de quem somos, também a identidade pessoal se refere a características que nos definem, que nos individualizam, retratando-nos como seres únicos, com personalidades irrepetíveis. Somos de facto irrepetíveis. Ora, por vezes, o cartão de cidadão também precisa de ser atualizado, em função de alterações

⁹⁹ Granovetter, «The strength of week ties»;

¹⁰⁰ Margarida Matos, *Adolescentes*,122;

¹⁰¹ Margarida Matos, *Adolescentes*,122;

¹⁰² Domingos Faria et al., *Psicologia em Ação* (Lisboa: Edições Asa, 2015), 158.

significativas de um dos traços que nos caracterizam. Assim, também a identidade se vai atualizando com o decorrer do tempo.

3.3 – O papel do professor na mediação pedagógica

Dadas as características próprias da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC) – opcional e confessional – o professor deve possuir um perfil igualmente distinto. Além de ter de cumprir todos os requisitos exigíveis a qualquer docente, deve igualmente possuir características específicas que o qualificam para a lecionação desta disciplina. Tolerância, abertura de espírito, e exemplo cristão, estão à cabeça destes requisitos imprescindíveis.

Com o ensino de EMRC nas escolas, a Igreja Católica procura fornecer aos alunos uma visão cristã do mundo, do ser humano de Deus, oferecendo, para tal, propostas educativas. Neste sentido, é de superior importância a presença institucional da Igreja Católica na Escola, nomeadamente através do plano do Ensino Escolar da Religião, que usufrui, no caso português, de uma longa e relevante tradição. O seu caráter opcional em nada se opõe a um espírito de exigência, ou a uma prática letiva rigorosa e científica semelhante à das demais disciplinas curriculares.

Com vista ao cumprimento cabal da missão que lhe está confiada, o Ensino Escolar Religioso deve necessariamente apresentar-se como uma disciplina escolar, de igual exigência, de sistema e rigor das demais disciplinas, pelo que também os professores de Educação Moral e Religiosa Católica têm de ser criteriosamente escolhidos.

Sabemos, pela especificidade da disciplina lecionada, que o professor deve cumprir três pressupostos, sem os quais a sua atividade ficará comprometida, a saber: perfil humano; perfil cristão e perfil docente. Estes critérios são fundamentais para a boa prática letiva e que farão a diferença na comunidade educativa.¹⁰³

Conforme a conferência Episcopal Portuguesa, do ponto de vista humano, o reconhecimento da idoneidade para a lecionação da EMRC deve ter por princípio o “equilíbrio e a maturidade humana” dos candidatos¹⁰⁴. Os professores de EMRC são propostos pelos

¹⁰³ Conferência Episcopal Portuguesa, «Educação Moral e Religiosa Católica. Um valioso contributo para a formação da personalidade», acedido a 7 de abril de 2023, <https://shre.ink/kxg6>;

¹⁰⁴ Conferência Episcopal Portuguesa «Educação Moral e Religiosa Católica. Um valioso contributo para a formação da personalidade».

Bispos Diocesanos e nomeados pelo Ministério da Educação, após atenderem às condições legais de qualificação científica e pedagógica. Além disso, é necessário que os professores possuam habilidades como o “jeito e o gosto pela missão educativa”, capacidade de relação e integração escolar, equilíbrio e maturidade humana, testemunho de uma vida cristã coerente e comprometida eclesialmente e disposição para assumir as orientações diocesanas e nacionais neste domínio do ensino.¹⁰⁵

A sua tarefa é, deste modo, preponderante para a mudança social, conseguida através da escuta ativa e da mobilização de uma memória coletiva que proporcione aos alunos as ferramentas para a construção da sua consciência humana, desenvolvendo a sensibilidade face ao outro e sentido ético. No fundo, deve visar a formação de cidadãos, autónomos, responsáveis, conscientes da dignidade humana e capazes de problematizar a vida Humana.

O professor de EMRC deve ser sensível às exigências do seu estatuto de educador cristão, assumindo-se como modelo de vida cristã e, por isso, sendo aquilo que ensina. Dado o cariz confessional e católico da disciplina o professor deve assumir-se com um perfil cristão marcado pelo testemunho de vida cristã coerente, bem como revelar plena disposição para assumir as orientações diocesanas neste domínio do ensino. Tal deve transparecer através de uma clara opção de vida cristã, um comportamento coerente e conforme as normas da Igreja, uma vivência da fé através da prática e defesa dos valores e princípios cristãos.¹⁰⁶

Do ponto de vista estritamente profissional, a candidatura à lecionação de EMRC requer um amplo conhecimento cultural e do mundo contemporâneo, bem como um especial entendimento das questões sociais atuais acrescido do imprescindível e sólido conhecimento da doutrina da fé católica e da moral da Igreja. Deve assim dominar as áreas da Religião, da Moral e conteúdos teológicos diversos, conhecendo o que a Igreja diz sobre as diferentes matérias.

Neste sentido, os candidatos à docência de EMRC devem cumprir as condições legais que qualificam científica e pedagogicamente para a lecionação, conjugando-se com a legislação que se aplica às demais disciplinas. Vejamos, o candidato deve possuir habilitação própria ou profissional, ou seja, curso superior em Ciências Religiosas ou Teologia (para habilitação própria) acrescido de um Mestrado em Ciências Religiosas (habilitação profissional).¹⁰⁷

Ainda, de acordo com o que é descrito na Conferência Episcopal Portuguesa, no que diz respeito à competência pedagógica, o professor de EMRC deve revelar o “gosto pela missão educativa”, mobilizando-a através da capacidade de estabelecer objetivos pedagógicos, levando

¹⁰⁵ Conferência Episcopal Portuguesa, «Educação Moral e Religiosa Católica. Um valioso contributo para a formação da personalidade», acedido a 7 de abril de 2023, <https://shre.ink/kxg6>;

¹⁰⁶ Conferência Episcopal Portuguesa, «Educação Moral e Religiosa Católica»;

¹⁰⁷ Decreto-Lei n.º 70/2013, de 23 de maio. Ver: <https://shre.ink/kwiH>.

a cabo os respetivos conteúdos programáticos, demonstrando ser capaz de definir estratégias de aprendizagem adequadas ao seu grupo-turma, criando ou munindo-se dos necessários recursos didáticos.¹⁰⁸ Assim, o professor deve possuir capacidades didáticas e pedagógicas, ou seja, ao nível da planificação e da transformação do plano teórico na execução em sala de aula. É fundamental para o efeito conhecer bem o programa oficial de EMRC e, naturalmente, ser capaz de desenvolver estratégias para o realizar.

Do mesmo modo, deve ser capaz de articular os diversos saberes, conjugar os conteúdos das diversas ciências e disciplinas e com elas estabelecer diálogo, e dominar os vários aspetos da Ciências da Educação. “A escola deverá fomentar a partilha de práticas e experiências pedagógicas, quer entre professores da mesma área disciplinar, quer entre professores de saberes distintos”¹⁰⁹.

É, ainda, fomentada e valorizada a formação permanente com vista a evitar a cristalização do conhecimento, das estratégias pedagógicas, e levar a que haja uma reciclagem e partilha de experiências, permanente e constante. Assim o professor de EMRC deve empenhar-se no progresso das suas qualificações, no aperfeiçoamento do seu método de ensino.

Verifica-se na atividade específica de planificação a existência ou a ausência de organicidade e coerência entre a vertente teórica e a vertente prática. Na planificação das atividades também influi bastante o modelo instrutivo em função do qual o professor desenvolve a sua intervenção pedagógica. No processo de planificação assume particular importância aquilo que hoje se designa por pensamento do professor, ou seja, a teoria pessoal crítica que o professor reflexivo desenvolve, e lhe permite tomadas de decisão teoricamente sustentadas.

No seu livro “Uma Nova Escola para Portugal”, Jorge Rio mostra que existem 3 grandes grupos de teorias que passamos a expor, ainda que resumidamente: teorias cognitivas; teorias humanistas e teorias comportamentais. Nas teorias cognitivistas os princípios baseiam-se na motivação do aluno e na valorização de todas as experiências por que passou. “É sempre mais fácil ancorar ensinamentos novos quando estes têm por base algo que o estudante já conhecia antes”. Aqui, o professor, para ensinar, preocupa-se sobretudo em fornecer dados, informações, factos, pistas que possam ajudar à compreensão de algo que se pretende transmitir. Podemos usar várias técnicas: debates, discussões ou estudos de caso, com base num vídeo, num texto ou mesmo num áudio. Privilegia-se, na sistematização dos conteúdos lecionados, elementos

¹⁰⁸ Conferência Episcopal Portuguesa, «Educação Moral e Religiosa Católica»;

¹⁰⁹ Jorge Rio Cardoso, *Uma Nova Escola Para Portugal* (Lisboa: Guerra e Paz, Editores, 2019), 128.

gráficos chamativos, assim como, esquemas que sumarizem e sistematizem os assuntos abordados.¹¹⁰

“As teorias humanistas põem ênfase no desenvolvimento da pessoa humana como sendo o objetivo central da aprendizagem”. Quer-se que os alunos ganhem o gosto e a responsabilidade pela autoaprendizagem, tendo dela um sentido crítico, isto é, de autoavaliação. A componente das relações interpessoais e da criação de empatia dentro do grupo de estudo são aspetos que serão muito cuidados, pois tenta-se ensinar a sentir, e não apenas a pensar. Uma das técnicas usadas são os exercícios, em que, a cada aluno, é dado um determinado papel para que defenda um determinado ponto de vista. O objetivo é pôr, ainda que circunstancialmente, o estudante no lugar do “outro”, até para o compreender melhor.¹¹¹

No que diz respeito às teorias comportamentais, o objetivo central passa por definir à partida os objetivos finais da aprendizagem. A partir destes, será idealizado o percurso de aprendizagem e as consequentes tarefas a realizar. A apresentação da matéria por parte do professor é feita passo a passo, por forma a constituírem um estímulo e criarem no aluno a autoconfiança desejada e tão necessária na aprendizagem. É importante, segundo o mesmo autor, que se procure, a cada passo, obter o *feedback* da matéria que se acabou de trabalhar. “Constatar-se-á se houve aprendizagem por observação das expressões faciais e corporais, mas, sobretudo, por perguntas a fazer a vários alunos da turma”¹¹². Aliás, as perguntas ao longo da aprendizagem são um elemento recorrente destas teorias.

Assim, o pensamento reflexivo e crítico do professor vai permitir a definição originária de um paradigma ou modelo organizador do ensino/aprendizagem da sua área disciplinar, em função do qual planifica as suas intervenções pedagógico-didáticas com coerência. O pensamento do professor é a mediação decisiva para traduzir e transpor com critério e autonomia para as práticas pedagógicas as propostas curriculares emanadas da administração escolar. Só o pensamento do professor o libertará de se transformar num mero consumidor de receitas elaboradas e na maior parte dos casos bem longe e bem fora da realidade concreta.

Aquém e além dos métodos e das técnicas de ensino-aprendizagem, aquém e além dos métodos e das técnicas de observação da relação pedagógica, aquém e além das grelhas de avaliação e dos testes, o que a relação pedagógica tem de deixar experienciar ao professor e ao aluno é o encontro de dois homens (ou de duas mulheres), um eu e um tu. A não ser assim, transformar-se-ia apenas numa relação de objetos e de funções, onde a relação eu-tu se transmutaria numa impessoal relação eu-isso.¹¹³

¹¹⁰ Cardoso, *Uma Nova Escola Para Portugal*, 74;

¹¹¹ Cardoso, *Uma Nova Escola Para Portugal*, 75;

¹¹² Cardoso, *Uma Nova Escola Para Portugal*, 76;

¹¹³ Joaquim Neves Vicente, *Didática da Filosofia*, (Coimbra, [s.n.] 2007), 248.

A relação eu-tu, afetiva, harmoniosa, sensível à pessoa é incontornável juntamente com uma boa planificação didática. Uma não se sobrepõe à outra, mas unem laços de convivência íntima. A relação pedagógica não pode, por isso, transformar-se numa comunicação puramente técnica, instrumental e funcional.

Assim, é necessário adaptar os programas e as estratégias de ensino às ambições, expectativas e desejos dos alunos para tornar as sessões didáticas agradáveis, mas significativas. O objetivo é oferecer momentos de aprendizagem em que o grupo-turma experimente conteúdos fundamentais para a sua formação integral como cidadãos e cristãos de maneira agradável. É essencial utilizar estratégias e recursos didáticos que tornem os momentos de aprendizagem distintos, apelativos e inovadores, para que a disciplina de EMRC não seja apenas mais uma, mas sim aquela em que os alunos aprendem e crescem sem as pressões exigidas por outras disciplinas, mantendo o caráter formal exigido de uma disciplina do currículo escolar.

Os recursos devem ser variados, pois a variedade e a moderação são essenciais para o sucesso dos momentos de aprendizagem. Como educador, o professor de EMRC deve colocar o aluno em primeiro lugar, fornecendo-lhes os instrumentos e conhecimentos necessários para a descoberta de si mesmo e do outro.

Essa missão é particularmente exigente, pois o professor não deve apenas lecionar um determinado conteúdo, mas também encarná-lo. Um professor de EMRC não pode simplesmente falar sobre valores, liberdade e dignidade humana desinteressadamente, sem ser um exemplo daquilo que ensina. Ele deve dar testemunho daquilo que é, daquilo que representa, através de sua pessoa, vida, vivência e práticas.

3.4 – O lugar de EMRC na problematização da Unidade

“É forte, seja entre os pais, seja entre os professores e outros educadores, a tentação de renunciar, com o risco de não compreender qual é o seu papel, à missão que lhe foi confiada”, pois “educar nunca foi fácil, mas hoje parece cada vez mais difícil”¹¹⁴.

Alimentada pela modernidade, a cultura, trouxe consigo a exploração do Homem e da natureza, a desigualdade social, a exploração dos trabalhadores, a exploração financeira e a

¹¹⁴ Bento XVI, «Bento XVI pede aposta na educação dos jovens», acedido a 5 de julho de 2021, <https://shre.ink/cPDd>.

desvalorização do trabalho manual. A busca de lucro e a lógica do mercado foram ampliadas, o que gerou e gera mais desigualdade económica e social. Deste modo promove-se o individualismo e enfatiza-se a “valorização do presente sobre o futuro com um olhar para o passado como um simples acontecimento”¹¹⁵.

A Concordata entre o Estado e a Santa Sé baseia-se na histórica relação entre as duas entidades, ao longo do tempo, e na necessidade de assegurar a liberdade religiosa. Portanto, a atribuição da exclusividade à Igreja Católica quanto à orientação do ensino da Educação Moral e Religiosa tem como objetivo garantir que os alunos possam aprender a respeitar as crenças religiosas de outras pessoas e encorajá-los a desenvolver o seu próprio pensamento crítico sobre assuntos relacionados com a fé. Além disso, a Igreja Católica é a principal Igreja do país e, por isso, tem uma grande responsabilidade na educação dos jovens. Como diz Geraldo Morujão,

parece indiscutível que o Estado deve promover uma educação completa e integral: É precisamente a descoberta de um sentido para a vida, um sentido proporcionado à dignidade da pessoa, o que dá coerência, harmonia, equilíbrio, beleza, alegria e gosto de viver, tornando a vida autenticamente feliz nas mais diversas circunstâncias. Se a vida não tem sentido, então, para quê viver, para quê o respeito pela sua vida e pela dos outros, para quê estudar e trabalhar, e porque não se evadir da vida pelo caminho dos vícios, das drogas, da violência, porque não o suicídio individual e coletivo?¹¹⁶

A religião tem sido, um dos principais veículos para o ensino de valores éticos e morais. É através dela que as crianças aprendem os fundamentos éticos que promoverão deliberações morais conscientes. Esses ensinamentos refletem-se tanto na religião cristã quanto nas outras religiões, que incentivam o amor, a compaixão, o serviço, o compromisso, a honestidade, a ética e o respeito pelos outros. Todas essas qualidades são fundamentais para o crescimento e desenvolvimento dos indivíduos. Ao compreender e aceitar esses ensinamentos, os alunos podem adquirir habilidades como a capacidade de pensar de forma crítica e a empatia. Isso, por sua vez, torna-os mais aptos a cumprir os seus deveres e responsabilidades como membros da sociedade e contribuir com o bem-estar global.

Vejamos então quais são as finalidades da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica apontadas pelo Secretariado Nacional da Educação Cristã¹¹⁷:

- Aprender a dimensão cultural do fenómeno religioso e do cristianismo, em particular;
- Conhecer o conteúdo da mensagem cristã e identificar os valores evangélicos;

¹¹⁵ Elena Andrés, *Educar na Interioridade*, (Porto, Edições Salesianas, 2009), 27;

¹¹⁶ Geraldo Morujão, «Justifica-se o Ensino Religioso nas Escolas do Estado?», acedido a 10 de julho de 2021, <http://hdl.handle.net/10400.19/710>;

¹¹⁷ Direção-Geral da Educação, «Novo Programa de Educação Moral e Religiosa Católica», acedido a 17 junho de 2021, <https://shre.ink/cPDI>.

- Estabelecer o diálogo entre a cultura e a fé;
- Adquirir uma visão cristã da vida;
- Entender e protagonizar o diálogo ecuménico e inter-religioso;
- Adquirir um vasto conhecimento sobre Jesus Cristo, a História da Igreja e a Doutrina Católica, nomeadamente nos campos moral e social;
- Apreender o fundamento religioso da moral cristã;
- Conhecer e descobrir o significado do património artístico-religioso e da simbólica cristã;
- Formular uma chave de leitura que clarifique as opções de fé;
- Estruturar as perguntas e encontrar respostas para as dúvidas sobre o sentido da realidade;
- Aprender a posicionar-se, pessoalmente, frente ao fenómeno religioso e agir com responsabilidade e coerência.

A partir deste leque de onze finalidades, aprovadas pela Conferência Episcopal Portuguesa, elaboraram-se as metas curriculares, que definem aquilo que o professor pretende que os seus alunos aprendam. Essas metas, assentam sobre os três grandes domínios de aprendizagem que a seguir se enumeram:

1. Religião e experiência religiosa;
2. Cultura cristã e visão cristã da vida;
3. Ética e moral.

Os domínios de aprendizagem denominam as áreas de ensino que a disciplina engloba e foram criados com base no estatuto epistemológico da Teologia e das Ciências da Religião, reunindo os padrões curriculares que o aluno deve conhecer e saber. No quadro seguinte podemos verificar as metas curriculares da disciplina de EMRC por domínios de aprendizagem:¹¹⁸

¹¹⁸ Direção-Geral da Educação, «Novo Programa de Educação Moral e Religiosa Católica», 8.

DOMÍNIOS	METAS CURRICULARES
RELIGIÃO E EXPERIÊNCIA RELIGIOSA	<p>A. Compreender o que são o fenómeno religioso e a experiência religiosa.</p> <p>B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história.</p> <p>C. Identificar o núcleo central das várias tradições religiosas.</p> <p>D. Promover o diálogo inter-religioso como suporte para a construção da paz e a colaboração entre os povos.</p>
CULTURA CRISTÃ E VISÃO CRISTÃ DA VIDA	<p>E. Identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo.</p> <p>F. Conhecer a mensagem e cultura bíblicas.</p> <p>G. Identificar os valores evangélicos.</p> <p>H. Articular uma perspetiva sobre as principais propostas doutrinárias da Igreja Católica.</p> <p>I. Conhecer o percurso da Igreja no tempo e o seu contributo para a construção da sociedade.</p> <p>J. Descobrir a simbólica cristã.</p> <p>K. Reconhecer exemplos relevantes do património artístico criados com um fundamento religioso.</p> <p>L. Estabelecer um diálogo entre a cultura e a fé.</p>
ÉTICA E MORAL	<p>M. Reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano.</p> <p>N. Promover o bem comum e o cuidado do outro.</p> <p>O. Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo.</p> <p>P. Identificar o fundamento religioso da moral cristã.</p> <p>Q. Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana.</p>

Figura 1

Esta disciplina permite, a partir dos seus domínios e metas, criar condições favoráveis para o desenvolvimento de habilidades sociais e comportamentais, como resolução de conflitos, tomada de decisões, responsabilidade, cidadania. Por outro lado, permite a aquisição de competências práticas para a vida. Estas competências são desenvolvidas através de experiências em sala de aula, de prática de projetos, de trabalho em grupo. Por fim, promove o desenvolvimento da personalidade do aluno, ajudando-o a encontrar o seu lugar no mundo e a crescer como pessoa. Aprender a viver com os outros também requer a prática de respeitar os direitos dos outros, bem como a aceitação das suas diferenças. É importante desenvolver a compreensão de que todos nós somos parte de um sistema maior, e que as nossas ações têm consequências para todos.

A EMRC é, deste modo, o veículo ideal para a transmissão de conhecimentos, de valores, de comportamentos e práticas necessários para o desenvolvimento de uma cultura de diálogo e de respeito mútuo. O ensino de EMRC pode, assim, contribuir para o desenvolvimento da tolerância religiosa e para o estabelecimento de relações interpessoais mais saudáveis e pacíficas, com base na compreensão e no respeito mútuo.

Neste sentido, a EMRC deve ser compreendida como área de conhecimento, não se constituindo ou confundindo com um espaço de catequese, mas sim da descoberta existencial da vida, no que ela tem de mais radical e de mais profundo. Assim, a EMRC deve ser entendida

numa abordagem antropológica, com uma dimensão humana a ser formada e, como área de conhecimento, deve afirmar a sua identidade curricular.

A EMRC promove a criação de condições para que o aluno possa adquirir habilidades necessárias para viver de forma autónoma e responsável. Estas habilidades incluem a capacidade de se relacionar com os outros, tomada de decisões, liderança, comunicação, resolução de problemas, ética e responsabilidade social. O sentido da existência humana reside no encontro com o outro, na capacidade de compreender e compartilhar as diferenças, para assim construir um mundo mais justo e harmonioso.

Ao discutir a dignidade da vida humana, as aulas abordam temas como os direitos humanos, inclusão social, discriminação, direitos das mulheres, direitos dos idosos, direitos dos jovens, direitos dos imigrantes, direitos dos animais, direitos da natureza, direitos dos povos indígenas, direitos dos trabalhadores, dentre outros. Todas estas questões são abordadas com o objetivo de promover o respeito entre as pessoas, independente da sua origem, raça, cor, idade, etnia, religião ou condição social. Além disso, nas aulas de EMRC também se discute o papel das leis e das políticas públicas na garantia dos direitos humanos, incentivando os alunos a exercer a cidadania, contribuindo para a construção de uma sociedade mais inclusiva e justa.¹¹⁹

Assim, a Educação Moral e Religiosa Cristã, enquanto disciplina, desafia-se nesta nova realidade, em que o diálogo com o outro e o acolhimento da diversidade se tornam ainda mais importantes. É importante que sejam desenvolvidas atividades que permitam aos alunos compreenderem e aceitarem as diferenças, refletirem sobre a sua própria identidade, bem como sobre aquela que é diferente. Além disso, desenvolver a capacidade de escutar e dialogar, bem como de estabelecer relações de respeito mútuo entre todos os membros da comunidade escolar.

3.4.1 - Caracterização da escola e da turma

O Agrupamento de Escolas Alberto Sampaio formou-se em abril de 2013, resultado da agregação da Escola Secundária Alberto Sampaio com o extinto Agrupamento de Escolas de Nogueira, constituído em 2001. Deste modo, está representado em oito freguesias do concelho de Braga (Esporões; Fraião; Lomar; Morreira; Nogueira; São José de São Lázaro; São Paio d'Arcos; Trandeiros) com treze unidades de ensino (Escola Secundária de Alberto Sampaio - sede; Escola Básica 2,3 de Nogueira; Escola Básica com Jardim de Infância de Arcos; Escola Básica com Jardim de Infância de Esporões; Escola Básica com Jardim de Infância de Fraião; Escola Básica com Jardim de Infância de Nogueira; Escola Básica de Lomar; Escola Básica de

¹¹⁹ Direção-Geral da Educação, *Novo programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, 11.

Morreira; Escola Básica de Nogueira da Silva; Escola Básica de Trandeiras; Jardim de Infância de Lomar; Jardim de Infância de Monte; Jardim de Infância de Trandeiras). O seu contexto, assim, é predominantemente urbano/semiurbano, atingindo, pontualmente, o meio rural.

A Escola Básica 2,3 de Nogueira é uma das estruturas educativas que compõe o Agrupamento de Escolas Alberto Sampaio. É um lugar de ensino bastante acolhedor, que recebe muitos alunos, sobretudo da parte oeste da cidade de Braga. Assume uma realidade escolar que se apresenta como um verdadeiro desafio, devido à diversidade e à heterogeneidade dos alunos. Estes discentes, talvez devido ao contexto geográfico, tornam o processo ensino-aprendizagem exigente, na medida em que os seus anseios, preocupações e objetivos são muito díspares, oscilando entre alunos com elevadas expectativas e muitos alunos cujos interesses divergem muitas vezes dos escolares. Inserida num contexto em que o próprio Projeto Educativo prevê uma educação humanista, que promova a dignidade da pessoa humana, a disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica tem de o encarar com acrescido entusiasmo e proatividade, ou não fossem esses os princípios e os valores pelos quais se pauta.

A turma 7.ºE é constituída por vinte e um alunos (onze raparigas e dez rapazes), com idades compreendidas entre os doze e treze anos. Dos vinte e um alunos, cinco alunos não estão inscritos na disciplina de EMRC, por professarem outras confissões religiosas.

A apreciação global da turma é bastante satisfatória tanto ao nível do comportamento, como do aproveitamento, sendo este último muito bom. Contudo salientam-se alguns alunos que revelam dificuldades de atenção/concentração tendo, por isso, sido necessário a implementação de estratégias de reforço da atenção, motivação e de apoio mais individualizado por parte do Conselho de Turma para que os mesmos conseguissem acompanhar o ritmo de trabalho dos restantes colegas. Há uma aluna que apresenta dificuldades na aprendizagem dos conteúdos, delineadas no seu Relatório Técnico-Pedagógico (RTP), devido sobretudo às suas dificuldades de atenção e concentração e desequilíbrios emocionais, usufruindo de apoio pedagógico personalizado e adequações no processo de avaliação.

As expectativas do percurso escolar destes alunos são elevadas, pretendendo na maioria dar continuidade aos estudos e conseguir formação superior. Cinco alunos beneficiam de auxílio económico, três com o escalão A e dois com o escalão B. O nível socioeconómico e cultural das famílias é médio/alto. As habilitações literárias dos encarregados de educação são predominantemente ao nível do ensino secundário e licenciatura. Os encarregados de educação são, na sua maioria, atentos e participativos no acompanhamento dos seus educandos. De uma forma global, o comportamento e o aproveitamento dos alunos desta turma tem sido muito bom.

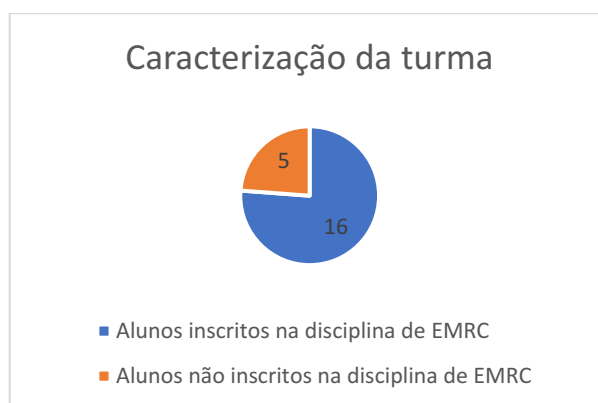


Gráfico 1: caracterização da turma

3.4.2 - Proposta de planificação da Unidade Letiva 3

Os esquemas ou modelos de planificação didática assim como as orientações de carácter prático para a sua concretização limitam-se muitas vezes, ao nível da sua fundamentação teórica, aos contributos da Psicologia da Educação e, mais concretamente, dos modelos que citamos acima: teorias cognitivas; teorias humanistas e teorias comportamentais.

Por detrás de uma planificação, além da definição de objetivos gerais e específicos que fazem a articulação entre conteúdos, estratégias, atividades, recursos e formas de avaliação, está sempre uma determinada concepção de educação, uma visão do Homem e da sociedade, e naturalmente também uma experiência pedagógico-didática muito concreta.

A planificação vem dar resposta às questões: o que queremos ensinar e de que forma aprendemos. O que queremos ensinar vem descrito no programa da disciplina de EMRC. Embora o professor tenha alguma flexibilidade na cronologia dos conteúdos a abordar, o programa dita os conceitos e objetivos a atingir. No entanto, independentemente das teorias que acabamos de enunciar as formas de aprender são várias. Para Neil Fleming, citado por Jorge Cardoso no seu livro “Uma Nova Escola para Portugal”, os alunos podem estar numa de 4 categorias: “os visuais; os leitores; os cinestésicos; os auditivos”¹²⁰.

Assim, os visuais aprendem melhor quando veem. Nestes casos os mapas mentais, conceptuais ou mesmo diagramas ou esquemas ajudam na compreensão; os leitores, conseguem interiorizar as aprendizagens a ler e a escrever. Neste caso, preferem apreender o conhecimento através de textos, artigos, manuais ou relatórios; os cinestésicos, que valorizam a experiências em que prevalecem as atividades físicas, ao invés da postura física passiva. Aqui os alunos aprendem melhor ao fazerem ou vivenciarem determinada experiência ou tarefa; os auditivos,

¹²⁰ Cardoso, *Uma Nova Escola Para Portugal*, 71.

que preferem ouvir e falar. Neste caso, *podcasts*¹²¹, um grupo de discussão, um áudio, um discurso ou mesmo um vídeo são excelentes formas de aprender. Dito isto, é importante referir que há alunos que são uma combinação de algumas destas 4 categorias.



Figura 2 - Formas privilegiadas de aprender¹²²

Para um professor, preparar uma aprendizagem não é apenas preparar muito bem uma matéria que irá ser trabalhada. Terá de juntar outros saberes: a forma de comunicar e os elementos pedagógicos que irá utilizar. Por fim, é necessário aferir a aquisição das aprendizagens. Consoante os resultados poderá haver necessidade de estabelecermos um plano de recuperação. “O objetivo é sempre o mesmo: não deixar ninguém para trás”¹²³.

A partir daqui iremos mostrar detalhadamente o trabalho de planificação de cada aula lecionada e, conseqüentemente, a sua justificação pedagógica. A preparação teórica é fundamental e essencial para o ponto de partida de uma boa aula, no entanto, sabemos, a implementação prática deve ser rigorosa sem, no entanto, esbater a personalidade e as competências didáticas e pedagógicas próprias de cada professor.

¹²¹ *Podcast* é um ficheiro áudio ou multimédia, divulgado com periodicidade regular e com conteúdo semelhante ao de um programa de rádio, que pode ser descarregado da Internet e lido no computador ou em dispositivo próprio;

¹²² Cardoso, *Uma Nova Escola Para Portugal*, 72;

¹²³ Cardoso, *Uma Nova Escola Para Portugal*, 143.

Aula n.º 1 – A adolescência e o desenvolvimento da pessoa



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
 FACULDADE DE TEOLOGIA-BRAGA
MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS
 Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica
 PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA



AESAS Agrupamento de Escolas
 Alberto Sampaio 150976

Ano letivo 2021/2022

Planificação de Aula

Unidade Letiva 3 - Riqueza e Sentido dos Afetos

Aula: 1/5

Ano: 7.º | Turma: E

Data: 25/03/2022

Tempo previsto: 45 minutos

Domínios	Aprendizagens Essenciais	Conteúdos	Ações/Estratégias de Ensino orientadas para o Perfil dos alunos	Descritores do Perfil dos alunos	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
Acolhimento e Sumário			Breve saudação, acolhimento e verificação das presenças. Registo do sumário no caderno diário.	Sistematizador/ organizador (A, B, C, I)	Computador Projetor Caderno diário Material de escrita	5'	Grelha de observação direta Grelha de registo da assiduidade Material/attitudes/postura/pontualidade/empenho/Responsabilidade.
Religião e Experiência Religiosa	1-Identificar os temas a abordar na unidade letiva 3: Sentido e Riqueza dos afetos.	Introdução à unidade 3: Sentido e Riqueza dos Afetos.	Exposição oral dos temas inerentes à unidade 3: Sentido e Riqueza dos Afetos.	Conhecedor/ Sabedor/ Culto/ Informado (A, B, I); Sistematizador/ organizador; (A, B, C, I); Questionador (A, F, I); Participativo/colaborador (A, B, C, D, E, F, H, I); Comunicador (A, B, D, H);	Caderno diário Caneta	15'	Grelha de observação direta Participação / Empenho / Atenção.
Cultura e Visão Cristã da Vida	2. definir o conceito de afeto.	A natureza dos processos emocionais.	Leitura e interpretação do texto (doc.1) Visionamento de um vídeo sobre os afetos, sentimentos e emoções. Realização dos exercícios - Alterações sociais.		Projetor Caderno diário Caneta	15'	Atenção e participação organizada.
Ética e Moral			Síntese dos conteúdos lecionados.		Doc. 1 Projetor	5' 5'	Participação organizada. Atenção e participação organizada.

A primeira aula reveste-se de uma importância capital. Como diria Aaron Burns, “não há uma segunda oportunidade para causar uma boa primeira impressão”. Assim, todo o trabalho preparatório para a excelência da lecionação é colocado à prova e avaliada *in loco* pelos intervenientes: alunos e professor.

A aula inicia-se com o uma breve saudação, acolhimento aos alunos e verificação das presenças. É feita a apresentação individual do professor e dos alunos. Foi possível, desta forma, conhecer, ainda que de forma breve, os interesses, motivações e preocupações dos alunos. Posteriormente é entregue a cada discente o documento básico para o acompanhamento da aula (Anexo 1). Nele são incluídos o sumário, objetivos, textos e exercícios a lecionar, propostas de leitura, servindo, também, de apoio ao estudo.

Foi feita a apresentação da Unidade, descrevendo as temáticas, mostrando a sua pertinência e interesse para no desenvolvimento humano dos adolescentes.

De seguida, foi feita a leitura e interpretação do texto (Anexo 1) “O que são afetos?”. Com este texto foi possível definir os conceitos de afeto, emoção e sentimentos. Os alunos tiveram a oportunidade de definir os conceitos e entender que ao contrário das emoções, que têm uma forte componente expressiva e comunicacional, voltada para o exterior, os sentimentos são vividos numa esfera interior, íntima e privada, sem que se manifestem necessariamente aos outros. Logo de seguida foi visionado um vídeo sobre os afetos, sentimentos e emoções. A diversificação de instrumentos pedagógicos permite criar maior dinamismo, interesse e atenção, facilitando a aprendizagem. Os alunos fizeram os exercícios que foram corrigidos em sala de aula.

Tendo presente que o objetivo é compreender se os conteúdos ficam bem consolidados, o professor, com a colaboração dos alunos, faz a síntese da aula. Termina-se a aula com o docente a despedir-se dos alunos.

Aula n.º 2 – A adolescência e o desenvolvimento da pessoa



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
 FACULDADE DE TEOLOGIA-BRAGA
MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS
 Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica
 PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA



AESAS Agrupamento de Escolas
 Alberto Sampaio 150976

Ano letivo 2021/2022

Planificação de Aula

Unidade Letiva 3 - Riqueza e Sentido dos Afetos

Aula: 2/5

Ano: 7.º | Turma: E

Data: 01/04/2022

Tempo previsto: 45 minutos

Domínios	Aprendizagens Essenciais	Conteúdos	Ações/Estratégias de Ensino orientadas para o Perfil dos alunos	Descritores do Perfil dos alunos	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
Acolhimento e Sumário			Breve saudação, acolhimento e verificação das presenças. Registo do sumário no caderno diário.	Sistematizador/ organizador (A, B, C, I)	Computador Projektor Caderno diário Material de escrita Doc.2	5'	Grelha de observação direta Grelha de registo da assiduidade Material/atitudes/postura/ pontualidade/empenho/ Responsabilidade.
Religião e Experiência Religiosa	Identificar os aspetos essenciais que caracterizam a adolescência. Definir o conceito de adolescência. identificar as mudanças fisiológicas e mentais ocorridas na adolescência.	Síntese da aula anterior.	Breve exposição oral para contextualização e assimilação dos conceitos lecionados na aula anterior.	Conhecedor/ Sabedor/ Culto/ Informado (A, B, C, I); Participativo/ colaborador (A, B, C, D, E, F, H,I); Comunicador (A, B, D, H); Crítico/Analítico (A, B, C, D).	Caderno diário Caneta	5'	Grelha de observação direta Atenção e Participação
Cultura e Visão Cristã da Vida		Na adolescência fazem-se escolhas relevantes para o resto da vida: estudos, trabalho, estado de vida.	Brainstorming sobre adolescência. - Alterações fisiológicas; - Alterações psicológicas; - Alterações afetivas; - Alterações intelectuais; - Alterações sociais.		Doc.2 Caneta	5'	Atenção e participação organizada
Ética e Moral		A adolescência e o desenvolvimento da pessoa.	Leitura e interpretação do texto “A adolescência”. Visionamento de um vídeo sobre as alterações físicas e psicológicas na adolescência.		Doc.2 Caneta Projektor Colunas	10'	Participação organizada

			Realização de exercícios.		Doc.2 Caneta	10'	Atenção Participação organizada Argumentação
			Leitura e interpretação do texto “O comportamento na adolescência”. Realização do exercício 4.				
			Leitura e interpretação da letra e música de Rui Veloso: “Não há estrelas no céu”.		Doc.2 Projeter Colunas Caneta/lápis	5'	Atenção Participação organizada.
			Síntese dos conteúdos lecionados.			5'	Atenção e participação organizada.

De acordo com a planificação, esta sessão inicia-se com uma breve saudação, acolhimento e verificação das presenças.

O professor distribui, tal como na primeira aula, o documento orientador da aula a lecionar (Anexo 2). Pede-se aos alunos que transcrevam o sumário para o caderno. Realiza-se a síntese da aula anterior para contextualização e assimilação dos conceitos lecionados. O docente nota que os recursos diversificados usados ajudaram de forma significativa na assimilação dos conteúdos lecionados.

De seguida, como efeito surpresa, o professor retirou o casaco que vestia e na sua *t-shirt* lê-se a seguinte interrogação: “És adolescente? Porquê?” (Imagem 1). Esta indagação serviu para confrontar os alunos com o que já sabiam ou não sobre o período que estão a vivenciar. Após este primeiro confronto, faz-se um brainstorming onde é possível perceber que na adolescência experienciamos alterações fisiológicas, psicológicas, afetivas, intelectuais e sociais. Posteriormente é lido e interpretado o texto “A adolescência” que pretende definir e caracterizar este conceito. É visionado um pequeno vídeo sobre as alterações físicas e psicológicas na adolescência – pertinente para reforçar e facilitar a aquisição dos conteúdos abordados. São realizados os exercícios e corrigidos em sala de aula.

Após a realização dos primeiros exercícios, é lido e interpretado o texto da Doutora Margarida Matos, (Psicóloga Clínica e da Saúde. Psicoterapeuta. Professora Catedrática da Universidade de Lisboa na Faculdade de Motricidade Humana.) “O comportamento”, que vislumbra as peculiaridades e enfatiza o tipo de comportamentos que os adolescentes adotam nesta faixa etária. Os alunos são chamados a realizar os exercícios e são corrigidos em sala de aula.

Logo de seguida é feita a leitura e interpretação da letra e música de Rui Veloso: “Não há estrelas no céu”. Os alunos seguem a letra enquanto ouvem a música e são convidados a sublinhar as frases que enfatizam as características da adolescência.

Por fim, tendo presente que o objetivo é compreender se os conteúdos ficam bem consolidados, o professor, com a colaboração dos alunos, faz a síntese da aula. Termina-se a aula com o docente a despedir-se dos alunos.



Figura 3 – És adolescente? Porquê?

Aula n.º 3 – A construção da personalidade



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA-BRAGA
MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS
 Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica
 PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA



AESAS Agrupamento de Escolas
 Alberto Sampaio 150976

Ano letivo 2021/2022

Planificação de Aula

Unidade Letiva 3 - Riqueza e Sentido dos Afetos

Aula: 3/5

Ano: 7.º | Turma: E

Data: 22/04/2022

Tempo previsto: 45 minutos

Domínios	Aprendizagens Essenciais	Conteúdos	Ações/Estratégias de Ensino orientadas para o Perfil dos alunos	Descritores do Perfil dos alunos	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
Acolhimento e Sumário Sumário: A construção da personalidade.			Breve saudação, acolhimento e verificação das presenças. Registo do sumário no caderno diário.	Sistematizador/ organizador (A, B, C, I)	Computador Projeter Caderno diário Material de escrita	5'	Grelha de observação direta Grelha de registo da assiduidade Material/atitude/postura/pontualidade/empenho/Responsabilidade.
Religião e Experiência Religiosa		Solidificar os conteúdos da aula anterior.	Breve contextualização e recapitulação da matéria da aula anterior.	Conhecedor/ Sabedor/ Culto/ Informado (A, B, I);	Caderno diário Caneta	5'	Grelha de observação direta Participação / Empenho / Atenção
Cultura e Visão Cristã da Vida	1.Definir o conceito de pessoa;	<i>Persona</i> e pessoa.	Leitura e interpretação do texto <i>Persona</i> e pessoa (doc.3). Realizar os exercícios 1 e 2 (doc3).	Sistematizador/ organizador; (A, B, C, I); Questionador (A, F, I);	Doc. 3 Caderno diário Caneta/lápis Máscara	5'	Atenção e participação organizada.
Ética e Moral	2.Definir o conceito de personalidade; 3.Compreender a relação entre os conceitos de pessoa e personalidade;	A construção da personalidade. Pessoa e personalidade.	Leitura e interpretação do texto <i>Pessoa</i> e personalidade (doc.3). PowerPoint – <i>Persona</i> , <i>Pessoa</i> e <i>Personalidade</i> .	Participativo/colaborador (A, B, C, D, E, F, H,I); Comunicador (A, B, D, H);	Doc. 3 Caneta/lápis Projeter	10'	Atenção e participação organizada.

	4. Reconhecer a família e os grupos sociais como elementos fundamentais na construção da personalidade.	O contributo e a importância dos diferentes grupos sociais.	Ver um vídeo sobre os conceitos de persona, pessoa e personalidade. Realizar os exercícios 3, 4 e 5 (doc. 3). Leitura e interpretação do texto Grupos Sociais (doc. 3). Realizar o exercício 6 (doc. 3). Síntese dos conteúdos lecionados.	Crítico/Analítico (A, B, C, D).	Colunas Doc. 3 Caneta/lápis Colunas	10' 5'	Atenção Participação organizada Argumentação Atenção
--	---	---	--	---------------------------------	--	---------------	---

Esta sessão revestiu-se de especial importância. De acordo com as regras estipuladas de avaliação pela Universidade Católica Portuguesa, esta sessão foi escolhida para ser assistida e avaliada pela professora Eugénia Monteiro, orientadora da Escola Básica 2,3 de Nogueira; e pela Prof^ª. Doutora Isabel Varanda, Professora da Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa – Braga.

Assim, inicia-se com uma breve saudação, acolhimento e verificação das presenças.

O professor distribui, tal como nas aulas anteriores, o documento orientador da aula a lecionar (Anexo 3) e uma máscara (Imagem 2) que serve como recurso pedagógico e didático e facilita o processo de ensino e aprendizagem. Pede-se aos alunos que transcrevam o sumário para o caderno. Realiza-se a síntese da aula anterior para contextualização e assimilação dos conceitos lecionados. O docente nota que os recursos diversificados usados ajudaram de forma significativa na assimilação dos conteúdos lecionados.

Com o objetivo de definir o conceito de pessoa é lido e interpretado o texto “*Persona* e Pessoa”. De seguida os alunos realizam o exercício pedido, usando a máscara previamente distribuído. Pede-se que complete, na máscara, a seguinte frase: durante o meu dia represento várias personagens...

Para definir o conceito de personalidade é lido e interpretado o texto “Pessoa e Personalidade”. De seguida, através de um PowerPoint (Anexo 6), e diversificando mais uma vez os recursos usados, são caracterizados os conceitos *Persona*, Pessoa e Personalidade. Ainda, para reforçar, é visionado um vídeo sobre os conceitos atrás referidos. Os alunos realizam os exercícios do (Anexo 3) e são corrigidos em sala de aula.

De seguida é lido e interpretado o texto “Grupos Sociais” com o objetivo de reconhecer a família e os grupos sociais como elementos fundamentais na construção da personalidade. Os alunos realizam os exercícios propostos e são corrigidos em sala de aula.

Por fim, tendo presente que o objetivo é compreender se os conteúdos ficam bem consolidados, o professor, com a colaboração dos alunos, faz a síntese da aula. Termina-se a aula com o docente a despedir-se dos alunos.



Figura 4 - Máscara: durante o meu dia represento várias personagens.

Aula nº 4 – Preocupações e desafios dos adolescentes



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
 FACULDADE DE TEOLOGIA-BRAGA
MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS
 Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica
 PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA



AESAS Agrupamento de Escolas
 Alberto Sampaio 150976

Ano letivo 2021/2022

Planificação de Aula

Unidade Letiva 3 - Riqueza e Sentido dos Afetos

Aula: 4/5

Ano: 7.º | Turma: E

Data: 29/04/2022

Tempo previsto: 45 minutos

Domínios	Aprendizagens Essenciais	Conteúdos	Ações/Estratégias de Ensino orientadas para o Perfil dos alunos	Descritores do Perfil dos alunos	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
Acolhimento e Sumário Sumário: Preocupações e desafios dos adolescentes.			Breve saudação, acolhimento e verificação das presenças. Registo do sumário no caderno diário.	Sistematizador/ organizador (A, B, C, I)	Computador Projeter Caderno diário Material de escrita	5'	Grelha de observação direta Grelha de registo da assiduidade Material/atitude/postura/pontualidade/empenho/Responsabilidade.
Religião e Experiência Religiosa	1. Caracterizar as preocupações físicas, sociais e afetivas dos adolescentes.	Solidificar os conteúdos da aula anterior.	Breve contextualização e recapitulação da matéria da aula anterior.	Conhecedor/ Sabedor/ Culto/ Informado (A, B, I);	Caderno diário Caneta	5'	Grelha de observação direta Participação / Empenho / Atenção
Cultura e Visão Cristã da Vida		Preocupações físicas. Preocupações sociais. Preocupações afetivas.	Leitura e interpretação do texto Preocupações físicas, sociais e afetivas (doc.4). Realizar o exercício 1 (doc4)	Sistematizador/ organizador; (A, B, C, I); Questionador (A, F, I); Participativo/colaborador (A, B, C, D, E, F, H, I); Comunicador (A, B, D, H);	Doc. 4 Caderno diário Caneta/lápis	10'	Atenção e participação organizada.
Ética e Moral						Doc. 4	10'

	2.Reconhecer a importância do amor e do cuidado para o desenvolvimento afetivo e social dos adolescentes.	Desafio do amor e paixão. “O essencial é invisível aos olhos.”	Leitura e interpretação do texto Desafio do amor e paixão (doc.4). Realizar o exercício 2 e 3 (doc.4). Leitura e interpretação do texto O essencial é invisível aos olhos (doc. 4). Realizar o exercício 4 e 5 (doc. 3). Síntese dos conteúdos lecionados.	Crítico/Analítico (A, B, C, D);	Caneta/lápis Doc. 4 Caneta/lápis Caneta de tinta invisível Cartão	10' 5'	Atenção Participação organizada Argumentação Atenção
--	---	---	--	---------------------------------	---	---------------	---

Nesta sessão, o professor estagiário, inicia a aula tal como nas anteriores, mantendo o registo afável e assertivo com uma breve saudação, acolhimento e verificação das presenças.

O professor distribui, tal como nas aulas anteriores, o documento orientador da aula a lecionar (Anexo 4). Pede-se aos alunos que transcrevam o sumário para o caderno. Realiza-se a síntese da aula anterior para contextualização e assimilação dos conceitos lecionados. O docente nota que os recursos diversificados usados ajudaram de forma significativa na assimilação dos conteúdos lecionados.

Para caracterizar as preocupações físicas, sociais e afetivas dos adolescentes, foi lido e interpretado o texto “Preocupações físicas, sociais e afetivas dos adolescentes”. De seguida é realizado o exercício e corrigido em sala de aula.

Para reconhecer a importância do amor e do cuidado para o desenvolvimento afetivo e social dos adolescentes, é lido e interpretado o texto “Desafio do amor e paixão”. São realizados os exercícios e corrigidos em sala de aula. De seguida foi lido e interpretado o texto “O essencial é invisível aos olhos” do Livro de Antoine de Saint-Exupéry, *O Príncipezinho*. O professor distribui um cartão e uma caneta de tinta invisível (Imagem 3). Pede aos alunos que escrevam uma palavra ou frase que demonstre o cuidado e o afeto que tem pelo(a) colega do lado. Propõe a troca do cartão com ele(a) e descobre o que sente por si. Mais uma vez o professor recorre a recursos diversificados e impactantes que facilitam o processo de ensino e aprendizagem.

Por fim, tendo presente que o objetivo é compreender se os conteúdos ficam bem consolidados, o professor, com a colaboração dos alunos, faz a síntese da aula. Termina-se a aula com o docente a despedir-se dos alunos.



Figura 5 – Cartão para escrever com a caneta de tinta invisível

Aula n.º 5 – O agir moral e a mensagem cristã sobre a felicidade



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
 FACULDADE DE TEOLOGIA-BRAGA
MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS
 Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica
 PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA



AESAS Agrupamento de Escolas
 Alberto Sampaio 150976

Ano letivo 2021/2022

Planificação de Aula

Unidade Letiva 3 - Riqueza e Sentido dos Afetos

Aula: 5/5

Ano: 7.º | Turma: E

Data: 06/05/2022

Tempo previsto: 45 minutos

Domínios	Aprendizagens Essenciais	Conteúdos	Ações/Estratégias de Ensino orientadas para o Perfil dos alunos	Descritores do Perfil dos alunos	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
Acolhimento e Sumário			Breve saudação, acolhimento e verificação das presenças. Registo do sumário no caderno diário.	Sistematizador/ organizador (A, B, C, I)	Computador Projeter Caderno diário Material de escrita	5'	Grelha de observação direta Grelha de registo da assiduidade Material/atitude/postura/pontualidade/empenho/Responsabilidade.
Religião e Experiência Religiosa		Solidificar os conteúdos da aula anterior.	Breve contextualização e recapitulação da matéria da aula anterior.	Conhecedor/ Sabedor/ Culto/ Informado (A, B, I);	Caderno diário Caneta	5'	Grelha de observação direta Participação / Empenho / Atenção
Cultura e Visão Cristã da Vida	1. Clarificação etimológica do termo moral. 2. Definir o conceito de moral.	O agir moral.	Leitura e interpretação do texto Agir moral (doc.5). Realizar o exercício 1 (doc.5).	Sistematizador/ organizador; (A, B, C, I); Questionador (A, F, I); Participativo/colaborador (A, B, C, D, E, F, H,I);	Doc. 5 Caneta/lápis	10'	Atenção e participação organizada.
Ética e Moral	3. Caracterizar as normas morais.	Dilemas morais.	Leitura e interpretação dos textos: dilemas morais. (doc.5).	Comunicador (A, B, D, H);	Doc. 5 Caneta/lápis Projeter	10'	Atenção e participação organizada.

	4. Clarificar à luz da mensagem cristã a dignidade da pessoa humana.	Mensagem cristã sobre a felicidade. Santo Agostinho: “Ama e faz o que quiseres”.	<p>Visionamento de um vídeo: dilema do trólei. Realizar o exercício 2 e 3 (doc.5).</p> <p>Leitura e interpretação do texto “Ama e faz o que quiseres” (doc. 5). Realizar o exercício 4 (doc. 5).</p> <p>Síntese dos conteúdos lecionados.</p>	Crítico/Analítico (A, B, C, D);	Colunas Doc. 5 Caneta/lápis	10’ 5’	<p>Atenção Participação organizada Argumentação</p> <p>Atenção</p>
--	--	--	---	---------------------------------	---------------------------------------	---------------	--

A quinta e última sessão desta unidade letiva teve especial impacto emocional. Até aqui o professor estagiário criou uma ligação afetiva importante que facilitou a sua intervenção pedagógica.

Assim, tal como nas aulas anteriores, inicia-se com uma breve saudação, acolhimento e verificação das presenças.

O professor distribui, tal como nas aulas anteriores, o documento orientador da aula a lecionar (Anexo 5). Pede-se aos alunos que transcrevam o sumário para o caderno. Realiza-se a síntese da aula anterior para contextualização e assimilação dos conceitos lecionados. O docente nota que os recursos diversificados usados ajudaram de forma significativa na assimilação dos conteúdos lecionados.

Com esta aula queremos cumprir os objetivos de clarificação etimológica do termo moral; definir o conceito de moral; caracterizar as normas morais; clarificar à luz da mensagem cristã a dignidade da pessoa humana. Através do texto “O agir moral” (Anexo 5), pretende-se definir o conceito de “moral” e caracterizar as normas morais. É interiorizado que a capacidade de discernir e de fazer o bem a si próprio e aos outros, chamamos moral. De seguida, a hierarquia de valores dos alunos é colocada à prova perante os dilemas morais que o professor apresenta. Pretende-se que haja discussão orientada. De imediato é visionado um vídeo: dilema do trólei. Pretende ajudar na consolidação dos conteúdos trabalhados. De seguida são realizados exercícios e corrigidos em sala de aula.

Com o intuito de clarificar à luz da mensagem cristã a dignidade da pessoa humana, é lido e interpretado o texto de Santo Agostinho: “*Ama e faz o que quiseres*”. Através deste texto, apresenta-se Santo Agostinho e descodifica-se a importância do amor no comportamento humano. Santo Agostinho tornou-se cristão já na idade adulta. Foi um entusiasta do cristianismo no Norte de África e viveu uma profunda relação com Deus. Este texto é um comentário a um versículo bíblico (“Aquele que não ama não chegou a conhecer Deus, pois Deus é amor” - 1Jo 4,8) e expressa a plenitude de um amor apaixonado, pleno e verdadeiro. Amar é entrar na beleza que é Deus, ou seja, é viver de forma livre, alegre, em harmonia com todos e sem malícia ou vontade de fazer o mal. O limite do amor encontra-se no “rosto do outro” que é preciso amar e cuidar... amar sem medida! Amar é saber silenciar porque há palavras que ferem, amar é corrigir e chamar a atenção, sem julgar nem condenar. Tudo o que fizermos... façamo-lo com amor.

É distribuída uma caixa com lápis de cor (Imagem 4) com a imagem de Santo Agostinho e a frase “*Ama e faz o que quiseres*”. Procura-se enfatizar os conteúdos

lecionados criando uma analogia dos lápis com a possibilidade de “escrita” de valores humanos em que prevalece o amor em tudo o que é feito. É feito o último exercício e corrigido em sala de aula.

Por fim, tendo presente que o objetivo é compreender se os conteúdos ficam bem consolidados, o professor, com a colaboração dos alunos, faz a síntese da aula. Termina-se a aula com o docente a despedir-se dos alunos.



Figura 6 - Caixas de lápis de cor alusivas a Santo Agostinho: “Ama e faz o que quiseres”.

3.5 - Reflexão crítica sobre as aulas lecionadas e à Unidade Letiva

Tendo por base o programa da disciplina para a Unidade 3 – Riqueza e Sentido dos Afetos, o professor respeitou as metas, objetivos e conteúdos definidos compreendendo que o objeto da Educação Moral e Religiosa Católica é a totalidade da realidade, como campo do agir humano, como é referido pelo D. Tomaz da Silva Nunes, Bispo Auxiliar de Lisboa. Este aspeto teve especial importância na reflexão, preparação e leção das aulas como professor estagiário.

O Programa desafia-nos a penetrar na cultura e a relacionar os seus conteúdos com outras áreas do saber. Permite partir do conhecimento empírico, das experiências de vida e da própria cultura dos alunos plasmando os conteúdos com a mesma seriedade e profundidade com que as outras disciplinas apresentam os seus saberes.

No seu percurso, o professor planificou tendo em conta os conteúdos, objetivos, metas a atingir e o modelo de ensino/aprendizagem que, em cada momento/aula, definiu pertinente. Teve em conta a faixa etária, nível cognitivo, personalidade e expectativas dos discentes.

A Planificação cuidada das aulas evita uma prática de ensino entregue ao acaso, que é sempre improdutiva, e garante que se definiram os meios necessários para a avaliação pedagógica. De qualquer modo, uma boa planificação, que é sempre indispensável, exige que o docente adquira conhecimento sobre as turmas e os alunos, de modo a adaptar a leção tanto aos objetivos e conteúdos como à população discente. Essa adaptação requer, quase sempre, que o docente combine os vários modelos de ensino de modo a potenciar a aprendizagem, reconhecendo a complexidade das salas de aula diversificadas das escolas de hoje e as propostas constantes dos conteúdos aprovados para a disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica.¹²⁴

A facilidade de comunicação e diálogo permitiram a aproximação do docente aos alunos e criar um ambiente favorável ao processo ensino/aprendizagem. Para todas as aulas foram pensadas, elaboradas e executadas estratégias criativas que permitiram criar curiosidade, entusiasmo e vontade de aprender. O processo didático próprio da educação caracteriza-se por um claro valor educativo de modo a formar personalidades juvenis ricas de interioridade, dotadas de força moral e abertas aos valores da justiça, da solidariedade e da paz, capazes de usar bem a própria liberdade. Como disse o Papa João Paulo II:

¹²⁴ Direção-Geral da Educação, Novo Programa de Educação Moral e Religiosa Católica, 159.

Convido particularmente os docentes de religião a não diminuírem o carácter formativo do seu ensino e a desenvolverem face aos alunos uma relação educativa rica de amizade e de diálogo capaz de suscitar no mais amplo número de alunos, mesmo que não explicitamente crentes, o interesse e a atenção pela disciplina que apoia e motiva a sua procura apaixonada da verdade.¹²⁵

Assim, tendo em conta o objeto e objetivo desta disciplina, optei pela avaliação formativa. Não desmerecendo a avaliação sumativa, pois julgo ser importante, neste contexto, com alunos que procuram a sua identidade e amadurecer a sua personalidade, a avaliação deve ser essencialmente formativa.

Sabemos que a avaliação absorve, frequentemente, a maior parte da energia dos alunos e dos professores, não sobrando muito para criar e inovar. Hoje, com a realidade que enfrentamos nas escolas e no tempo letivo oferecido à EMRC (45 minutos de aula por semana), é por demais evidente que não seria produtiva e, naturalmente, eficaz a preferência pela avaliação sumativa. Quisemos trabalhar e avaliar competências e valores para a vida, e não tanto o conhecimento enciclopédico.

Houve a preocupação em todas as práticas letivas de proteger a diversidade. As pessoas têm tipos de inteligência e estilos de aprendizagem muito diversificados. Assim, centrei-me na construção da autonomia dos alunos, alimentando a sua curiosidade intelectual, abrindo-lhes caminhos e proporcionando-lhes os recursos adequados.

Hoje, os jovens, perante os múltiplos estímulos, têm alguma dificuldade em prestar atenção a exposições orais muito demoradas e demonstram até alguma impaciência. Houve a preocupação, em todas as aulas de montar estratégias que promovesse o interesse. A dinâmica de aula e a respetiva pedagogia tiveram de se adaptar a esta realidade.

Por outro lado, o professor estagiário não esqueceu que a disciplina que leciona tem maior responsabilidade humana e por isso entende que um bom aluno terá sempre de ser, necessariamente, uma boa pessoa. “A escola não pretende, por hipótese, formar tecnicamente um bom médico que depois falha ao ser insensível ao sofrimento dos seus pacientes”¹²⁶.

¹²⁵ João Paulo II, «Discurso aos participantes no Simpósio do Conselho das Conferências Episcopais da Europa sobre o Ensino da Religião Católica na Escola Pública», acedido a 10 de dezembro de 2022, <https://shre.ink/cPhT>;

¹²⁶ Jorge Rio Cardoso, *Uma Nova Escola Para Portugal* (Lisboa: Guerra e Paz, Editores, 2019), 61.

CONCLUSÃO

No trabalho científico, de qualquer âmbito de estudos, a conclusão aparece como um momento de especial relevo. Nesta procuraremos referir os principais compromissos que adiantamos na introdução e os pontos, que depois de analisados, pudemos atingir.

Quisemos mostrar o “diálogo” como uma importante componente pedagógica e educacional. Neste mundo globalizado, de mudanças rápidas e repentinas, os professores não se podem deixar ultrapassar tanto ao nível científico, base de qualquer disciplina; mas também do ponto de vista técnico tendo em vista uma formação contínua para uma abordagem cada vez mais adaptada às novas exigências culturais, sociais e tecnológicas. Esta última exigência tecnológica, que por vezes parece assustadora, deve ser um aliado e não um tabu: o “mundo” exige a nossa adaptação frequente.

O mundo escolar tem vindo a adaptar-se às novas exigências curriculares, mas também às metodologias criadas para fazer face a uma Pandemia que pôs à prova a resiliência, profissionalismo e amor à educação por parte dos professores. Nesse sentido foram criadas plataformas digitais importantes, que permitiram uma nova abordagem ao método de ensino e aprendizagem. No entanto, voltados à escola, após um período de confinamento, essas metodologias, que permitiram a aquisição de novas competências digitais à comunidade escolar, possibilitam, hoje, saber de forma mais eficaz o que realmente estimula e resulta para a aquisição de conteúdos programáticos. Para além da componente técnica era necessário entender que os alunos, seres humanos, adolescentes, estão num período sensível de crescimento físico e aquisição de competências morais; na procura da sua identidade e desenvolvimento de personalidade. É um período fortemente marcado pelas emoções. Aí reside um problema: não podemos virar a cara aos efeitos do uso excessivo da tecnologia e aos seus efeitos na construção da personalidade dos alunos. Como diz Sofia Ramalho, “a utilização da tecnologia como meio faz com que percamos a nossa capacidade de expressar emoções”¹²⁷. Surge de particular preocupação a escassez de relações interpessoais que inibem o desenvolvimento de competências, que aqui neste trabalho valorizamos, como a comunicação, o diálogo, que provocará, naturalmente, conflitos e conseqüentemente menor capacidade para os ultrapassar. É de facto,

¹²⁷ Sofia Ramalho, «Os mais novos estão cada vez mais ligados aos dispositivos: quais os riscos e como gerir?», acessido a 21 de fevereiro de 2023, <https://shre.ink/ccxy>.

fundamental, combater esta problemática. Combater a falta de diálogo entre os adolescentes deve passar por ser uma prioridade para pais, professores e pela escola.

Assim, essas ferramentas digitais, muito familiares dos mais jovens, são apenas instrumentos, tais como outros, com o mesmo valor pedagógico que os professores não podem deixar de usar. No entanto, o essencial é inovar, criar e valorizar a disciplina lecionada através de professores cientificamente capazes e pedagogicamente bem preparados.

Foi esse o pressuposto do nosso trabalho. Entendemos o momento, o contexto particular da comunidade escolar e estipulamos um plano exigente desenvolvendo, e que o Papa Francisco defendia, o diálogo como método. Num primeiro momento, no capítulo I, observamos e analisamos as teorias dialógicas de Martin Buber e Paulo Freire. Estes dois autores, embora com uma distância temporal assinalável, convergem na perspectiva de que o diálogo é uma ferramenta poderosa e indispensável para o desenvolvimento dos seres humanos. Paulo Freire defende que a educação é um processo transformador tendo na sua base a liberdade individual que promove o pensamento crítico dos educandos. É nesta relação de diálogo entre o educador e o educando, problematizante, sem imposição, que a verdadeira educação acontece. “A educação autêntica, repetimos, não se faz de “A” para “B” ou de “A” sobre “B”, mas de “A” com “B”, mediatizados pelo mundo.¹²⁸

Martin Buber defende que a principal categoria da dialogicidade é a palavra “entre”. É neste contexto que o Homem se realiza e se introduz na existência. A palavra é o “entre” porque é o lugar em que o eu e o tu se encontram. Buber entende que a relação é o que define a existência humana. Neste sentido a educação vista por este autor é uma forma de relacionamento, e não um processo de transmissão de conteúdos. Para estabelecer uma relação dialógica de verdade, é preciso que haja o reconhecimento da alteridade do outro e uma profunda aceitação da sua diferença. A partir do momento em que os sujeitos envolvidos na relação são capazes de perceber o outro na sua totalidade, é possível criar uma relação de verdadeiro diálogo, na qual ambos os lados são respeitados e valorizados.

Logo a seguir analisamos o que Edgar Morin defende relativamente à elevação do conhecimento através do diálogo. Este refere que a sociedade é uma rede complexa de relações, envolvendo fatores interdependentes. Essa visão é oposta à visão mecanicista, que fragmenta a sociedade em partes e estuda cada uma dessas partes de forma isolada.

¹²⁸ Paulo Freire, *Pedagogia do Oprimido*, (Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1994), 54.

Edgar Morin refere que o princípio dialógico permite a articulação de ideias que à primeira vista são antagônicas, e ao mesmo tempo, complementares, conseguindo assim a ligação de diferentes saberes, construindo relações das partes com o todo, na busca de uma compreensão significativa. O filósofo francês chama "inteligência da complexidade" ao movimento dialógico e inclusivo. Deste modo, a proposta não é eliminar disciplinas, mas dialogar, partilhar os conhecimentos produzidos e as diferentes visões do mundo. Assim, a educação deixaria de ser fragmentada e, sim, integrada, considerando a complexidade do mundo contemporâneo.

O primeiro capítulo termina dando ênfase ao diálogo como conceito fundamental no processo de ensino/aprendizagem. Partimos das perspectivas da dialogicidade de Edgar Morin e Paulo Freire como ferramenta libertadora, tornando evidente a intenção de promover o pensamento crítico como objetivo último da educação. Assim, para os professores, cada vez mais, é importante ajudar o aluno a utilizar de forma consciente o seu potencial de pensamento. Ensinar a pensar passa por tornar o aluno consciente das estratégias de aprendizagem a que recorre para construir o conhecimento, a resolução de problemas, a execução de tarefas. Deste modo, o diálogo passa a ser o espaço de liberdade em que podemos colocar em questão as nossas opções, as nossas ideias, os nossos valores, as nossas práticas, sem medo de sermos insultados, humilhados, discriminados.

No segundo capítulo mostramos a perspectiva do Papa Francisco sobre a relevância de um “pacto educativo capaz de transmitir não só o conhecimento dos conteúdos técnicos, mas também e sobretudo a sabedoria humana e espiritual, feita de justiça e retidão”¹²⁹. Refere que é preciso mudar a maneira como nos relacionamos com o outro, de modo a construirmos pontes, e não muros e nesse sentido, sob o ponto de vista da construção humana dos adolescentes aponta e define o conceito de diálogo como um “critério educativo”¹³⁰. Este critério educativo que, segundo o Papa, assegura que as sementes da paz possam germinar e crescer.

Não poderíamos avançar sem concretizar, nesta sequência, a posição da Igreja Católica perante as diversas religiões. O diálogo não serve só para aproximar as pessoas e cultivar a interculturalidade, embora importantes, são ainda insuficientes num mundo global com intensas demonstrações e, muitas vezes radicais, das diferentes crenças. Sobre

¹²⁹ Francisco, «" Caligrafia para o Diálogo: Promover a Cultura da Paz Através da Cultura e da Arte" em Memória do Cardeal Jean-Louis Tauran», acedido a 10 de agosto de 2022, <https://bityli.com/nCnftMEG>;

¹³⁰ Francisco, «" Caligrafia para o Diálogo: Promover a Cultura da Paz Através da Cultura e da Arte" em Memória do Cardeal Jean-Louis Tauran».

este contexto a Igreja Católica, pelas diferentes personalidades, tem defendido e promovido um profícuo diálogo inter-religioso. Mostramos que a tolerância é uma virtude prática.

A educação católica tem aqui um papel crucial. O papa João Paulo II, citado pelo Papa Francisco, recorda que a educação católica tem uma missão específica, cujo fim é “colocar a pessoa humana numa relação correta com Deus”¹³¹. A educação católica deve ter como objetivo a plena realização da pessoa humana, através da sua formação integral. A função social do conhecimento escolar, relativamente à dimensão religiosa, constitui-se como um espaço de questionamento onde aprendemos gradativamente como imaginar, refletir e atuar no mundo. Assim, a Escola Católica pode continuar a ser um importante agente de mudança na sociedade, oferecendo uma educação cristã de qualidade e promovendo a inclusão de todos os estudantes.

Ainda no segundo capítulo abordamos o conceito de comunicação inclusiva e aberta que, no nosso dia-a-dia, enquanto professores, devemos promover, sob pena de condicionarmos a evolução intelectual e moral dos nossos alunos. É uma ferramenta importante para garantir o diálogo e a colaboração entre culturas, gerações e indivíduos de diferentes origens, experiências e visões de mundo. É um imperativo ético de progresso que exige a adoção de medidas para evitar a discriminação e a exclusão, bem como para criar um ambiente acolhedor e aberto para todos os alunos.

Por fim, naquele que mostrou ser a abordagem pedagógica e didática implementada pelo professor estagiário no contexto de sala de aula, o último capítulo reveste-se de especial importância para a análise e avaliação dos critérios, objetivos e metodologias trabalhadas. De acordo com a Unidade Letiva abordada, “Riqueza e Sentido dos Afetos”, verificamos, primeiro, a bipolaridade dos afetos como característica fundamental na nossa sobrevivência e na nossa adaptação ao mundo. Partimos desta análise para a construção da personalidade na fase da adolescência. Constatamos que, embora existam algumas diferenças nos estágios de desenvolvimento físicos nos gêneros feminino e masculino, é um período alargado, intenso emocionalmente, pelas descobertas da identidade e na construção da personalidade.

Sabendo deste contexto complexo, partimos para a execução do trabalho em sala de aula. Planificamos cada sessão de 45 minutos de forma rigorosa, tendo em conta as

¹³¹ Francisco, «Discurso aos participantes na Assembleia Plenária do Pontifício Conselho para a Cultura», acedido a 2 de dezembro de 2022, <https://shre.ink/cv87>.

especificidades intelectuais, culturais e sociais dos alunos. Daí a necessidade da caracterização da comunidade escolar e do contexto do grupo turma.

Caracterizamos o papel do professor na lecionação e mediação pedagógica, dadas as características próprias da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica. É uma disciplina opcional e confessional e, portanto, exige um perfil de intervenção pedagógica igualmente distinto. No que diz respeito à competência pedagógica, o professor de EMRC deve revelar o gosto pela missão educativa, mobilizando-a através da capacidade de estabelecer objetivos pedagógicos, levando a cabo os respetivos conteúdos programáticos, demonstrando ser capaz de definir estratégias de aprendizagem adequadas ao seu grupo-turma, criando ou munindo-se dos necessários recursos didáticos.

BIBLIOGRAFIA

Livros

André, João Maria. *Douta Ignorância, linguagem e diálogo: o poder e os limites da palavra em Nicolau de Cusa*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2019.

Arends, Richard. *Aprender a Ensinar*, Lisboa: McGraw-Hill de Portugal, 1995.

Armando Rocha Trindade. *Introdução à Comunicação Educacional*. Lisboa: Universidade Aberta, 1990.

Attali, Jacques. *Dicionário do Século XXI*. Lisboa: Editorial Notícias, 1999.

Bíblia Sagrada. Lisboa: Difusora Bíblica, 1976.

Bohm, David. *Diálogo: comunicação e redes de convivência*. São Paulo: Palas Athena, 2005.

Borges, Anselmo. *Religião e diálogo inter-religioso*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2011.

Buber, Martin. *Eu e Tu*. Traduzido por Newton Aquiles Von Zuben. São Paulo: Centauro Editora, 2009.

Buber, Martin. *La vie en dialogue. Je et tu... De la fonction éducatrice*. Paris: Aubier, 1959.

Cardoso, Jorge Rio. *Uma Nova Escola Para Portugal*. Lisboa: Guerra e Paz, Editores, 2019.

Carvalho, Patrícia Gonçalves. *A comunicação no processo de ensino-aprendizagem entre crianças e entre intervenientes educativos*. Coimbra: Instituto Politécnico de Coimbra, 2014.

Delors, Jaques., et al. *Educação: Um Tesouro a Descobrir*. Porto: UNESCO/ASA, 1996.

Faria, Domingos, Luís Veríssimo, Maria Abrunhosa e Miguel Leitão. *Psicologia em Ação*. Lisboa: Edições Asa, 2015.

Freire, Paulo. *Educação e Mudança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

Freire, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

Freire, Paulo. *Educação Como Prática da Liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

Freire, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

Guimarães, Carlos. *Paulo Freire e Edgar Morin sobre Saberes, Paradigmas e Educação*. Curitiba: Appris, 2020.

Júnior, Idalberto. *Possibilidades Educativas no Exercício da Dialogicidade*. Brasília: Cidade Gráfica Editora, 2018.

Moraes, M. C. *O paradigma educacional emergente*. Campinas: Papyrus, 1997.

Moreira, Marco. *A teoria da aprendizagem significativa e a sua implementação em sala de aula*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2006.

Morin, Edgar, Le Moigne, Jean-Louis. *A inteligência da complexidade*. São Paulo: Fundação Peirópolis, 2000.

Morin, Edgar. *A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

Morin, Edgar. *Introdução ao Pensamento Complexo*. Lisboa: Instituto Piaget, 2008.

Morin, Edgar. *O Método III: o conhecimento do conhecimento*. Lisboa: Publicações Europa-América, 2005.

Morin, Edgar. *Os sete saberes necessários à Educação do Futuro*. São Paulo: Cortez, 2004.

Piaget, J. e Inhelder, B.. *Da Lógica da Criança à Lógica do Adolescente*, São Paulo: Pioneira, 1976.

Rato, Joana. *Mente, Cérebro e Educação*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2023.

Rodrigues, G. M. *A qualidade de ensino para aprimoramento da aprendizagem*. São Paulo: Revista Ensino Superior, 2003.

Savater, Fernando. *Ética para um Jovem*. Alfragide: Publicações Dom Quixote, 2008.

Tilstone, Christina, Lani, Florisan e Richard Rose. *Promover a Educação Inclusiva*. Lisboa: Instituto Piaget, 2003.

Vicente, Joaquim Neves. *Didática da Filosofia*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2007.

Artigo de revista

Granovetter, M. «The strength of weak ties». *The University of Chicago Press*, vol. 78, nº6 (maio 1973): 1360-1380. <https://www.jstor.org/stable/2776392>.

Dupuis, Jacques. «O diálogo inter-religioso numa sociedade pluralista». *Didaskalia*, vol.32, nº 1 (janeiro 2002): 69-81. <https://doi.org/10.34632/didaskalia.2002.1560>.

Reis, M., Ramiro, L., Matos, M. G., Diniz, J. A. «Os Comportamentos Sexuais dos Universitários Portugueses em 2010». *Revista de Saúde Pública Portuguesa*, vol.30, nº2 (julho – dezembro 2012):105-114. <https://shre.ink/cPoU>.

Vicente, Joaquim Neves. «Educação, Diálogo, Crítica e Libertação na Ação e no Pensamento de Paulo Freire». *Revista Filosófica de Coimbra* 8. Vol. 4 (outubro 1995): 373-406. <https://shre.ink/kwGP>.

Vicente, Joaquim Neves. «Subsídios para uma Didática Comunicacional». *Revista Filosófica de Coimbra* 2. Vol. 1 (outubro 1992) <https://shre.ink/kwG6>: 321-358. <https://shre.ink/kwG6>.

Documentos na internet

Agência Fides. «Le statistiche della Chiesa cattolica 2022». Acedido a 20 de outubro de 2022. <http://www.fides.org/it/stats>.

Associação Portuguesa das Escolas Católicas. «As Escolas Católicas em Portugal», acedido a 4 de janeiro de 2023. <https://bityli.com/n4wwH>.

Bento XVI. «Discurso no encontro com os educadores católicos». Acedido a 2 de dezembro de 2022. <https://shre.ink/cV8F>.

Cambridge Assessment International Education. «Metacognição». Acedido a 13 de setembro de 2022. <https://shre.ink/cPoe>.

Carta dos Direitos Fundamentais da União Europeia. Acedido a 14 de agosto de 2022, <https://shre.ink/cclt>.

Carta Internacional dos Direitos Humanos. Acedido a 12 de outubro de 2022. <https://shre.ink/ccLF>.

Conferência Episcopal Portuguesa, «Educação Moral e Religiosa Católica. Um valioso contributo para a formação da personalidade». Acedido a 7 de abril de 2023, <https://shre.ink/kxg6>.

Convenção Europeia dos Direitos do Homem. Acedido a 5 de outubro de 2022. <https://shre.ink/ccLb>.

Damásio, António. «O Erro de Descartes: Emoção, Razão e o Cérebro Humano». Acedido a 25 de março de 2023, <https://shre.ink/kmFM>.

Filho, Mauro et al. «A didática como elemento construtivo do processo ensino-aprendizagem». Acedido a 20 de abril de 2022. <https://shre.ink/7NB>.

Francisco. «“Curar o mundo”: 3. A opção preferencial pelos pobres e a virtude da caridade». Acedido a 8 de agosto de 2022. <https://shre.ink/cPp7>.

Francisco. «Caligrafia para o Diálogo: promover a cultura da paz através da cultura e da arte». Acedido a 7 de julho de 2022. <https://shre.ink/cPoi>.

Francisco. «Diálogo entre gerações, educação e trabalho: instrumentos para construir uma paz duradoura». Acedido a 15 de agosto de 2022. <https://shre.ink/Fyjsu6>.

Francisco. «Discurso aos estudantes das escolas dos Jesuítas na Itália e Albânia». Acedido a 9 de dezembro de 2022. <https://shre.ink/cP0Z>.

Francisco. «Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* ao Episcopado, ao Clero às Pessoas Consagradas e aos Fiéis Leigos Sobre o Anúncio do Evangelho no Mundo Atual». Acedido a 5 de março de 2022. <https://shre.ink/mO8f>.

Francisco. «*Fratelli tutti* : carta encíclica sobre a fraternidade e a amizade social». Acedido a 5 de março de 2022. <https://shre.ink/cPg6>.

HBSC/OMS. «A Saúde dos Adolescentes Portugueses em Contexto de Pandemia 2022». Acedido a 22 de fevereiro de 2023. <https://shre.ink/ccHT>.

Laghi. «A Escola Católica No Limiar do Terceiro Milénio». Acedido a 23 de setembro de 2022. <https://shre.ink/cPsW>.

Leão, G., e Ribeiro, P. «O direito à escolha de uma escola com projeto educativo católico». Acedido a 3 de dezembro de 2022. <https://doi.org/10.7559/gestaoedesenvolvimento.2016.340>.

Ministros dos Negócios Estrangeiros do Conselho da Europa. «Livro Branco sobre o Diálogo Intercultural: Viver juntos em igual Dignidade». Acedido a 15 de agosto de 2022. <https://bityli.com/yjweeYju>.

Moreira, Hugo. «Os mais novos estão cada vez mais ligados aos dispositivos: quais os riscos e como gerir?». Acedido a 21 de fevereiro de 2023. <https://shre.ink/ccxy>.

Morin, Edgar. «É preciso educar os educadores». Entrevista à revista Fronteiras do Pensamento. Acedido a 15 de setembro de 2022. <https://shre.ink/cPo1>.

ONU. «Declaração Universal dos Direitos Humanos». Acedido a 22 de setembro de 2022. <https://shre.ink/mXJkJ>.

Paulo VI. «*Gravissimum Educationis*, sobre a educação cristã». Acedido a 2 de setembro de 2022. <https://shre.ink/cPsQ>.

Paulo VI. «*Populorum Progressio*, aos Bispos, Sacerdotes, Religiosos, Fiéis e a Todos os Homens de Boa Vontade, Sobre o Desenvolvimento dos Povos». Acedido a 2 de novembro de 2022. <https://shre.ink/cPDV>.

Relatório Mundial da UNESCO. «Investir na diversidade cultural e no diálogo intercultural». Acedido a 16 de setembro de 2022. <https://shre.ink/cPsM>.

Secretariado-Geral do Conselho da União Europeia, «Comunicação Inclusiva». Acedido a 20 de março de 2023. <https://shre.ink/kyq7>.

Serrão, C. Martins, T. Rocha, R. M. «Guia para uma Comunicação Inclusiva». Acedido a 8 de dezembro de 2022. <https://hdl.handle.net/10216/128996>.

Soares, H. «Novo grupo interinstitucional sobre linguagem inclusiva» in A folha, n.º 55, Boletim da língua portuguesa nas instituições europeias. Acedido a 13 de outubro de 2022, <http://ec.europa.eu/translation/portuguese/magazine>.

Versaldi, Giuseppe. «Educar ao Humanismo Solidário: para construir uma “civilização do amor”, 50 anos após a *populorum progressio*». Acedido a 1 de setembro de 2022. <https://shre.ink/cPs7>.

Versaldi, Joseph. «A identidade da Escola católica para uma cultura do diálogo». Acedido a 25 de janeiro de 2022. <https://shre.ink/Hf5>.




Livro eletrónico

Matos, Margarida. *Adolescentes, As Suas Vidas, o Seu Futuro*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2020. Ebook Reader.

Matos, Margarida. *Adolescentes*. Lisboa: Oficina do Livro, 2022. Ebook Reader.

ANEXOS

Anexo 1

	Agrupamento de Escolas Alberto Sampaio Educação Moral e Religiosa Católica Unidade Letiva 3 – Riqueza e Sentido dos Afetos	 Agrupamento de Escolas Alberto Sampaio AESAS
Sumário: A adolescência e o desenvolvimento da pessoa.		Data: 25/03/2022
Objetivos:		Turma: 7.º E
<ul style="list-style-type: none">✓ Reconhecer os temas a abordar nesta unidade letiva;✓ Definir o conceito de afeto;✓ Identificar os aspetos essenciais que caracterizam a Adolescência;✓ Definir o conceito de adolescência;✓ Caracterizar as etapas da adolescência;✓ Identificar as mudanças fisiológicas e mentais ocorridas na adolescência.		Aula: 1
 Sugestão de Leitura: <u><i>O Diário de Anne Frank</i></u>		Doc. 1

O que são afetos?

Não somos indiferentes ao mundo que nos rodeia, antes pelo contrário, somos positiva ou negativamente afetados pelas coisas, pelas pessoas, pelas situações, etc. Dito de outra forma, a nossa relação com o mundo produz em nós experiências agradáveis ou desagradáveis, de prazer ou de dor, de satisfação ou de insatisfação, etc. A este tipo de experiências que se caracterizam por uma interação positiva ou negativa com o mundo dá-se o nome de "afetos".

A principal marca dos **afetos** é a sua bipolaridade. Essa bipolaridade desempenha um papel fundamental na nossa sobrevivência e na nossa adaptação ao mundo, pois, uma vez que nos leva a aproximar daquilo que nos faz sentir bem e a afastar daquilo que nos faz sentir mal, orienta o nosso comportamento no sentido de assegurar a satisfação das nossas necessidades.

Existem diferentes tipos de afetos. As **emoções** distinguem-se de outros tipos de afetos, pois referem-se a reações intensas e de curta duração, que se caracterizam por um conjunto de alterações fisiológicas no organismo e que se manifestam por um conjunto de sinais visíveis e facilmente reconhecíveis por aqueles que nos rodeiam.

Os **sentimentos**, por sua vez, são um tipo de afeto que corresponde a estados psíquicos mais íntimos e privados, relativamente estáveis e de intensidade moderada, que se prolongam no tempo. Correspondem a um processo de tomada de consciência e interiorização da forma como somos afetados por esta ou por aquela realidade.

Assim, ao contrário das emoções, que têm uma forte componente expressiva e comunicacional, voltada para o exterior, os sentimentos são vividos numa esfera interior, íntima e privada, sem que se manifestem necessariamente aos outros.

(Adaptação: Psicologia em Ação, Edições Asa, 2015. p. 125.)

Afeto: estado mental que corresponde a uma avaliação positiva ou negativa da realidade.

Emoção: estado do organismo decorrente de uma situação que desencadeia alterações psicológicas e expressivas internas e de curta duração.

Sentimento: tipo de afeto que corresponde a estados psíquicos mais íntimos e privados, relativamente estáveis e de intensidade moderada, que se prolongam no tempo. Envolve a tomada de consciência e interiorização da forma como somos afetados por esta ou por aquela realidade.

1. Regista as palavras que não conheces.

- _____
- _____
- _____
- _____

2. Estabelece a correspondência adequada entre a coluna A e a coluna B.

Coluna A

Coluna B

1.



a. Alegria

2.



b. Tristeza

3.



c. Medo

4.



d. Cólera (ou raiva)

5.



e. Surpresa

6.





f. Nojo (ou aversão)

3. Cenários de relações afetivas. Completa as frases.

Estás no corredor da escola e ouves colegas a dizer mal de um amigo teu pelas costas. Enquanto seu/sua amigo/a eu...

Um amigo/a convida-te para ires ver um filme, mas tu já combinaste ir ver com outro/a amigo/a. O que sentes e fazes?

Anexo 2

	Agrupamento de Escolas Alberto Sampaio Educação Moral e Religiosa Católica Unidade Letiva 3 – Riqueza e Sentido dos Afetos	
Sumário: A adolescência e o desenvolvimento da pessoa. Objetivos: <ul style="list-style-type: none">✓ Identificar os aspetos essenciais que caracterizam a adolescência;✓ Definir o conceito de adolescência;✓ Identificar as mudanças fisiológicas e mentais ocorridas na adolescência.		Data: 01/04/2022 Turma: 7.º E Aula: 2
Sugestão de leitura: <i>O Diário de Anne Frank</i>		Doc. 2
Sugestão de filme: <i>Anne Frank, Minha Melhor Amiga</i>		

A adolescência

A **adolescência** é uma etapa importante deste ciclo de crescimento e desenvolvimento. É um período extraordinário na vida de todas as pessoas, pois é nela que cada indivíduo descobre a sua identidade e define a sua personalidade. É uma época da vida marcada por profundas transformações fisiológicas, psicológicas, pulsionais, afetivas, intelectuais e sociais vivenciadas num determinado contexto cultural. É uma dinâmica de passagem entre a infância e a idade adulta. Nesse processo, acontecem mudanças que conduzem à reformulação dos valores adquiridos na infância. O mundo social alarga-se e nasce uma grande preocupação com o que os outros pensam de nós.

Adolescência: fase da vida humana entre a infância e a idade adulta, aproximadamente entre os 10 e os 18 anos, que se caracteriza por mudanças físicas e psicológicas que ocorrem desde a puberdade até ao completo desenvolvimento do organismo.

(Adaptado: Manual do aluno, Quero Saber!, 7.º ano, Gráfica Almondina - Torres Novas, 2015. P. 90.)

4. Regista as palavras que não conheces.

- _____
- _____

5. Que mudanças ocorrem no período da adolescência?

6. Consulta o teu manual na página 92 e assinala as opções corretas.

Que mudanças físicas ocorrem nas raparigas e nos rapazes durante a adolescência?

Alargamento da anca.

--	--

Queda de cabelo.	
Crescimento de pelos.	
Queda dos dentes de leite.	
Aparecimento de barba.	
Desenvolvimento mamário.	

O comportamento

É um e o mesmo o adolescente, que adora a mãe, o pai, o avô e a avó, que depois parece possesso a protestar que não quer comer peixe, ou que quer gelado, ou que a cama está malfeita.

É um e o mesmo adolescente que adora a família e que, depois de comer, deixa todos os restos na mesa, para alguém levar para a cozinha e pôr a loiça a lavar.

É um e o mesmo adolescente que fica furioso porque quer mesmo uma t-shirt «assim» e uns ténis «assado» e, nesse mesmo dia, os deixa num canto do quarto, exalando um cheiro pouco agradável, ou os deixa no sofá da sala, ou ainda pelo corredor fora.

É um e o mesmo adolescente que come a correr, calado e com o nariz no smartphone e que, quando chamado à atenção, diz que estão todos cotas e que agora não é só ele, mas toda a gente, que come a jogar no smartphone ou na consola e a ver *Tik Tok*.

É um e o mesmo adolescente que faz juras comoventes porque quer mesmo um cãozinho bebé para lhe fazer companhia e para tomar conta (ou um gatinho, um periquito, um peixinho, uma tartaruga, um porquinho-da-índia, etc.), e passado um tempo curto, já é preciso lembrar (por vezes em conflito) de que o bichinho precisa de cuidados, que inevitavelmente ficam atribuídos aos pais.

É um e o mesmo adolescente que dá beijinhos aos pais (ainda que algo embaraçado e, minutos depois, está a bater com a porta e a recolher-se no quarto, bem zangado por uma coisa qualquer aparentemente de «pouca importância» (como aliás nos acontecia em pequenos, quando oscilávamos entre birras e mimos, entre choros e risos).

Margarida Matos, *Adolescentes*, Oficina do Livro, 2022, p. 24. Ebook Reader.

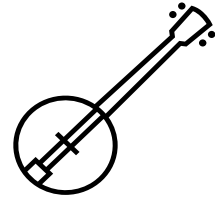
7. O comportamento dos adolescentes é caracterizado pela...

constante tensão ou nervosismo.	
dificuldade em dormir.	
falta de vontade de se relacionarem entre si.	
vontade de experimentar coisas novas.	

Lê e sublinha as frases que enfatizam as características da

Não há estrelas no céu

Não há estrelas no céu a dourar o meu caminho,
Por mais amigos que tenha sinto-me sempre sozinho.
De que vale ter a chave de casa para entrar,
Ter uma nota no bolso pr'a cigarros e bilhar?



A primavera da vida é bonita de viver,
Tão depressa o sol brilha como a seguir está a chover.
Para mim hoje é Janeiro, está um frio de rachar,
Parece que o mundo inteiro se uniu pr'a me tramar!

Passo horas no café, sem saber para onde ir,
Tudo à volta é tão feio, só me apetece fugir.
Vejo-me à noite ao espelho, o corpo sempre a mudar,
De manhã ouço o conselho que o velho tem pr'a me dar.




A primavera da vida é bonita de viver,
Tão depressa o sol brilha como a seguir está a chover.
Para mim hoje é Janeiro, está um frio de rachar,
Parece que o mundo inteiro se uniu pr'a me tramar!

Vou por aí às escondidas, a espreitar às janelas,
Perdido nas avenidas e achado nas vielas.
Mãe, o meu primeiro amor foi um trapézio sem rede,
Sai da frente por favor, estou entre a espada e a parede.

Não vês como isto é duro, ser jovem não é um posto,
Ter de encarar o futuro com borbulhas no rosto.
Porque é que tudo é incerto, não pode ser sempre assim,
Se não fosse o Rock and Roll, o que seria de mim?

(...)

(Carlos Tê e Rui Veloso)

	<p align="center">Agrupamento de Escolas Alberto Sampaio Educação Moral e Religiosa Católica Unidade Letiva 3 – Riqueza e Sentido dos Afetos</p>	 <p align="right">Agrupamento de Escolas Alberto Sampaio AESAS</p>
<p>Sumário: A construção da personalidade. Objetivos:</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Definição do conceito de pessoa; ✓ Definição do conceito de personalidade; ✓ Compreender a relação entre os conceitos de pessoa e personalidade; ✓ Reconhecer a família e os grupos sociais como elementos fundamentais na construção da personalidade. 		<p>Data: 01/04/2022 Turma: 7.º E Aula: 3</p>
<p> Sugestão de Leitura: <u><i>O Príncipezinho</i></u></p>		<p>Doc. 3</p>

Persona e pessoa

«Pessoa» é todo o ser humano, biológico, mas também social e moral. Ao procurarmos a origem da palavra pessoa (no latim, persona), encontraremos como significado «máscara que os atores do teatro grego usavam para cobrir o rosto durante as suas representações». A sua função era a de dar a aparência que o papel a representar exigia, transformando o ator em personagem, podendo ser, naturalmente, diferente da do próprio ator. Se o ator representar bem o seu papel terá o aplauso do público; caso contrário, não terá sido convincente e será vaiado. A transposição desta realidade pode ser feita para a vida social. Se representarmos bem os nossos papéis sociais seremos aceites; mas, se o nosso desempenho se desviar do que é esperado, seremos «vaiados» e não aceites socialmente.

Persona (latim)
 máscara usada pelos atores gregos; ator, personagem.
 As máscaras indicam o comportamento esperado.

Pessoa não é só um indivíduo, com a sua herança biológica - homem, mulher, moreno, alto, magro, etc. - e características físicas que o definem, mas é, também, o ser que se dá a conhecer pela máscara que usa, isto é, um ser «moldado» pelo meio físico, cultural e social em que vive.

8. Regista as palavras que não conheces.
 - _____
 - _____
9. Completa, na tua máscara, a seguinte frase: durante o meu dia represento várias personagens.

Pessoa e personalidade

Pessoa e personalidade são dois termos que se relacionam de forma próxima, embora com diferenças entre eles. A personalidade é mais uma característica que permite distinguir os indivíduos; é como a maneira de «representar» específica de um indivíduo; é a sua «máscara». Pode ser definida como o conjunto de características psicológicas que determinam a individualidade pessoal e social dos seres humanos.

Pessoa
 Característica do indivíduo dotado de personalidade.

Personalidade
 É a organização dinâmica, no interior do indivíduo, dos sistemas psicofísicos que determinam a sua adaptação ao meio, de uma maneira que lhe é única.
 Pode ser entendida como o sistema de tendências do comportamento total de uma pessoa.

Falar da personalidade de alguém é referir-nos a uma maneira de agir esperada em determinadas situações. Representa uma tendência comportamental previsível em face de certas circunstâncias. Já nos referimos, certamente, a alguém afirmando que o seu comportamento é próprio da sua personalidade.

O processo de formação da personalidade é complexo (resulta da interação de inúmeros intervenientes), gradual (a personalidade forma-se ao longo de muitos anos), e único (o processo de formação da personalidade é exclusivo de cada um de nós). A personalidade é um conceito que implica dinamismo e integra todo o processo de crescimento e desenvolvimento do sistema

psicológico e físico do indivíduo, em interação com o que o rodeia, e que determina a sua adaptação ao meio, de uma maneira única. Assim, qualquer indivíduo, ao ser uma pessoa, é portador de uma personalidade única, o que nos permite afirmar que pessoa é a característica do indivíduo dotado de personalidade.

(Adaptação: Área de Integração, Texto Editores, 2015. p. 6.)

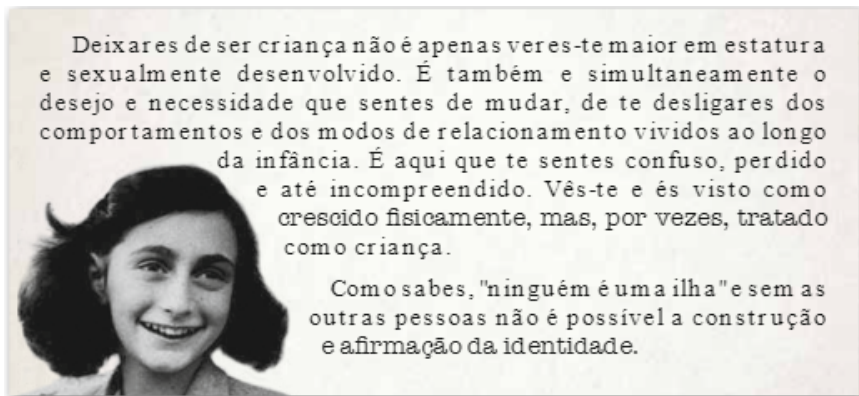
10. Regista as palavras que não conheces.

- _____
- _____
- _____
- _____

11. O “eu” que representamos para os outros pode ser aplaudido ou não. Explica porquê.

12. Preenche os espaços com as seguintes palavras: **distingue; papeis; gradual; complexo; exclusivo.**




Podemos afirmar que somos todos atores sociais porque, ao longo da nossa vida, vamos assumindo vários **A.** _____, adaptando-nos às diferentes etapas e circunstâncias da vida. É a personalidade do indivíduo que o **B.** _____ dos outros. O processo de formação da personalidade é **D.** _____ porque envolve vários fatores, é **E.** _____ porque se faz etapa a etapa, e é único porque é **F.** _____ de cada indivíduo.



Durante toda a sua vida, o ser humano organiza-se em **grupos que influenciam a construção da sua personalidade**: a família, os grupos escolares, os amigos, o grupo desportivo e os grupos paroquiais são os mais comuns e significativos. Esta dimensão torna-se essencial para a definição da própria identidade, que é ao mesmo tempo individual e social. O contributo destes grupos sociais permite perceber que, afinal, não se está só e que a realização e felicidade é, também, fruto de uma teia de relações interpessoais.



13. Qual é o contributo e a importância dos diferentes grupos sociais – família, escola, amigos – na formação da personalidade?

	Agrupamento de Escolas Alberto Sampaio Educação Moral e Religiosa Católica Unidade Letiva 3 – Riqueza e Sentido dos Afetos	 Agrupamento de Escolas Alberto Sampaio AESAS
Sumário: Preocupações e desafios dos adolescentes Objetivos: <ul style="list-style-type: none"> ✓ Caracterizar os desafios e preocupações dos adolescentes; ✓ Reconhecer a importância do amor e do cuidado para o desenvolvimento afetivo e social dos adolescentes. 		Data: 01/04/2022 Turma: 7.º E Aula: 4
 Sugestão de Leitura: <u><i>O Príncipezinho</i></u>		Doc. 4

Crescer

Crescer é uma experiência admirável e um desafio constante a olhar com confiança para as preocupações que as mudanças trazem. A vida torna-se um grande desafio. É necessário aprender a conviver com um corpo diferente a desenvolver-se, nem sempre como o desejado. As diferentes alterações duma personalidade em formação, normais e naturais em todas as pessoas, podem, no entanto, criar algumas preocupações.

Estar preocupado não é uma situação-problema em si, e até pode servir para nos proteger e para que pensemos duas vezes antes de arriscar demais. No entanto, quando as preocupações se tornam invasivas no nosso dia a dia, quer por serem demasiado intensas, quer por serem demasiado frequentes, podem afetar seriamente o nosso bem-estar, e podem ter graves repercussões na nossa saúde física e mental. Tal acontece connosco ao atravessar a adolescência.

Quando temos 5 anos, podemos dizer algo apetitoso como isto: «Eu não tenho preocupações. Eu tenho uma mãe e ela resolve tudo o que me preocupa!», mas com a passagem dos anos esta competência maternal deixa de funcionar e o adolescente fica entregue a si próprio e às suas preocupações.

Margarida Matos, *Adolescentes*, Oficina do Livro, 2022, p. 40. Ebook Reader.

Preocupações físicas

“O corpo. Este admirável recipiente de emoções e que vai tornar-se, para muitas pessoas, a eterna obsessão na procura do belo e perfeito corpo. O corpo será «o Ferrari desejado» e tudo valerá para se obter aquela imagem que desejam que o espelho projete, mesmo que o próprio corpo não o permita ou traia esse reflexo, mas o desejo e os meios ao dispor venderão este sonho, mas onde a fatura a pagar poderá ser alta de mais. A acompanhar com muita atenção.”

Nuno Loureiro, investigador, IPBEJA & ISAMB, Universidade de Lisboa.

Preocupações sociais

Há o perigo de o adolescente adquirir o hábito de se refugiar em si mesmo, tornando-se ainda mais tímido, não ousando enfrentar o mundo que o rodeia. Isolar-se do seu círculo de amigos e familiares, fugindo da realidade, pode conduzi-lo a reações de medo ou de agressão. Um adolescente fechado sobre si próprio terá seguramente dificuldades em olhar para o mundo que o rodeia e viver de uma forma confiante, segura e tranquila.

Mas nem tudo está perdido. É sempre possível reforçar a autoestima relacionando-se com pessoas que aceitam os outros como eles são, ou, por exemplo, dedicando-se a atividades onde se consegue ter sucesso.

14. Regista as palavras que não conheces.

•

-

Preocupações afetivas

Desejar e ser desejado, ser reconhecido pelos outros como alguém diferente e único, passa a ser central na vida do adolescente.

Um desgosto de amor ou uma rejeição por parte de um(a) colega tende a diminuir a autoestima, duvidando até de se ser digno do amor dos outros; por vezes, os amigos ou a família fazem observações a esse respeito que ainda pioram a situação, podendo provocar problemas emocionais e relacionais, de difícil resolução.

Esta falta de estabilidade corresponde à ansiedade e insegurança que acompanham o adolescente no seu mundo interior, no qual estão em jogo, por um lado, a dor pela infância perdida e, por outro, a dificuldade em satisfazer os seus desejos.

Desafio do amor

Alguém dizia que o amor é como uma inflamação. Tem uma componente ligada ao pensamento: torna-se muitas vezes uma ideia tão fixa que não nos larga e que interfere em tudo, até nos estudos e na concentração nas aulas. Tem também uma componente de paixão e de desejo, que é muito difícil de gerir e ainda mais de regular, de modo a continuar as tarefas habituais do dia a dia. Os amores são também um assunto muito difícil de falar, entre pais e filhos.

Amor e paixão

A paixão, além da ideia fixa e tendência para o devaneio, «dá borboletas no estômago», tremor nas pernas, arrepios pelo corpo todo, vontade de tocar e de estar próximo. Também nos faz ficar mais apatetados do que habitualmente. Alguns adolescentes referem, por exemplo, que nos primeiros encontros em que até queriam ser interessantes, tudo o que lhes saía pela boca tendia a oscilar entre a banalidade e o disparate. Terrível mesmo!

Margarida Matos, *Adolescentes, As Suas Vidas, o Seu Futuro*, Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2020, p. 77. Ebook Reader.

15. Regista as palavras que não conheces.

- _____
- _____
- _____

16. Que preocupações e desafios encontras na tua experiência de adolescente?



O essencial é invisível aos olhos

– Vai ver outra vez as rosas. Compreenderás que a tua é única no mundo. Quando voltares para me dizer adeus, faça-te presente de um segredo.

O príncipezinho foi ver outra vez as rosas.

– Vocês não são nada parecidas com a minha rosa; ainda não são nada, disse-lhes ele. Ninguém vos cativou, nem cativaram ninguém. Vocês são como era a minha raposa. Mas fiz dela minha amiga e agora é única no mundo.

As rosas ficaram bastante aborrecidas.

– Vocês são belas, mas vazias, disse-lhes ainda o príncipezinho. Ninguém vai morrer por vocês. É certo que, quanto à minha rosa, qualquer vulgar transeunte julgará que ela se vos assemelha. Mas, sozinha, ela vale mais do que vocês todas juntas, porque foi ela que eu reguei. Porque foi ela que eu pus numa redoma. Porque foi ela que abriguei com um biombo. Porque foi por causa dela que matei as lagartas (exceto duas ou três para as borboletas). Porque foi ela e só ela que ouvi lamentar-se ou gabar-se, ou mesmo, por vezes, calar-se. Porque é a minha rosa.

E voltando para junto da raposa:

– Adeus, disse ele.

– Adeus, disse a raposa. Vou dizer-te o meu segredo. É muito simples: só se vê bem com o coração. O essencial é invisível para os olhos.

– O essencial é invisível para os olhos, repetiu o príncipezinho, a fim de se recordar.

– Foi o tempo que perdeste com a tua rosa que tornou a tua rosa tão importante.

– Foi o tempo que perdi com a minha rosa... repetiu o príncipezinho, a fim de se recordar.

– Os homens esqueceram esta verdade. Mas tu não deves esquecê-la. Ficas para sempre responsável por aquele que cativaste. És responsável pela tua rosa.




– Sou responsável pela minha rosa, repetiu o príncipezinho, a fim de se recordar.



Antoine de Saint-Exupéry
(1900-1944), *O Príncipezinho*

17. Comenta a afirmação do Príncipezinho: “Foi o tempo que perdeste com a tua rosa que tornou a tua rosa tão importante”.

18. Escreve no teu cartão, com a caneta de tinta invisível, uma palavra ou frase que demonstre o cuidado e o afeto que tens pelo(a) colega do lado. Troca o cartão com ele(a) e descobre o que sente por ti.

	<p align="center">Agrupamento de Escolas Alberto Sampaio Educação Moral e Religiosa Católica Unidade Letiva 3 – Riqueza e Sentido dos Afetos</p>	
<p>Sumário: O agir moral e a mensagem cristã sobre a felicidade. Objetivos:</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Clarificação etimológica do termo moral; ✓ Definir o conceito de moral; ✓ Caracterizar as normas morais; ✓ Clarificar à luz da mensagem cristã a dignidade da pessoa humana. 		<p>Data: 06/05/2022 Turma: 7.º E Aula: 5</p>
<p> Sugestão de Leitura: <i>Ética para Um Jovem</i> de Fernando Savater.</p>		<p>Doc. 5</p>

O agir moral

Ao descobrirmo-nos como seres sociais vamos percebendo que nem tudo o que fazemos é correto. Temos consciência do bem e do mal por aquilo que aprendemos dos pais, dos professores, dos catequistas. Muitas vezes agimos apenas para lhes agradar. Mas agora começamos a ter consciência pessoal das consequências das ações e a entender o que devemos fazer. À capacidade de discernir e de fazer o bem a si próprio e aos outros, chamamos moral. E o crescimento moral é tão importante como o crescimento intelectual ou afetivo.

O conceito de **moral** provém do termo latino *mores*, que significa hábitos ou costumes.

As **normas morais** são regras de comportamento adotadas em sociedade que visam perseguir valores como os de bem, justiça, dignidade, liberdade, permitindo aos indivíduos distinguir as ações corretas das incorretas.

19. Regista as palavras que não conheces.

- _____
- _____

Lê atentamente os seguintes dilemas.

Dilema 1

Um amigo quer contar-lhe um segredo, mas antes de o fazer pede que lhe prometa não contar a ninguém. Dá sua palavra. O seu amigo confessa-lhe que atropelou uma pessoa e, que por isso, se vai refugiar na casa de um familiar. Sabe quem é o familiar e onde mora. A polícia após algumas investigações suspeita que o seu amigo é o causador dos graves ferimentos da pessoa atropelada. Acaba por ser convocado para depor.

20. Que normas morais estão em conflito? O que deve fazer?

Dilema 2

António é encarregue pelo diretor do museu em que trabalha de transportar um precioso quadro para o museu da cidade mais próxima. Ao passar por um rio, repara que uma jovem se está a afogar. Imediatamente salta para a água sem tirar o fato que um amigo lhe emprestou. Como nada mal, usa o quadro para flutuar e tentar chegar à jovem que está em situação aflitiva. Apesar de todos os seus esforços, não consegue salvar a rapariga. O quadro fica irremediavelmente danificado, e o mesmo acontece com o fato do amigo.

21. Agiu bem?

22. Regista as palavras que não conheces.

- _____
- _____

Ama e faz o que quiseres

Se calares, calarás com amor; se gritares, gritarás com amor; se corrigires, corrigirás com amor; se perdoares, perdoarás com amor. Se tiveres o amor enraizado em ti, nenhuma coisa senão o amor serão os teus frutos.

Santo Agostinho (354-430)



Santo Agostinho tornou-se cristão já na idade adulta. Foi um entusiasta do cristianismo no Norte de África e viveu uma profunda relação com Deus. Este texto é um comentário a um versículo bíblico (“Aquele que não ama não chegou a conhecer a Deus, pois Deus é amor” – 1Jo 4,8) e expressa a plenitude de um amor apaixonado, pleno e verdadeiro. Amar é entrar na beleza que é Deus, ou seja, é viver de forma livre, alegre, em harmonia com todos e sem malícia ou vontade de fazer o mal. O limite do amor encontra-se no “rosto do outro” que é preciso amar e cuidar... amar sem medida! Amar é saber silenciar porque há palavras que ferem, amar é corrigir e chamar a atenção, sem julgar nem condenar. **Tudo o que fizermos... façamo-lo com amor.**



23. Comenta a afirmação de Santo Agostinho “Ama e faz o que quiseres”.
